

PROCESSO N.º

22862

ANO

1982

24.635



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico,
Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT

22862

PROCESSO N.º

INTERESSADO: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

PROCEDÊNCIA: CAMPINAS

DATA: 16/11/82

REPARTIÇÃO:

N.º DE ORDEM DO PAPEL:

ASSUNTO: Estudo de tombamento do edifício do Mercado Municipal
de Campinas

recapeado em 03/09/84 - W.P.

ck

CONDEPHAAT

PROCESSO N.º

22362/82

Ao

Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo
- CONDEPHAAT

Senhor Presidente,

Estão estabelecidas as seguintes características para o processo identificado pelo número acima.

Data de abertura	<u>16/11/82</u>	Técnico responsável	<u>Dr.ª. Maria Lúcia M. de Moraes</u> <u>Dr. Antonio Luiz D. de Andrade</u>	
Posse atual da documentação	<u>Condephaat</u>		Setor	<u>STA</u>

Data Prevista para Encerramento	
---------------------------------	--

Processo apensado ao processo n.º		Processo de referência	
-----------------------------------	--	------------------------	--

INTERESSADO	<input type="checkbox"/> Pessoa Física.		<input type="checkbox"/> Pessoa Jurídica.		<input checked="" type="checkbox"/> Poder Público.		
	Nome	<u>Prefeitura municipal de Campinas</u>					
	RG / CNPJ	<u>-</u>	Telef.	<u>-</u>	CEP	<u>13100</u>	
	Ender.	<u>-</u>	Bairro	<u>-</u>			
	Mun.	<u>Campinas</u>				UF	<u>SP</u>

LOCAL	Ender:	<u>-</u>				
	Bairro:	<u>-</u>	N.º do contribuinte	<u>-</u>		
	Município	<u>Campinas</u>			Município cód. n.º	<u>-</u>

SITUAÇÃO	<input type="checkbox"/> Denúncia	<input type="checkbox"/> Solicitação de regularização	<input type="checkbox"/> Pedido de Certidão.
	<input type="checkbox"/> Solicitação de informações	<input checked="" type="checkbox"/> Pedido de tombamento	<input type="checkbox"/> Retorno de informações (inf. Processo)
	<input type="checkbox"/> Solicitação de aprovação	<input type="checkbox"/> Pedido de qualificação como Estância	<input type="checkbox"/> Outra
	Outra:		

ASSUNTO	<input type="checkbox"/> Projeto	<input type="checkbox"/> Informações Gerais	<input type="checkbox"/> Cartazes/ Painéis/ Anúncios	<input type="checkbox"/> Alteração Ambiental.
	<input type="checkbox"/> Obra	<input type="checkbox"/> Reforma	<input type="checkbox"/> Diretrizes	<input type="checkbox"/> Pesquisa Mineral
	<input type="checkbox"/> Serviços de Conservação	<input checked="" type="checkbox"/> Tombamento	<input type="checkbox"/> Demolição.	<input type="checkbox"/> Extração Mineral
	<input type="checkbox"/> Alteração do Sistema Viário	<input type="checkbox"/> Mudança de Uso	<input type="checkbox"/> Restauração	<input type="checkbox"/> Outro (especificar abaixo)

Outro:	
--------	--

N.º Processo CADAN (Somente para Cartazes / Painéis / Anúncios)	
--	--

OBJETO	<input type="checkbox"/> Área natural.	<input type="checkbox"/> Sítio Arqueológico	<input type="checkbox"/> Área envoltória de Edificação tombada.
	<input checked="" type="checkbox"/> Edificação.	<input type="checkbox"/> Bem Móvel.	<input type="checkbox"/> Área envoltória de Núcleo Histórico tombado.
	<input type="checkbox"/> Núcleo Histórico.	<input type="checkbox"/> Patrimônio Imaterial	<input type="checkbox"/> Área envoltória de Sítio Arqueológico tombado.
	<input type="checkbox"/> Segmento Urbano.	<input type="checkbox"/> Área envoltória de Área Natural tombada	<input type="checkbox"/> Outro.

São Paulo, 26 de Julho de 2001

Kelly Cristina
Assinatura



Prefeitura Municipal de Campinas

Campinas, 19 de julho de 1982

Ilmo. Sr.
Dr. Ruy Ohtake
MD. Presidente do CONDEPHAAT
Rua Líbero Badaró, 39 - 11º andar
São Paulo - SP

à Sr
Solicitado colocar na
ajuda de nova
trava para reunião.
DM
RUY OHTAKE
PRESIDENTE
29.07.82

TOMBAMENTO DE PRÉDIO

Senhor Presidente,

Campinas vem pagando, nestes últimos tempos, no terreno do seu patrimônio histórico, um ônus realmente ponderável ao desenvolvimento da vida moderna. Seus prédios antigos - reminiscências valiosas do seu passado - estão sendo demolidos para dar lugar a edifícios novos, quer para fins residenciais, quer para fins comerciais, quer para fins industriais. E, com isso, a fisionomia do centro tipicamente colonial da cidade, que chegou a hospedar Sua Majestade D. Pedro II, e que encarna uma fase distante de sua existência, está sendo sacrificada, em nome do progresso atual, com inegável prejuízo aos anais da sua história.

Nestas condições se acha o prédio do Mercado Municipal, uma das reservas históricas de Campinas, construída em 1907 e inaugurada no dia 12 de abril de 1908, que parece fadada, mais dia, menos dia, ao mesmo fim: o desaparecimento puro e simples.

Como se trata de construção de características vetustas, curiosas, e que guarda a tradição de um passado importante nos fastos da cidade, no princípio deste século, urge preservá-la como recordação de um tempo na marcha de todos os tempos.



Prefeitura Municipal de Campinas

3

Todo presente, como sabe essa operosa Presidência, vem do passado em busca do futuro. Por isso mesmo, é imperioso guardar, no futuro, com providências do presente, traços rememorativos do passado, sobretudo pela estrutura física dos edifícios cujos traços arquitetônicos configurem o estilo de uma época que outra época vem absorvendo.

Assim, com a finalidade de evitar o desaparecimento daquele prédio, do Mercado Municipal, venho solicitar, com o mais vivo empenho, o seu TOMBAMENTO, por parte desse Conselho, como patrimônio histórico de Campinas.

Aguardando instruções dessa operosa Presidência com relação ao processo a ser desenvolvido para consecução desta idéia, antecipo-lhe os meus sinceros agradecimentos, renovando-lhe os protestos de minha elevada consideração e apreço.

DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL
Prefeito Municipal



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
RUA LÍBERO BADARÓ, 39 - SÃO PAULO - CEP 01009 - PABX - 257-1311

4
[Handwritten signature]

- C O N D E P H A A T -

São Paulo, 11 de agosto de 1982.

Ofício SE-831/82

Senhor Prefeito

Temos a honra de acusar o recebimento da carta de Vossa Excelência de 19 de julho último, solicitando o tombamento do prédio em que se encontra instalado o Mercado Municipal, nessa Cidade.

Vimos, também, comunicar-lhe que o assunto mereceu a melhor acolhida deste Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT, todavia, para que possamos estudar o mérito da propositura, necessitamos de documentação hábil sobre o imóvel conforme a Ordem de Serviço nº 01/81, anexa.

Louvando a iniciativa de Vossa Excelência pelo zelo demonstrado na salvaguarda dos bens culturais e no aguardo das providências solicitadas, aproveitamos a oportunidade para apresentar-lhe nossos protestos de alta estima e distinta consideração.

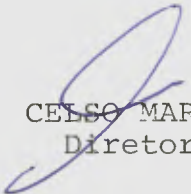
Atenciosamente,

CELSO MARCHI
Diretor

Senhor
DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL
DD. Prefeito Municipal de
CAMPINAS - SP
CEP - 13.100

Aguarde-se na SAC resposta do ofício
retro.

CONDEPHAAT/SE., 12 de agosto de 1982.



CELSON MARCHI
Diretor



Prefeitura Municipal de Campinas

Of. n.º 432/82
Prot. n.º 25.359/82

Campinas, 14 de outubro de 1982

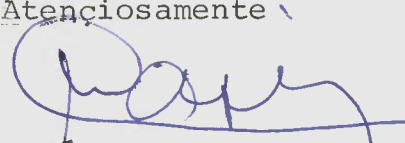
TOMBAMENTO DE PRÉDIO - MERCADO MUNICIPAL

Senhor Diretor:

Em atenção ao pedido de seu ofício SE-831/82, de 11 de agosto transato, estamos anexando ao presente a documentação coletada pela Secretaria Municipal de Cultura, Esportes e Turismo desta Prefeitura, e que poderá servir de base ao processo de Tombamento, por parte desse Conselho, do prédio do Mercado Municipal de Campinas -- assunto levantado pelo meu ofício do dia 19 de julho deste ano, também incluso ao processo.

Na certeza de que, com as informações ora prestadas, o assunto se avie e o aludido prédio seja convenientemente tombado, valho-me do ensejo para renovar - lhe os protestos de minha elevada consideração e apreço.

Atenciosamente \


DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL
PREFEITO MUNICIPAL

Ilmo. Senhor
CELSO MARCHI
M.D. Diretor do CONDEPHAAT
Rua Líbero Badaró, 39
SÃO PAULO
Para/selma.-

Sme



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

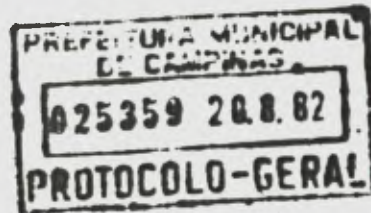
RUA LIBERO BADARÓ, 39 - SÃO PAULO - CEP 01009 - PABX - 257-1311 - 2/273

CONDEPHAAT

São Paulo, 11 de agosto de 1982.

Ofício SE-831/82

Senhor Prefeito



Temos a honra de acusar o recebimento da carta de Vossa Excelência de 19 de julho último, solicitando o tombamento do prédio em que se encontra instalado o Mercado Municipal, nessa Cidade.

Vimos, também, comunicar-lhe que o assunto mereceu a melhor acolhida deste Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT, todavia, para que possamos estudar o mérito da propositura, necessitamos de documentação hábil sobre o imóvel conforme a Ordem de Serviço nº 01/81, anexa.

Louvando a iniciativa de Vossa Excelência pelo zelo demonstrado na salvaguarda dos bens culturais e no aguardo das providências solicitadas, aproveitamos a oportunidade para apresentar-lhe nossos protestos de alta estima e distinta consideração.

Atenciosamente,

CELSO MARCHI
Diretor

Senhor
DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL
DD. Prefeito Municipal de
CAMPINAS - SP
CEP - 13.100

Ao D.E., para oficiar.

11 OUT 1982


DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL
PREFEITO MUNICIPAL

**CONSELHO DE DEFESA DO PATRIMÔNIO
HISTÓRICO, ARQUEOLÓGICO,
ARTÍSTICO E TURÍSTICO
DO ESTADO**

Ordem de Serviço 1-81

Dispõe sobre o recebimento de papéis na Seção de Atividades Complementares (área de Comunicações) do CONDEPHAAT e dá outras providências.

O Diretor de Divisão da Secretaria-Executiva do Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado — CONDEPHAAT, com audiência do Presidente do Conselho, com base na letra "f" do artigo 100, combinado com o artigo 125 do Decreto 13.426-79, resolve alterar a Ordem de Serviço 1-80, publicada no D.O.E. de 30-5-80, que passa a ter a seguinte redação:

Artigo 1.º — Os pedidos de Tombamento solicitados pelos proprietários ou por terceiros, somente poderão ser processados, por ordem do Presidente do E. Conselho e deverão vir instruídos com os seguintes documentos:

- a) requerimento onde conste a identificação e endereço do proponente;
- b) justificativa, devidamente documentada, e que lique configurado o interesse do bem em causa, a conveniência de seu Tombamento, e, se edificação, ano de construção, seu construtor, planta do imóvel, localização em relação ao terreno e área envolvente até 300 metros;
- c) resenha histórica sobre o bem, na qual deverá constar seu valor em relação ao desenvolvimento sócio-econômico-cultural do Município ou Estado;
- d) informação sobre a situação jurídica do bem e seu endereço;
- e) informação sobre o estado de conservação do bem;
- f) atual utilização do bem;
- g) quando se tratar de monumento ou sítio, demarcação topográfica da área proposta, seus proprietários e endereços, plantas e fotografias datadas, com dimensão mínima de 6 x 9.

Parágrafo único — A Documentação referida neste artigo receberá número de "glitchê" que acompanhará sua transição até arquivo ou autorização de abertura do competente "Processo de Tombamento".

Artigo 2.º — Os pedidos de autorização para obras de conservação e restauração de bens tombados, deverão vir instruídos com os seguintes documentos:

- a) requerimento do proprietário, onde conste a identificação, qualificação e endereço do requerente;
- b) projeto em 3 vias;
- c) documentação fotográfica relativa ao estado de conservação do bem em causa;
- d) o proprietário que não dispuser de recursos para proceder as obras de conservação e restauração de que o bem tombado necessita, deverá comunicar ao CONDEPHAAT a circunstância, conforme o artigo 136 do Decreto 13426, de 16-3-79;
- e) no caso de pessoa física, deverá ser a comunicação acima, comprovada mediante atestado de incapacidade financeira expedido por órgão competente ou demonstração hábil devidamente documentada;
- f) no caso de pessoa jurídica de direito privado, a prova de insuficiência financeira será feita mediante conta dos 3 últimos balanços da Receita e Despesa e dos 3 últimas declarações apresentadas à Divisão do Imposto de Renda do Ministério da Fazenda, ou demonstração hábil devidamente documentada.

Artigo 3.º — Para os pedidos de autorização para execução de obras dentro do perímetro de 300 metros em torno de edifício ou sítio tombado, deverão ser juntados os seguintes documentos:

- a) requerimento da parte interessada;
- b) 3 vias do projeto completo;
- c) 3 vias do Memorial Descritivo;
- d) 1 via do croquis de localização da obra em relação ao bem tombado.

Artigo 4.º — Para os pedidos de aprovação de edificações ou loteamentos na faixa litorânea de 4 km, situados em área rural ou em área urbana de Município que não disponha de Plano Diretor deverão ser juntados os seguintes documentos:

- a) requerimento da parte interessada;
- b) 3 vias do projeto completo;
- c) 3 vias do Memorial Descritivo;
- d) certidão passada pela Prefeitura Municipal, na qual conste se o loteamento ou edificação está em área urbana ou rural, ou cópia do Imposto Territorial Urbano;

e) as plantas de loteamento deverão ser apresentadas em pelo menos 1 via original, previamente aprovada pela Divisão de Engenharia da Saúde Pública da Secretaria da Saúde e pela CETESB, além de terem cumprido as exigências do Decreto-Lei Federal n.º 58 e da Lei n.º 6.68, de 19-12-79.

Parágrafo único — Quando o Município dispuser de Plano Diretor ou equivalente, devidamente aprovado pela Câmara Municipal, e sancionado pelo Chefe do Executivo Municipal, as plantas de loteamento no perímetro urbano, deverão ser apresentadas em pelo menos 1 via original, em que conste declaração que obedece o Plano Diretor ou equivalente do Município, dispensado o que determina a letra "e".

Artigo 5.º — As denúncias relativas a estado de conservação ou uso predatório de bens tombados serão necessariamente instruídas com:

- a) petição do denunciante, onde conste sua identificação, qualificação e endereço;
- b) prova documental circunstanciada, devidamente datada do objeto da denúncia.

J
D

Campinas, 19 de julho de 1982

Ilmo. Sr.

Dr. Ruy Ohtake

MD. Presidente do CONDEPHAAT

Rua Líbero Badaró, 39 - 11º andar

São Paulo - SP

TOMBAMENTO DE PRÉDIO

Senhor Presidente,

Campinas vem pagando, nestes últimos tempos, no terreno do seu patrimônio histórico, um ônus realmente ponderável ao desenvolvimento da vida moderna. Seus prédios antigos - reminiscências valiosas do seu passado - estão sendo demolidos para dar lugar a edifícios novos, quer para fins residenciais, quer para fins comerciais, quer para fins industriais. E, com isso, a fisionomia do centro tipicamente colonial da cidade, que chegou a hospedar Sua Majestade D. Pedro II, e que encarna uma fase distante de sua existência, está sendo sacrificada, em nome do progresso atual, com inegável prejuízo aos anais da sua história.

Nestas condições, se acha o prédio do Mercado Municipal, uma das reservas históricas de Campinas, construída em 1907, e inaugurada no dia 12 de abril de 1908, que parece fadada, mais dia, menos dia, ao mesmo fim: o desaparecimento puro e simples.

Como se trata de construção de características vetustas, curiosas, e que guarda a tradição de um passado importante nos fatos da cidade, no princípio deste século, urge preservá-la como recordação de um tempo na marcha de todos os tempos.

10
Du

Todo presente, como sabe essa operosa Presidência, vem do passado em busca do futuro. Por isso mesmo, é imperioso guardar, no futuro, com providências do presente, traços rememorativos do passado, sobretudo pela estrutura física dos edifícios cujos traços arquitetônicos configurem o estilo de uma época que outra época vem absorvendo.

Assim, com a finalidade de evitar o desaparecimento daquele prédio, do Mercado Municipal, venho solicitar, com o mais vivo empenho, o seu TOMBAMENTO, por parte desse Conselho, como patrimônio histórico de Campinas.

Aguardando instruções dessa operosa Presidência com relação ao processo a ser desenvolvido para consecução desta idéia, antecipo-lhe os meus sinceros agradecimentos, renovando-lhe os protestos de minha elevada consideração e apreço.

DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL
Prefeito Municipal

Handwritten signature



Prefeitura Municipal de Campinas

MEMORANDO
N.º
DATA <u>27/09/82</u>

ASSUNTO
Mercado Municipal

DE Assessoria de Turismo

PARA

Segundo nos informou o Dr. Celso, do departamento de concessões da Setec, os boxes do Mercado Municipal são oferecidos aos comerciantes através de concessões por tempo indeterminado, cujos pagamentos dessas concessões são feitos trimestralmente, com planos de pagamentos estabelecidos pela própria Setec.

12
[Handwritten signature]

MERCADO MUNICIPAL

Notas sobre sua história

SEPLAN - junho/81

13

MERCADO MUNICIPAL *

1- Os antigos mercados da cidade.

A idéia da instalação de um Mercado Municipal em Campinas remonta a 1.859. O que se pretendia com tal iniciativa era impedir a ação dos "atravessadores de víveres", que agiam nas estradas, comprando os carregamentos trazidos pelos sitiantes e manobrando seus preços.

Em 1.861, começou a funcionar o Mercado Grande, ou "dos Cai-piras", no edifício construído pela municipalidade na Largo do Brejo (atual Carlos Gomes), para a comercialização de gêneros secos, frutas, aves e animais de corte.

Este prédio mais tarde foi reformado para a instalação do "Desinfectório Central" (1.898) e, posteriormente, foi demolido, construindo-se no local a Escola Normal Carlos Gomes.

O comércio de verduras era feito no passeio da Rua General O sório, entre as ruas Direita e Dr. Quirino.

Em 1.871, apresentou-se na Câmara uma indicação para a remoção deste Mercado para o Largo do Capim, atrás da Cadeia, entre as ruas Dr. Quirino e Direita, em instalações adaptadas.

Em 1.872 construiu-se nesse local um pequeno mercado para esse comércio.

Em 1.885, novo prédio foi construído, tendo sido escolhido um local nas proximidades do Mercado Velho, na Praça da Liberdade entre as ruas Bernardino de Campos e Benjamin Constant, levantando-se então o tradicional Mercadinho, depois transformado na Casa das Andorinhas.

2- O Mercado Municipal.

Em 1.907, durante o governo do intendente Dr. Francisco do Araújo Mascarenhas, deliberou-se pela construção de um novo

* - Os dados e elementos que compõem esta informação foram obtidos no Documentário de Campinas dos arquivos da Biblioteca Pública Municipal. Outra fonte de consulta foi o livro de Júlio Mariano, Campinas de Ontem e de Ante-Ontem, Ed. Marinata, 1970.

14

Mercado para substituir o Mercadinho.

O local escolhido para sua implantação foi a Praça Correia de Melo.

O velho "Mercadão" foi projetado pelo engenheiro Carlos William Stevenson.

Sua pedra fundamental foi lançada a 31 de janeiro de 1.907 e sua inauguração deu-se a 12 de abril de 1.908, já na gestão do primeiro Prefeito eleito pelo voto popular em Campinas, Crozimbo Maia, que havia sido empossado em 15 de janeiro.

Segundo as pesquisas do jornalista Júlio Mariano (*), Campinas de quando se inaugurou o novo Mercado Municipal era uma cidade de pouco mais de 35.000 habitantes e 5.400 prédios e "... tão grande se ofereceu para a cidade o edifício do novo Mercado que metade de sua faixa externa esquerda foi cedida para o uso da Estrada de Ferro Funilense, que ali instalou sua estação inicial, denominada Carlos Botelho...".

Os relatos de Júlio Mariano nos dão conta que nesta época, o que de resto prevaleceu ainda por muito tempo, a vida da cidade gravitava em torno do Mercado. Além de ter sido, durante muito tempo, o único local de abastecimento da cidade, o Mercado era também um ponto de encontro. "... Nos domingos, o local era ponto de reunião para gente importante e gente simples, ocasião em que se mesclavam todo tipo de pessoas ...". Era o local ainda onde se encontravam os moradores dos povoados e sítios servidos pela Funilense, que vinham para a cidade para fazer suas compras ...".

A Estação só deixou de funcionar em 1.925, quando a Funilense encerrou suas atividades, e então, o Mercado passou a ser exclusivamente utilizado para o comércio, tanto varejista, quanto atacadista.

De fato, o Mercado Municipal, até a criação da CEAB - Central de Abastecimento -, sempre assumiu em Campinas dupla função: - servir ao comércio varejista e servir de ponto de referência pa

* - Op. cit. pág. 76 e 77

15
[Handwritten signature]

ra a concentração do comércio atacadista, cujas transações se realizavam em suas imediações durante determinados dias da semana. Além disto, próximo ao Mercado, concentravam-se também os depósitos atacadistas.

Estudos feitos pela Prefeitura, à época da instalação da CEAB, dão conta da importância do Mercado Municipal como entreposto comercial e centro de abastecimento para a cidade, a região e mesmo cidades de outros Estados.

Para utilizar apenas uma informação que dá bem a medida desta importância, basta dizer que "... a cada dia chegam (ao Mercado) 150 caminhões que trazem gêneros para as transações enquanto que 110 caminhões de outras cidades vem se abastecer na aquela zona. Para ali também se dirigem 40 caminhões e camionetas de feirantes e de outros varejistas, o que dá uma média de 300 veículos por dia na área próxima ao Mercado ..."(*).

A instalação da CEAB marca uma nova fase na vida do Mercado. O comércio atacadista e os produtores se deslocam e o Mercado Municipal tem seu uso restringido ao comércio varejista diversificado.

Por esta época, a vida do Mercado se viu também afetada pelo aparecimento dos modernos supermercados, que apresentando melhores condições de espaço físico, conforto, higiene, localização, etc., afastaram daquele tradicional centro de Comércio, o comprador de maior poder aquisitivo. De ponto de encontro da Campinas dos primeiros anos deste século o velho "Mercadão" - ainda resiste como local de compras da população campineira de mais baixa renda, uso este reforçado pela instalação do terminal dos onibus da Praça Correia de Melo.

Há que se ressaltar que durante os seus ⁷⁴(109) anos de existência, o Mercado Municipal passou por sucessivas reformas. No entanto, as informações disponíveis, até o momento, não permitiram identificar até que ponto essas reformas influenciaram em suas características originais.

* - reproduzido do Correio Popular, 21 de maio de 1.970.

A casta dos tubarões

rões já vem do

passado

Documentário de Campinas

Notas e escrito de JOSE DE CASTRO MENDES

"Atravessadores de viveres", era como se chamavam, e agiam nas primeiras feiras livres realizadas em nossa cidade — Pequena história dos mercados que outrora serviam à população campineira

A Praça dos Tubarões que hoje mais do que nunca, suga impiedosamente a bolsa dos meros afortunados, já era conhecida em Campinas lá pelo ano de 1854, quando os chamados "atravessadores de viveres" andavam pelas ruas comprando os carregamentos de gêneros trazidos pelos sianties, agambarando tudo para a consequente elevação dos preços.

Este facto levou então a Câmara tomar providências energicas contra tais indivíduos inescrupulosos, estabelecendo feiras populares no antigo Patio do Rosário (Praça Visconde de Indaia-

cola Normal Carlos Gomes. O unico documento iconografico que conhecemos sobre o Mercado Grande, e o desenho de H. Lewis executado em 1893, pelo qual se observa além da sua disposição arquitetônica, o riacho estivo em que se encontrava o largo, cheio de sulcos e velas, cavadas pelas aguas nascentes que escorriam livremente com grande aproveitamento das lavadeiras.

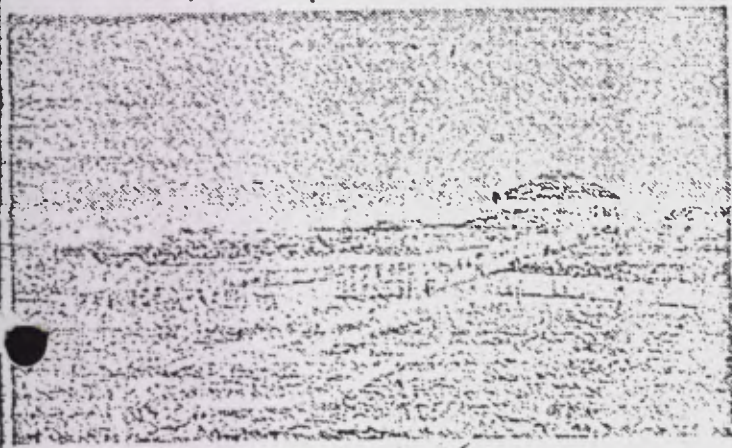
O comercio de verduras e hortaliças era feito no mercado da rua General Orosio, entre as ruas Direita e Dr. Quirino, ao lado do palacete de d. Theresa Ifiguinha do Amaral Pompeu (atual sede

e hoje ocupado pelo Entreposto Municipal).

No dia 20 de Julho desse ano, Antonio Gomes Teitel em representação levada a Câmara, expunha a conveniencia para os interesses da Municipalidade e do publico a remoção do mercado velho para novo prédio, pedido que fazia em seu nome e de outros cidadãos, auxiliando com uma oferta de 3.500.000 para as despesas da remoção que achava ser benignamente acolhida. No mesmo dia outra representação enviada pelos negociantes Gomes Pinto-Cardoso & Cia. Antonio Carlos dos Santos-Queiroz Braga e Irmo-João Estrela Gomes Braga e mais 23 negociantes e proprietarios diversos, protestando contra a pretendida transferencia tida como prejudicial ao comercio do bairro, solicitando a sua conservação onde se achava. Mas apesar dos prós e dos contras, a mudança se realizou tendo o mesmo Antonio Gomes Teitel feito a entrega do edificio devidamente concluido sobre a sua direção.

Em 1897, durante o governo republicano do Intendente Dr. Francisco de Araujo Mesquita, deliberou-se a construção de um novo mercado, maior e mais conveniente com o desenvolvimento da cidade, tendo sido escolhido o Largo Cordeão de Me- lo, para a sua localização. O lan-

çamento da primeira pedra foi realizado a 31-1 de 1902, e a inauguração a 12 de Abril de 1903. A preservação do bairro ou local mais conveniente á comodidade publica, desta vez não influia em nada, pois o mercado Municipal começou logo a funcionar com grande frequencia de negociantes e intenso movimento. Aos domingos, principalmente, regorgitava com afluencia extraordinaria de compradores, que vinham dos bairros proximos trazidos pela Egreja de Serra Talhada com a chamada "Carruaça" estava localizada na praça da lateral do Mercado. Varios melhoramentos all já foram introduzidos, visando aumentar a área destinada as bancas, tendo sido construidos varios compartimentos externos para o comercio de carnes, peixes e aves, e um grande telheiro com bancas de granito para a venda de hortaliças, não se contando ainda numero consideravel de pequenos comerciantes que vão se estabelecendo continuamente no largo fronteiro, vendendo meias, botas, sapatos, pontas, fôrmas etc., provando assim, que o Mercado Municipal já se tornou pequeno para a cidade que cresce rapidamente, e que em poucos anos estará reclamando um outro centro comercial — nesse genero e de maior capacidade.

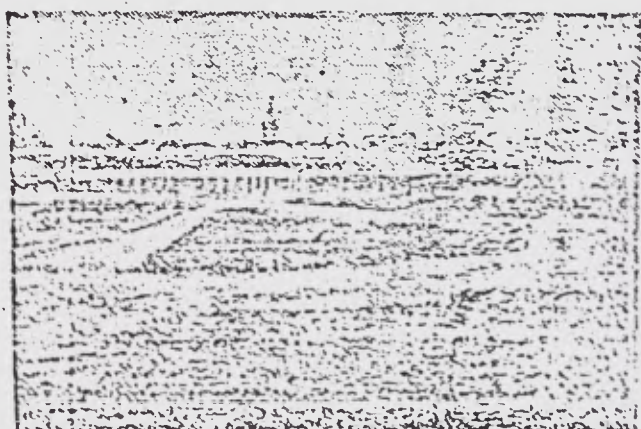


Vista do Mercado Grande, e parte do largo Carlos Gomes, rum desenho executado em 1893 por H. Lewis.

inha), solicitando ainda da Assemblia Provincial, artigos de posturas que obrigassem os donos dos viveres a oferece-los prioritariamente a retelho, sob pena de multa e prisão. Em 1860-61 começou a funcionar o Mercado Grande ou "dos capins", no edificio proprio construido pela municipalidade do Largo do Direto, (atual Carlos Gomes), negociando-se all apenas, gêneros: couros, lã, aves, e animais de corte. O prédio era bastante modesto, dividido em 14 repartições destinadas as bancas, e dois comedouros instalados em corpo avançado, para os serviços de administração. Para edificio mais tarde foi reformado para as instalações do Desemfiteorio Central (1899), e posteriormente construido, construido-se no mesmo local a Es-

cola Semanal de Cultura Artística). No dia 23-12 de 1871 o vereador Cordeão Dias apresentava na Câmara uma iniciativa no sentido de se remover tal mercado daquele local, para o Largo do Capim, entre a Cadeia, entre as ruas Dr. Quirino e Direita. Lugar que deveria receber algumas adaptações para esse fim.

Em 1872 construiu-se all mesmo um pequeno mercado para a venda das hortaliças, que funcionou durante varios anos com grande acatção do publico. Em 1885 construiu-se de novo construido para o edificio all, tendo sido escolhido um local nas proximidades do Mercado Velho, levantando-se all o tradicional Mercado Capim, posteriormente transformado na celebre Casa das Andorinhas



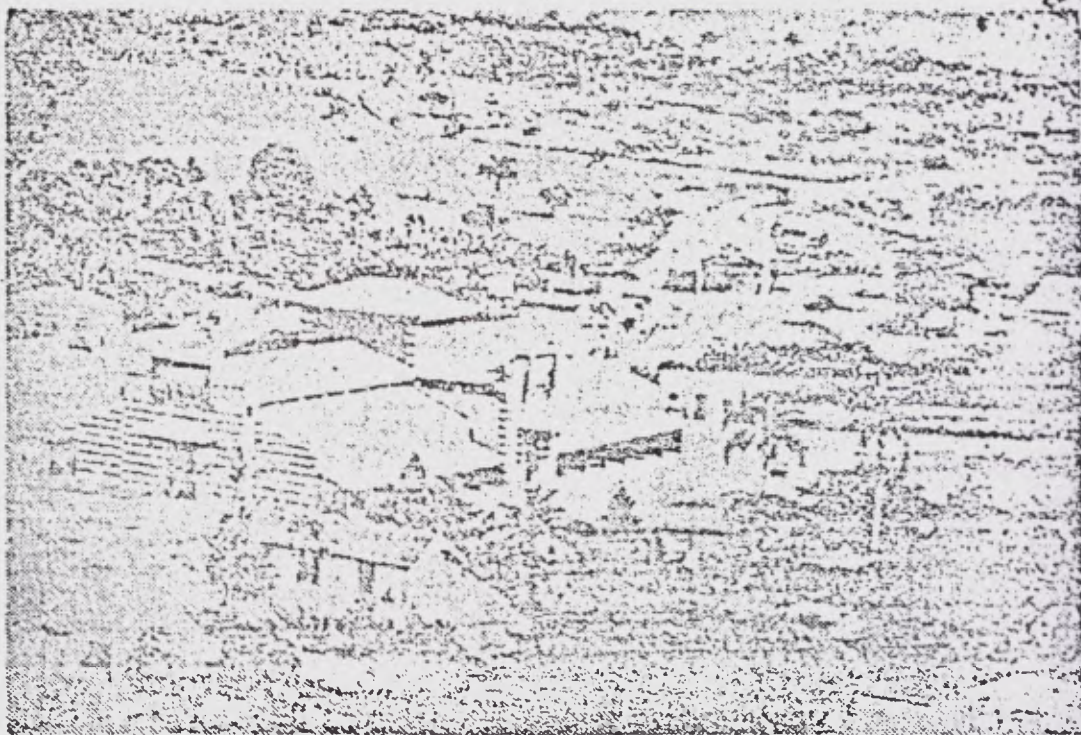
O Mercado de Hortaliças construido em 1885 mais tarde transformado na famosa Casa das Andorinhas e atualmente ocupado pelo Entreposto Municipal.

Handwritten signature or initials.

17
P

B. P. M. P.

Historia (Pequena) do Mercado Municipal



O Mercado, na época de sua inauguração, ficava muito distante da cidade. . . .

Em 1907, durante o governo do intendente dr. Francisco de Araujo Mascarenhas, deliberou-se a construção de um novo Mercado em Campinas, maior do que o existente na época, o tradicional "Mercadinho", depois transformado na celebre "Casa das Andorinhas", de saudosa memoria... Foi escolhido o Largo Correia de Melo para a localização do novo Mercado, cuja primeira pedra foi lançada a 31 de janeiro de 1907, dando-se a inauguração a 12 de abril de 1908, começando a funcionar com grande movimento apesar de sua localização um tanto retirada... (na época,

bem entendido...). Na plataforma lateral do Mercado se localizava a estação inicial "Carlos Botelho" da Estrada Funilense.

O edificio, que hoje ja se tornou pequeno para uma cidade que cresceu muito, passou por diversas reformas visando aumentar a area destinada as bancas, tendo sido constituídos varios compartimentos externos para o comercio de carne, peixes e aves e um grande telheiro com bancas de granito para a venda de hortaliças, não se contando o numero consideravel de armazendarias pelas imediações

suas imediações onde se vendiam tecidos e toda a sorte de quinquilharias...

Adm

O primeiro Mercado Municipal

De Campinas

correiio popular 24/2/67

Camis 24.2.67

Julio Mariano

A idéia do primeiro Mercado Municipal, em Campinas, surgiu no ano de 1859. E o que se pretendeu, com a sua construção e instalação, foi combater a exploração nos preços dos gêneros de primeira necessidade e anular, de vez, a intromissão dos atravessadores nos negócios de compra e venda.

Vejamos como foi que se cogitou da criação do próprio municipal no seio da Edilidade Campineira.

Cidadãos de teres e haveres, e não raro fazendeiros e senhores de muitas peças de escravo, os homens públicos da Campinas do tempo do Império não seriam dos mais sensíveis à alta do custo de vida. Ao que parece, no entanto, naquele ano de 1859 o preço das utilidades atingira altura tamanha, em Campinas, que a preocupação se generalizou, abrangendo povo, classe média e elites. E o próprio presidente da Câmara, cidadão Luiz Henrique Pupo de Moraes, através de Indicação, trouxe o assunto a plenário.

Naquela sessão ordinária da Edilidade Campineira, realizada a 13 de abril de 1859, além do presidente Pupo de Moraes, acusaram presença os vereadores Dr. Teodoro Langard, Floriano de Camargo Campos, Joaquim Caetano Leme, Antônio Pio Corrêa Bittencourt, Manoel da Rocha Ribeiro e João Batista Rodrigues da Silva Júnior. Estiveram ausentes os cidadãos Joaquim Egídio de Souza Aranha e Antônio Pompeu de Camargo.

A Indicação apresentada pelo presidente Pupo de Moraes aos seus pares, reclamava energicas e urgentes providências para um melhor abastecimento da cidade em gêneros alimentícios, coibindo, dessa forma, a escandalosa exploração nos preços.

A COMISSÃO DE VEREADORES NÃO SOUBE COMO SOLUCIONAR O PROBLEMA

Encaminhada a proposição de Pupo de Moraes à Comissão de requerimentos, esta, constituída de dois ou tres vereadores, ofereceu parecer sobre o indicado na sessão de 14 de abril.

Vagos e imprecisos são os termos da ata sobre a Indicação do presidente Moraes e o parecer da Comissão. Secretário da Câmara, na época, Francisco da Assis Santos Prado, carecia do traquejo e habilidade de um Tomazinho Gomide (seu sucessor), para uma boa redação dos atos legislativos. No entanto, do que conseguimos apañar, da leitura da ata, resumimos o seguinte:

A Comissão de vereadores, em seu parecer, confessou desde logo "não achar em suas fracas luzes solução ao problema". Ademais, manifestou dúvidas a respeito da competência da Câmara em legislar sobre preços dos gêneros alimentícios, matéria que talvez fôsse da alçada da assembleia provincial ou geral (imperial). Buscando justificativa à crise das utilidades, argumentou a Comissão que as chuvas, no ano findo (1858), haviam ocasionado o apodrecimento dos cereais, mormente do milho, antes do recolhimento aos celeiros. Responsabilizou igualmente a "cultura do café em alta escala, pelo seu lucro", por grande parte da escassez de alimento. Na verdade, os cafezais deram de ocupar terras e áreas reservadas exclusivamente ao plantio de cereais.

Concluindo seu parecer, a Comissão houve por bem deixar o próprio encargo do autor da Indicação, a descoberta de meios para o desejado abastecimento da cidade e combate à exploração nos preços.

A "PRAÇA DO MERCADO" SUGERIDA POR PUPO DE MORAES

Dois dias após, isto é, na sessão ordinária de

Câmara de 16 de abril de 1859, tornando ao assunto da Indicação clamando contra a alta do custo de vida, o presidente Luiz Henrique Pupo de Moraes chegou a demonstrar certo radicalismo pouco condizente com a sua época e seu meio. Foi além dos gêneros alimentícios, para acusar como abusivos também os preços que os senhores exigiam para o aluguel de casas e o quanto andavam cobrando pela venda de um terreno urbano!

De certo que, nessa questão dos negócios imobiliários, o cidadão-presidente não afinava com o conservantismo de seus nobres pares. Menos perigosa, embora progressista, foi a sugestão que fez da criação de uma "Praça do Mercado", onde "tudo se vendia distribuidamente", mais barato, porquanto em primeira mão, evitando-se a intromissão dos atravessadores.

A idéia de uma "Praça do Mercado" para Campinas foi aprovada por unanimidade pela Câmara Municipal. Convém frisar que, tal "Praça", não seria mais que um Rancho, cujas dimensões e feitura assim se delinearão na mesma sessão: — "Quatro lanços, com 20 palmos cada um, 30 de fundo e 20 de alto, com tancanicas dos lados, sendo os estelos lavrados e de madeira de lei".

Em se considerando que o "palmo", medida antiga, não somava mais que 22 centímetros, a pretendida "Praça do Mercado" não seria grande coisa. Mal comparando, uma caixa de fósforos.

O LOCAL ESCOLHIDO PARA O PRÓPRIO MUNICIPAL

Como local mais apropriado ao Rancho e sua finalidade, indicou a Câmara o chamado Largo do Chafariz do Nascente (atual Praça das Andorinhas), incumbindo do traçado da planta e respectivo orçamento o Fiscal da Municipalidade, que junto à Câmara fazia as vezes de braço executivo. A proposito desse Largo do Chafariz do Nascente, é interessante lembrar a existência, igualmente, na Campinas da época, de um Largo do Chafariz do Poente, por vezes citado nas atas como Largo do Antônio Exel. Neste último Largo, por coincidência, havia de erguer-se, cinquenta anos depois, o segundo e grandioso Mercado Municipal de Campinas, ainda hoje em uso.

O NOVO PLANO, DE SOUZA ARANHA, EM SUBSTITUIÇÃO AO RANCHO

A 29 de abril de 1859, o Fiscal da Municipalidade fez entrega à Edilidade da planta e orçamento da pretendida "Praça do Mercado". O projetado Rancho foi orçado em 2.649\$940 (dois contos, seiscentos e quarenta e nove mil novecentos e quarenta réis). Com o parecer favorável da Comissão de Contas, a construção do Rancho, mediante concorrência pública, ia ser posta em votação, quando solicitou a palavra o edil Joaquim Egídio de Souza Aranha, requerendo adiamento da votação e vistas do projeto para estudo. Justificou o Souza Aranha o requerimento, com a sua ausência às sessões em que o assunto fora debatido. Não era contrário à idéia da "Praça do Mercado", mas sugeria a construção de um edifício que timbrasse com o progresso da cidade. Para não agravar o orçamento, sugeria a divisão das obras em quatro lanços, e o todo do edifício em quatro anos, um lanço para cada ano. Obteve o vereador vista dos papéis, sendo adiada a votação do projeto do Rancho.

Na sessão extraordinária de 3 de maio de 1859, a Câmara tomou conhecimento do plano de Joaquim Egídio de Souza Aranha, para o edifício da "Praça do Mercado". A Comissão de Contas considerou a planta apresentada como "arquitetura do melhor gosto". Tratava-se de

19
B

O Primeiro Mercado Municipal

um edifício octogonal, cujas obras, em etapas, não iriam sobrecarregar as finanças do Município. Acabou sendo aprovado, pois, como emenda substitutiva ao traçado pelo Fiscal da Municipalidade. Impugnou-se, apenas, na proposição do Souza Aranha, o acréscimo no orçamento de 800\$000 (oitocentos mil réis) para gratificação de um administrador das obras. Opinou a Comissão de Contas que, desde que as obras seriam postas a "arremate" (concorrência pública), não havia necessidade de administração por conta do erário municipal.

Um mês após, precisamente a 14 de junho, ordenou a Câmara ao Procurador da Municipalidade o pagamento da metade da quantia contratada ao arrematante do 1.º lanço da "Praça do Mercado", a fim de que fosse iniciada a construção. Infelizmente, esqueceu-se o secretário Soares Prado de anotar em ata por quanto havia sido arrematada a obra, e bem assim o nome do arrematante.

O MERCADO MUNICIPAL QUE ACABOU TRANSFORMANDO EM "CASA DAS ANDORINHAS"

Também o plano Egidio de Souza Aranha, para o primeiro Mercado de Campinas, veio a sofrer modificação. Isto aconteceu em fevereiro de 1860, quando já construídos os dois primeiros lanços do edifício. Travamos conhecimento, então, com o cidadão João Pereira de Campos, na qualidade de arrematante das obras, as quais se comprometera a entregar prontas em setembro daquele mesmo ano de 1860. Concluído, em fevereiro, o 2.º lanço, sugeriu o Campos alteração na planta, que resultaria maior capacidade ao edifício. A alteração proposta onerava a despesa adicional em mais 800\$000 (oitocentos mil réis). Após, depois de uma visita às obras, os vereadores concordaram plenamente com o sugerido pelo alcaide João Pereira de Campos.

A 26 de março de 1861, o edil Dr. Ataliba Nogueira, propôs que recebesse a Câmara, para funcionamento, o edifício da "Praça do Mercado", cujo exame fôra satisfatório. Propôs, ainda, que enquanto se aguardava da Assembléa da Província aprovação ao Regulamento do Mercado, se nomeasse, em caráter provisório, para Administrador daquele prédio municipal, o embroiteiro João Pereira de Campos. A Câmara, que quis fazer inaugurar o primeiro Mercado Municipal de Campinas já não era aquela presidida por Luiz Henrique Pupo de Moraes, cujo mandato terminara em 1860. Eram vereadores, desde janeiro de 1861, os cidadãos Dr. João Ataliba Nogueira, Amador Bueno Machado Florence, Antônio Machado do Prado, Padre Antônio Cândido dos Santos, Luiz Nogueira Ferraz, José das Souza Carneiro e Olegário Leite da Cerqueira César, sob a presidência de Floriano de Camargo Peiteado.

A "Praça do Mercado" do Largo do Cafazal, viz do Nascente funcionou ininterruptamente até alvorecer do presente século. Em 1903, inaugurou-se em Campinas o grandioso e belo Mercado Municipal, iniciado sob a intendência do Dr. Francisco de Araújo Mascarenhas e concluído sob a prefeitura de Drosimbo Maia.

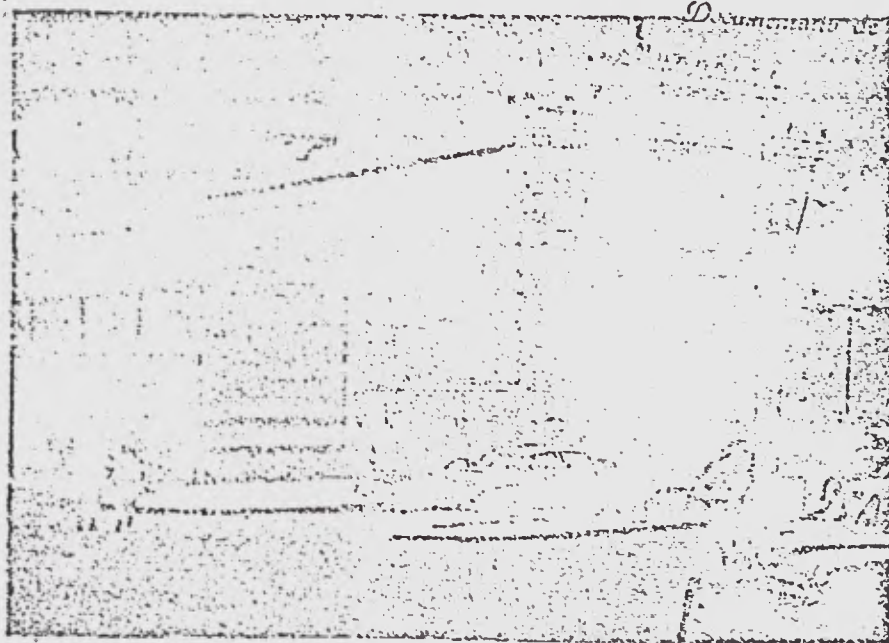
Votado ao abandono por largos anos, o antigo e primeiro Mercado de Campinas acabou pedregoso e "Casa das Andorinhas". Até que as andorinhas também o abandonaram. Houve um dia em que a Municipalidade, descrente da volta das andorinhas e objetivando a criação de nova Praça, botou o pedregoso ao chão. E tiramos, desde o local do antigo Largo do Cafazal do Nascente, a chamada Praça das Andorinhas.

X

20

"Seasinha" vem aí. Mercado com os dias contados

B. P. M. "Prof. E. M. Zink"
Campinas



O
velho mercado
está com
os dias contados

Já transformada em lei, dentro em breve a Central de Abastecimento — CEAB, e "Seasinha" de Campinas como já vem sendo chamada, deverá se tornar uma realidade. Agora, o antigo Mercado Municipal tem os seus dias contados, pois vai ser demolido, mas sempre depois que o novo órgão, começar a funcionar em edifício que será erguido às margens da Via Anhanguera, junto aos silos da Secretaria da Agricultura do Estado, em fase de construção.

O mercado municipal, em plena zona central da cidade, construído em 1906, tem servido não só para o comércio varejista mas também para a venda em determinados dias da semana, de grande número de transações por atacado. Em 1960, existiam em Campinas cinquenta e nove estabelecimentos comerciais, operando em nível de mercado terminal e atacadista, empregando 5.421 empregados que recebiam um salário médio anual de três mil seiscientos e quarenta cruzeiros. A área total dessas firmas era de 860 mil metros quadrados, sendo que 92% dela ocupada na estocagem de algodão em caroço das cooperativas e usinas locais.

ATACADISTA

O Mercado Municipal assume em Campinas a dupla função de servir de ponto de referência para a concentração do comércio varejista em alguns dias da semana e serve, cotidianamente como mercado varejista. Ali existem 54 permissionários nos ramos de doces e molhados, frutas e verduras. Porém, fora do edifício estão instalados 46 balcões exclusivamente para frutas e verduras e que ali funcionam há 20 anos.

Mas o comércio pode abastecer-se ainda em outros mercados particulares e entre eles o supermercado na rua Barão de Jacuara, no Pão de Açúcar, Hipermercado, Pires e em outros. Existem ainda de quatro a sete feiras que funcionam diariamente nos bairros. Uma levantamento feito pela Prefeitura chegou à conclusão de que no tocante ao comércio varejista de frutas, verduras e hortaliças, doces e molhados, não existem mais condições satisfatórias para a população.

Essas transações se realizam, em grande parte, nas áreas adjacentes ao Mercado Municipal, as feiras, quiosques e pontos de venda. No entanto, há 11 estabelecimentos de comércio varejista.

TRÁFICO, PROBLEMAS

A cada dia chegam ao comércio que trazem gêneros para as transações e que são, em grande parte, de outras cidades. Para os atacadistas, a situação é ainda mais crítica. Há também os que chegam de fora, vindos de outros pontos de origem. Há também os que chegam de outros pontos de origem. Há também os que chegam de outros pontos de origem. Há também os que chegam de outros pontos de origem.

O que levou o prefeito Orestes Quirello a propor a criação da Central de Abastecimento, foi também o fato de os produtores, comerciantes e os elementos ligados à comercialização atacadista não terem condições satisfatórias de higiene, limpeza e espaço para exercerem a sua atividade de modo racional e disciplinado. Quanto à formação de preços não é perfeita, pois as negociações de mercado se fazem com base nas observações visuais dos interessados.

do volume total de negócios nos níveis de mercado terminal e atacadista, sendo que parte considerável desses produtos destina-se à exportação pelo porto de Santos. A principal hortaliça comercializada no município, mercado atacadista, é o tomate, num total de um milhão e trezentos mil cruzeiros por ano. Quanto às frutas, as mais comercializadas são a maçã, a uva e o figo, num total de cinco milhões e cem mil cruzeiros anuais. O volume representam cento e vinte e seis mil caixas de vinte e cinco quilos de maçã, cento e sessenta e duas caixas de oito quilos de uva e cinquenta e quatro mil caixas de cinco quilos de figo.

LUCROS

Estudos feitos pela Prefeitura concluíram que são "exagerados" os lucros auferidos pelos atacadistas. As frutas e verduras, de modo geral, provêm da região de Campinas e circunvizinhanças, com exceção de alguns produtos, para e florante, que, às vezes, vêm de São Paulo.

Os cereais e leguminosas vêm principalmente de Goiás e do Paraná. A carne vem de municípios do município vizinhos. O pescado procede de Santos, de água salgada, e de Furnas, Coxim (Mato Grosso) e Urubitinga, de água doce. As aves e ovos provêm, na maior parte, da região de Campinas e arredores, tendo sido tratado o fornecimento e aceitação as que são vendidas atitadas e acondicionadas em sacos plásticos. Os leguminosos vêm de Minas.

Todos os gêneros alimentícios movimentados na cidade não se destinam exclusivamente ao consumo da população local. Estima-se que cerca de trinta por cento se abasteçam em Campinas na zona do Mercado Municipal, no mesmo em cidades distantes, tanto de Minas como de São Paulo.

ATE ATACADISTAS

Atacadistas independentes de São Paulo e Campinas também se abastecem aqui. Feirantes, supermercados e varejistas supriem-se na zona do Mercado. O comércio varejista, porém, não se dá na zona do Mercado, o qual se restringe ao atacado, não inclui a presença de um intermediário que se faz mais importante nas negociações, quando o escoamento da produção é mais dificultado.

Demolição do Mercado: CEAB decide hoje

CORREIO POPULAR

Quarta-feira, 16 de junho de 1971

Hoje, às 15,30 horas, no Palácio dos Jequitibás, haverá uma reunião promovida pela CEAB — Central de Abastecimento — com os atuais ocupantes do Mercado Velho, quando serão apresentadas as soluções referentes à demolição do atual prédio e os problemas que acarretarão aos comerciantes lá instalados, segundo informou o presidente daquela autarquia, Cel. Fausto Avelino Barreto Hennings.

A demolição do Mercado Velho parece inevitável. Os permissionários que ocupam as dependências do atual prédio estão cientes disso: recorde-se que já receberam notificação, anteriormente, para desocupar os compartimentos em que se encontram, estipulando-lhes como prazo «improrrogável» a data de 31 de dezembro do ano passado.

Na época, o descontentamento dos comerciantes estabelecidos no Mercado Velho foi geral. Consideravam muitos como injusta a me-

didada então adotada, parecendo-lhes melhor alternativa da Prefeitura a construção das novas instalações, antes de se desalojar os comerciantes. Argumentavam aqueles permissionários que o Mercado Velho se constituía em grande centro comercial, proporcio-

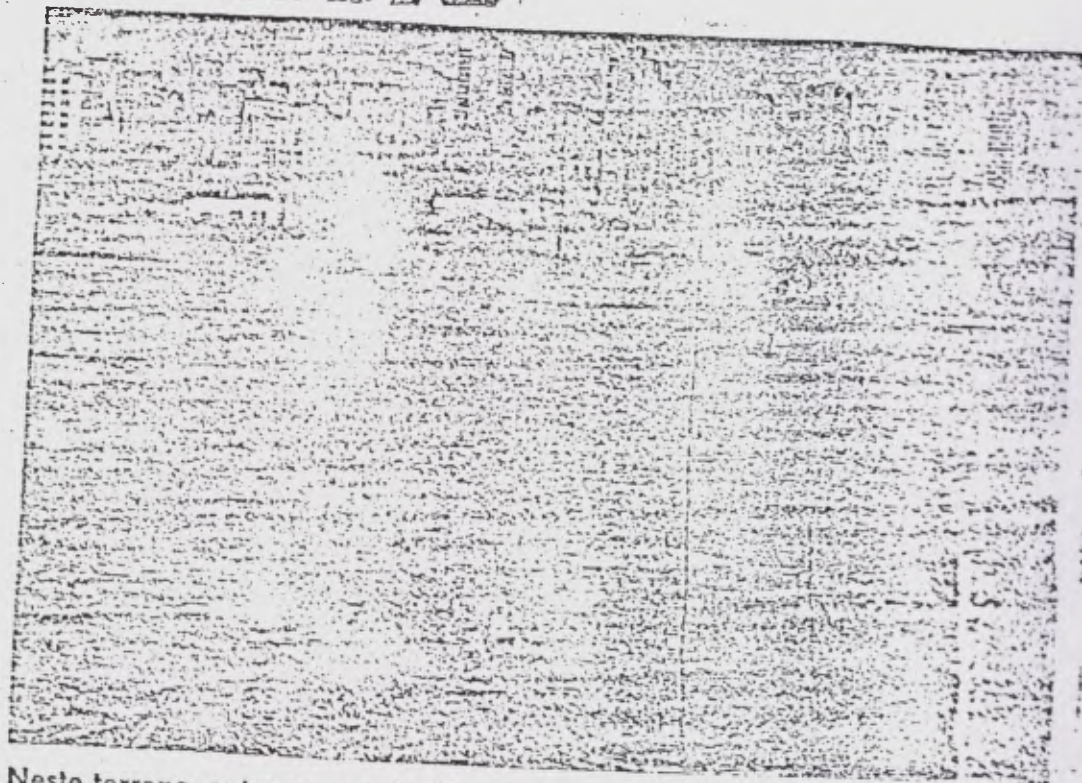
nando, inclusive, grande renda para a Municipalidade, em impostos.

IMPOSIÇÃO DO PROGRESSO

A causa primeira da demolição do Mercado Velho decorre dos planos traçados para Campinas, pois aquele local constituir-se-á em mo-

derna praça, ponto onde convergiram as vias mais importantes da cidade.

Desse modo, a precariedade das atuais instalações não é razão única para a demolição, motivo pelo qual de pouca valia seria a sugestão — já feita por inúmeros permissioná-



Neste terreno, entre as ruas Delfino Cinira e Antônio Lôbo, seria erguido o novo mercado

O Mercado Velho vai ser demolido? Os comerciantes lá instalados vão discutir isso hoje à tarde

rios do Mercado Velho — referindo-se a reformas profundas no prédio ao invés da demolição. Realmente, se fesse esta a causa principal, a solução seria mais fácil, evitando-se, inclusive, o desmembramento de aproximadamente 500 pessoas

dependência dos 154 comerciantes estabelecidos no Mercado Velho.

Segundo informações de boa fonte, o novo prédio seria erguido em terrenos da Serocária (entre as ruas Delfino Cinira e Antônio

gências arquitetônicas para um moderno mercado, com «boxes» prefabricados.

A CEAB, entretanto, assegura não existir qualquer determinação definitiva quanto à demolição e construção do novo

apresentarem na reunião a se realizar logo mais poderão ser consideradas — dependendo da possibilidade de execução — visando conciliar os problemas do progresso e da precariedade do atual

Visão do povo
13/01/1972

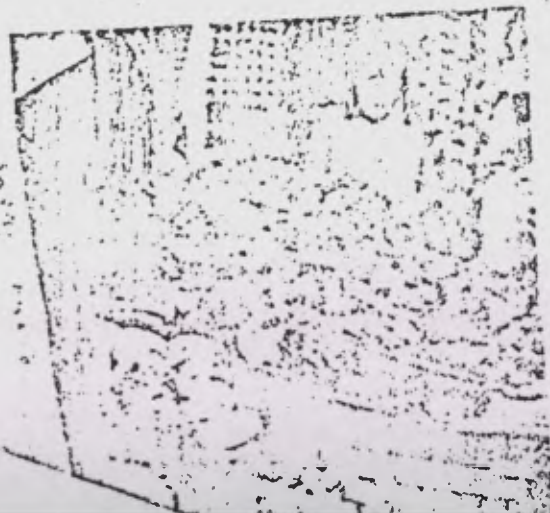
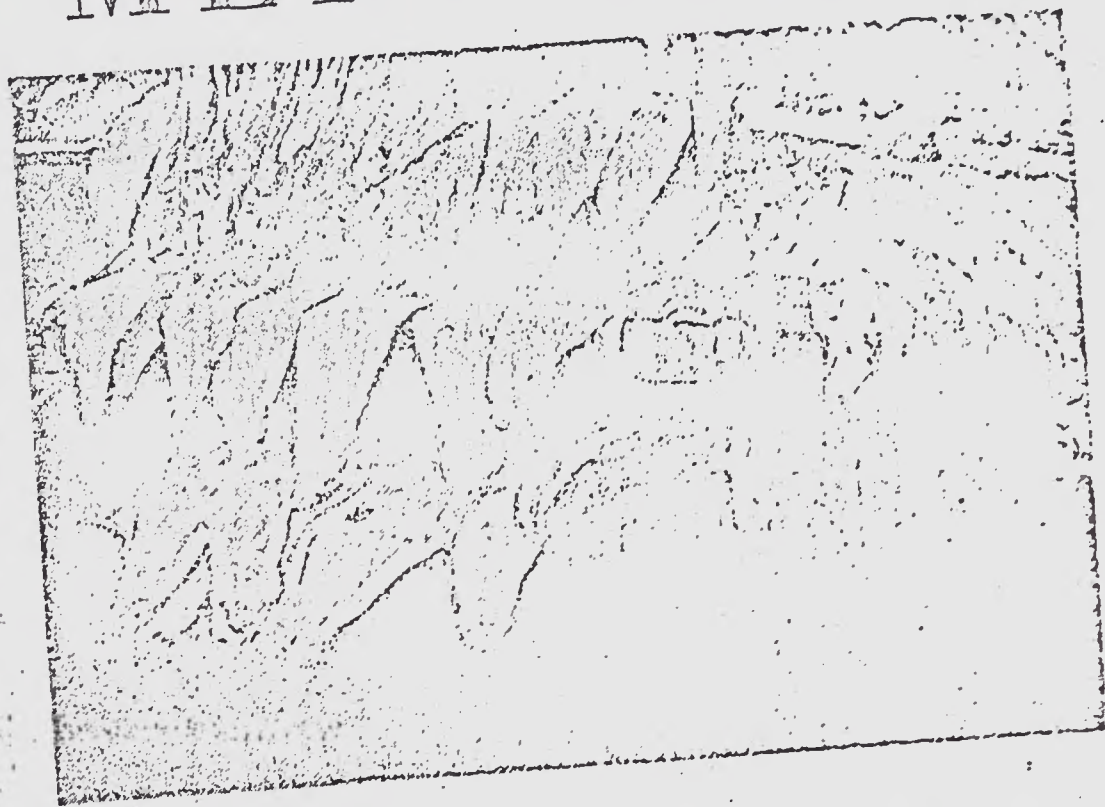
B. P. M. "Prof. E. M. Zick"

UM

VELHO

MERCADO

CERCADO DE INCERTEZA



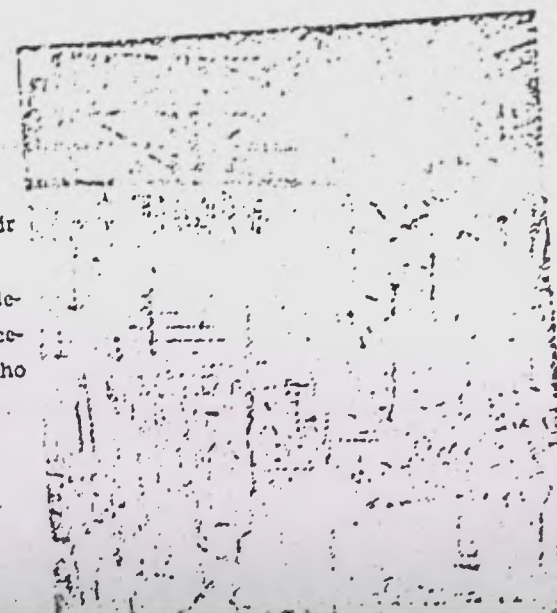
Em um prédio pessimamente conservado, talvez por interesse daqueles que querem o seu desgaste, o velho mercado municipal continua sendo uma necessidade.

Ainda não é a criação de centros de abastecimento distantes que tira a razão de existência daquele casarão de portas abertas para um

povo mais pobre que não tem condições de ir fazer compras mais distantes.

Entre os comerciantes, todavia, além do desestímulo aparentemente premeditado que recebem dos que deveriam administrar bem o velho prédio, paira uma dúvida.

— Continuaremos ou sairemos daqui?



O que estaria reservado ao nosso velho Mercado Municipal, inaugurado a 12 de abril de 1908, hoje em condições físicas e sanitárias obsoletas e anacrônicas?

A pergunta fica no ar, pois as respostas, sempre evasivas, quer dos comerciantes, quer dos responsáveis pela Central de Abastecimento, não são nada conclusivas.

Segundo os próprios diretores da CEAB, o "Mercado" está condenado, pois "tenho conhecimento de que a Secretaria de Saúde condenou as condições de higiene do Mercado Municipal para o comércio de gêneros alimentícios".

Num ponto, CEAB e comerciantes estão de acordo, segundo declarações de ambas as partes: as obras da Radial Leste, o estacionamento dos caminhões de comerciantes para carga e descarga, nas imediações, a partir das 16 horas, a má localização e o aperfeiçoamento dos modernos supermercados, apresentados em muitas condições de higiene, localização, espaço, localização, são causas determinantes da queda de vendas nos últimos anos.

— Se aqui ainda existe movimento — diz um velho comerciante —, isso se deve à tradição ao sentimentalismo e ao fato de aqui se vender de tudo, desde um alface até uma lembrança cara ou um coco da Bahia.

MAIS CONDIÇÕES

Na cúpula central do prédio ainda pode-se ler na parede, entre telas de aranha e outras suplicas: Luiz Nogueira, Cônego: 1880 — 12/11/1908; Intendente: Dr. Francisco de Araújo Mascarenhas; Inauguração: 12.4.1908. Prefeitura Orosimbo Maia; 1905 — 1908; Câmara Municipal.

O Mercado Municipal, por certo uma grande obra há 44 anos, tem hoje o seu valor como tanto turístico o passado histórica pela sua arquitetura.

A disposição dos boxes, principalmente os da nave central, facilita a falta de higiene, uma constante no Mercado. Os alimentos são expostos do modo a invadirem a passarela, sem qualquer proteção, num flagrante desrespeito às leis da Saúde Pública. As carnes se amontoam sobre o balcão, sem qualquer revestimento, em meio aos estoques de jornais. Bacalhau, carne seca e outros produtos são colocados no chão, sobre tábuas ou jornais que não chegam a evitar seu contato com o piso.

Nos bares e pastelarias, os papéis e restos de alimentos vão se amontoando junto ao balcão, mesmo onde existem cestas de lixo. ("O problema é dos fregueses, os restos nos colocamos para evitar a sujeira", de um proprietário de pastelaria).

A culpa também não é do faxineiro, segundo o próprio: — O trabalho aqui é demais. Não paro um minuto, mas como o Mercado é grande o tem muita gente sujando, já viu né. A gente faz o que pode.

Nos boxes anteriores, o gelo derretido das caixas de peixes escorre pela calçada, continuamente, não evitando por isso o póssos nos alimentos de moscas e outros insetos.

Os comerciantes estabelecidos nos boxes do Mercado tomaram conhecimento das declarações do superintendente da CEAB, segundo as quais a Secretaria de Saúde condenou as condições de higiene daquele estabelecimento.

Os que fizeram comentários a respeito, sem declinar o nome, foram francos:

— Não entendo como a própria CEAB dá essa notícia. Se a autoridade sabe disso, porque ela nada faz para melhorar as condições higiénicas?

INCERTEZA

A incerteza é a resposta para o futuro do Mercado Municipal.

A CEAB apresentou aos comerciantes uma proposta de mudança para um novo prédio, proposta esta rejeitada por eles — pagar aluguel tão caro não compensava a mudança — explicam os comerciantes.

Após aquela tentativa, nada mais foi feito a respeito. A pergunta: o Mercado será demolido? é também dos comerciantes.

— Há tantos anos que estamos aqui, para que aventuras? Realmente o movimento caiu, mas ainda é melhor um passarinho no pão que muito voador (verdureiros).

Mudar? — Sim (respondem), mas não para pagar aluguel extorsivo.

Mais uma razão os faz pensar em ficar onde estão: com a transferência dos comerciantes acadêmicos e dos produtores para o Jardim do Lago, cessará o problema que se verifica às segundas, quartas e sextas-feiras, à tarde, nas proximidades do Mercado com os caminhões privando os clientes dos varejistas de estacionamento e diminuindo-os, em consequência, bem como as suas vendas.

Outros há que confidenciam estar o superintendente da CEAB arrumando argumentos (falta de higiene, local não apropriado, queda de vendas, concorrência dos supermercados) para mandar demolir o Mercado. "É só uma suspeita, não temos certeza", explicam.



20

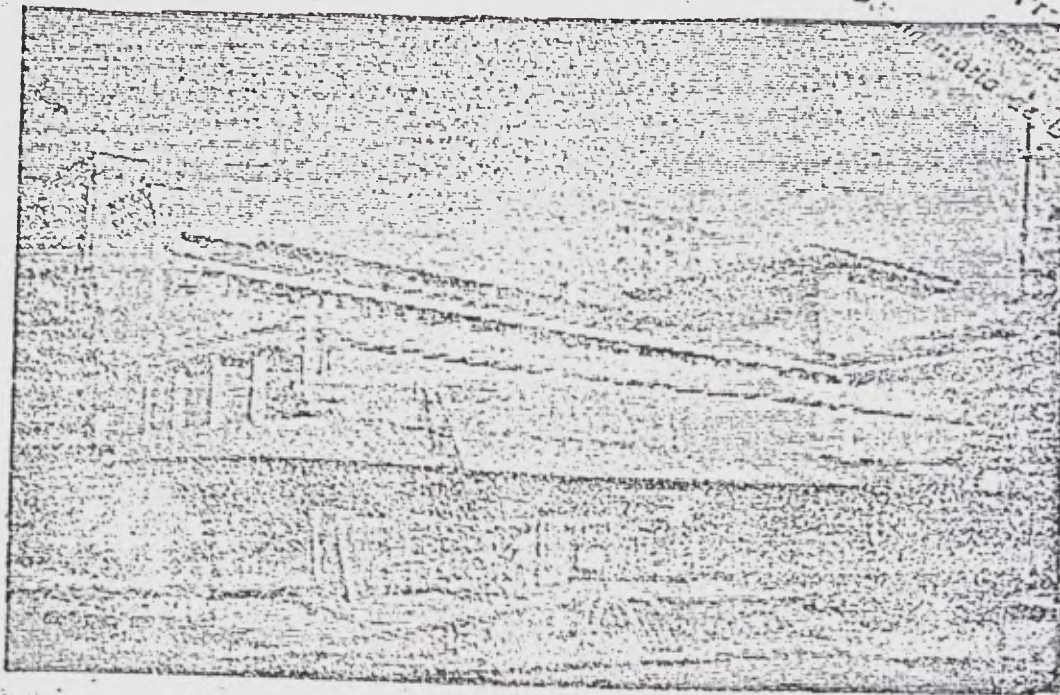
Mercado Municipal está

ficando azul

Correio Popular - Domingo, 26 de Nov. de 1972

X

B. P. M. "Prá E. M. Zink"
D. Municipal de Campinas



As cores municipais para o Mercado

As paredes do Mercado Municipal começaram a ser pintadas de azul. Segundo o sr. Aulus Trefiglio, diretor administrativo da Central de Abastecimento, as reformas atuais do Mercado completam apenas um terço do montante dos trabalhos previstos pelo projeto aprovado na Câmara.

O custo da obra é de 230 mil cruzeiros e prevê um mercado totalmente novo, em azul e branco, com os pisos trocados e as paredes internas com nova aparência. A reforma é um sonho antigo dos permissionários e a possibilidade de sua realização surgiu com a ocupação da presidência da CEAB pelo sr. Décio Rôvere.

Para o diretor administrativo, dentro de algum tempo o mercado será um dos estabelecimentos varejistas mais convida-

tivos de Campinas que, além de vender a preços mais baratos, oferece área de estacionamento aos seus clientes.

Os trabalhos prosseguem em ritmo normal. Estão sendo colocados os pisos externos e brevemente será feita a complementação dos pisos internos, bem como a colocação dos azulejos.

Os cento e trinta permissionários manifestaram recentemente sua gratidão à diretoria da CEAB, por ter atendido à sua reivindicação, através de ofício dirigido ao sr. Décio Rôvere. Por outro lado, a CEAB anuncia que é seu pensamento introduzir outros melhoramentos no edifício, de modo a vir beneficiar os permissionários, como a reforma dos sanitários, dos boxes intermediários e dos balcões externos.

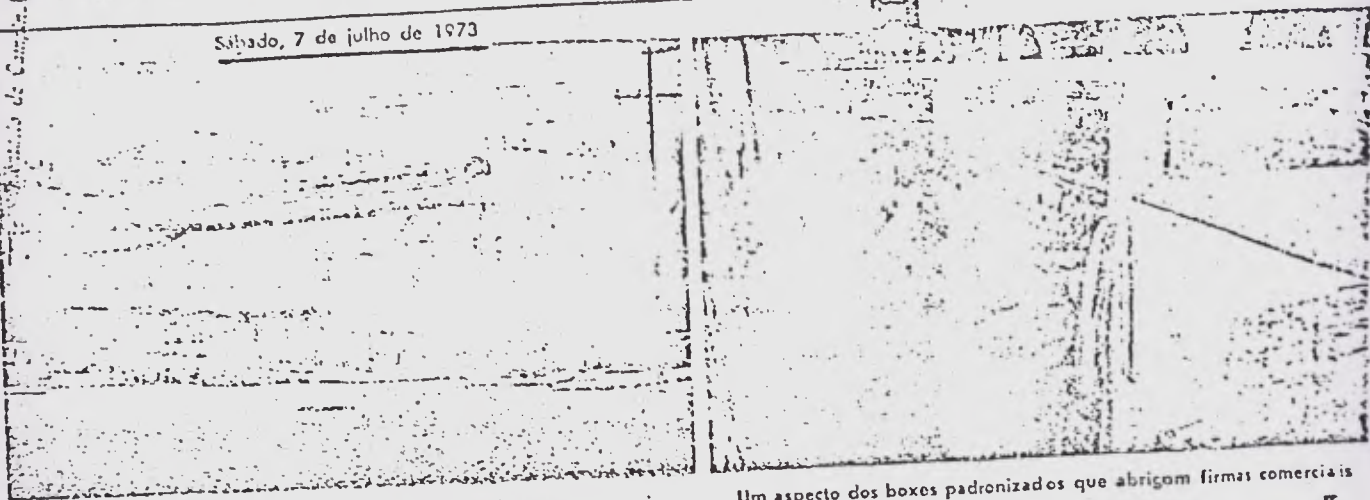
Das

25
D

CORREIO POPULAR

S. P. M. Prof. E. M. Zini

Sábado, 7 de julho de 1973



A fachada do prédio apresenta melhor imagem

Um aspecto dos boxes padronizados que abrigam firmas comerciais

MERCADÃO TODO REMODELADO SERÁ ENTREGUE AO PÚBLICO NO DIA 20

Desde sua fundação, o velho Mercado, projeto do engenheiro Carlos William Stevenson, vem indubitavelmente prestando grande atendimento às gerações campineiras.

Com o passar dos anos suas instalações começaram, naturalmente, a ficar supérfluas. O prédio desbastado, cujo custo não era das mais agraáveis, principalmente em se tratando de um comércio de gêneros alimentícios.

Hoje em dia em que ficou na pendência do «cal ou não cal», produto de uma série de planos elaborados nas diversas gestões.

Em fevereiro deste ano, resolveu-se melhorar, um pouco, o aspecto do vetusto imóvel, dando-lhe uma nova pintura externa.

Entretanto, suas necessidades não se limitavam somente a esse aspecto, e isso foi percebido pela direção da CEAB — Central de Abastecimento — que conta com a presidência do sr. Alduino Zini, assessorado pelos srs. Ronaldo de Souza e Helio Sampaio.

Assim sendo, através de entendimentos com o prefeito municipal, Lauro Pérciles Gonçalves, decidiu-se pela remodelação total.

Quatro meses de grandes trabalhos o que veio a resultar em dezenas de novos boxes, todos construídos dentro da mais moderna técnica de higiene, correspondendo às exigências da Secretaria da Saúde. Ambiente racional de trabalho. Estruturadas em concreto, possuem, ao invés dos tradicionais azulejos, um sistema de forro dos mais modernos devido a impermeabilidade do material usado, que substituiu com vantagem o convencional. Por outro lado, cada box foi dotado de um sistema próprio de luz e força, água, cabos para a instalação de telefones, que até antes não havia.

Esta divisão de melhoramentos, principalmente a colocação de relâmpagos de luz em cada box, foi muito oportuna para cada comerciante, pois, anteriormente havia uma espécie de rateio para o pagamento desta taxa e muitos pagavam aquilo que não consumiam. Um exemplo: o consumo de energia elétrica de um armazém e bem menor do que um aquecedor, que possui sistema de frioníficos — registrou o sr. Alduino Zini, acrescentando ainda, a reforma total que foi feita em todo o sistema de cabos e transformadores do Mercado.

Não obstante isso, o sistema geral de iluminação feérica, através de fluorescentes, dando ao local uma imagem das melhores.

O serviço de pintura interna, paredes brancas proporcionando um aspecto leve e limpo. O maior em nível técnico possível foi adotado para corresponder às exigências do público.

Tres mil e duzentos metros quadrados de área construída. Firmas de ramos diversos, ocupam cada box a título particular.

Em número de vinte, os estabelecimentos se estendem interna e externamente, dando grande atendimento.

Área racional de atividade, criada pela Bureau Municipal Lavanderia e Comércio Ltda., sob a supervisão da Construtora Tel Ltda.

Entretanto os trabalhos da remodelação não se restringem somente ao prédio. A CEAB está cuidando de uma reforma total em todo o setor, para tirar esta imagem pejorativa do Mercado, reduto de marginais e desocupados — salientou o sr. Alduino Zini. Este é um dos pontos fundamentais do empreendimento, para que se tenha condições de receber as senhoras donas de casa, sem maiores problemas de origem vexatória, ou seja a todo o momento se esbarrares em tipos como estes.

Assim sendo, planos estão sendo traçados para a derrubada das banquinhas que circundam o prédio, onde tomam lugar dezenas de boxes padronizados, com portas de aço. Esta área de construção aproxima-se a tres mil metros. Um atendimento triplicado.

Por outro lado já se encontra pronto um projeto de arborização, arborização (a derrubada de árvores «condenadas»), iluminação feérica em toda a área externa, enfim uma remodelação geral que, automaticamente fará com que o local se torne transitável até mesmo à noite, como qualquer outro setor central, sem maiores temores por parte do público. Isto consequentemente causará a expulsão de certos tipos e grupos que permanecem no local até a alta madrugada promovendo toda a sorte de arruaças.

Este projeto foi doado, gentilmente a CEAB, pelo dr. Orlando Passadore, diretor de Parques e Jardins da Prefeitura Municipal de Campinas.

A CEAB não está deixando passar despercebidamente nenhum detalhe, nesse grande empreendimento. Tudo é visto, revisado e analisado dentro do maior critério e contando com todo o apoio da Prefeitura da municipalidade. Sua atuação se integra desde os aspectos da reforma do prédio, o sistema de remodelação do local, até a fiscalização de tudo aquilo que é comercializado pelas centenas de firmas que lá se instalaram.

«Queremos dar ao público um serviço a altura de Campinas, um atendimento completo e racional» — afirmou seu presidente, — «tanto assim que já se encontra em pleno andamento a construção de um grande estacionamento na Praça Correia de Mello (frente ao Mercado), com a capacidade de abrigar cento e cinquenta veículos. Já se encontra em fase final de construção, somente faltando a colocação de plantinhas em sua volta».

Este estacionamento tem uma área bastante grande e seu custo já avança a casa dos vinte milhões. Sua construção é de responsabilidade da firma Incofella, uma das mais tradicionais do ramo.

Tudo foi minuciosamente estudado, equacionado, planejado dentro da mais moderna técnica, para o melhor conforto do público.

INAUGURAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES

As reformas do prédio do Mercado já estão em fase final. Os últimos retoques de pintura já se processam, para que no dia vinte do corrente se dê a inauguração destas novas instalações. Na oportunidade deverão estar presentes autoridades municipais e figuras representativas da cidade.

Documentário de Campinas

O Mercado Municipal

antigo mas firme

Neste ano o Mercado Municipal de Campinas está completando 70 anos. Pouca gente sabe, porém, da história e das estórias deste prédio de estranhas linhas arquitetônicas, contrastante na paisagem de estilo moderno das obras contemporâneas, incrustado entre edifícios de linhas arrojadas e tendo como pano de fundo o complexo viário João Penido Burnier, símbolo do estágio tecnológico alcançado pela engenharia de construção. Este mesmo mercado, que já foi, estação de trem, ponto de charrete, de bonde, de ônibus, de encontro de gente importante, de outros povoados da região e também de marginais, a ponto da polícia, querendo encontrar fugiti vos, a ele dirigir-se. Este mesmo mercado que acredita em alguns, deverá desaparecer em virtude de sua impotência diante das multinacionais do comércio, os grandes super e hipermercados.

Os comerciantes do local, desde ambulantes até vendedores de fumo em corda e donos de restaurante, falam sobre fatos deste prédio que faz parte da vida de todos nós, fatos do passado e do presente; e nenhum deles, sem exceção, acha que o Mercado vá desaparecer. O jornalista Julio Marriano, autor do livro "Campinas de Ontem e Amanhã", fez um pequeno esboço da história do Mercado, além de relatar alguns de seus aspectos pitorescos, que fazem, é inegável, parte da tradição desta Campinas. Hoje grande e moderna, mas

acachapados e dominados pelo vulto da catedral e das esguias palmeiras imperiais que contornavam o terreno baldio que é hoje o ajardinado Largo Carlos Gomes.

Tão grande se ofereceu para a cidade da época o edifício do novo Mercado, que metade de sua faixa externa esquerda foi cedida para o uso da Estrada de Ferro Paulista, que ali instalou sua Estação inicial denominada "Carlos Botelho". Essa estação ferroviária, cujo fim da linha era

Artur Nogueira, servia aos moradores estendiam no chão, dando um toque todo especial ao local. A bica era reminiscência dos antigos chafarizes da época anterior à água encanada, onde o povo ia apanhar a água necessária para sua higiene e seus utensílios. Somente no último quartel do século passado é que surgiu a água encanada. A bica somente desapareceu quando a Prefeitura construiu ali um frigorífico, também já derrubado, desaparecendo junto com ela o aspecto pitoresco das lavadeiras com suas roupas".



Em 1925, r... ou pinos a col... ção de... ou de... mercado. Esta era uma empresa do...

UMA VIDA DE LUTA
Comerciantes no Mercado há 15... Banco Martins lembra logo de...

ca morte que o Mercado conheceu... "No carnaval do ano passado, um... sal teve um desentendimento e o ho... mem acabou matando sua compa...

...da vida de todos nós, tanto do passado como do presente; e foram os fatos, sem exceção, a vida que se viveu e se vive, o que se fez e se faz, o que se viveu e se vive, o que se fez e se faz...

Segundo as pesquisas do jornalista Júlio Mariano, o Mercado Municipal, construído na baixada fronteira à Praça Correia de Melo, foi inaugurado em 1938 e seu edifício, amplo e majestoso em suas linhas modernas, destacou-se como obra da Intendência Municipal, eleita para o triênio de 1935 a 1937, da qual foi intendente o então popular e benemerito facultativo Dr. Francisco de Araujo Mascarenhas.

A inauguração do prédio chamado "Novo Mercado" para o povo camponês, o velho mercado que existiu no canto do quarteirão que resta ocupado pela Escola Normal Carlos Gomes, mais ao lado da rua General Osório, esquema Boaventura do Amaral, construído com a transformação da antiga escola em prédio para o uso de uma escola de ensino primário, e a Escola Normal Carlos Gomes, mais ao lado da rua General Osório, esquema Boaventura do Amaral, construído com a transformação da antiga escola em prédio para o uso de uma escola de ensino primário, e a Escola Normal Carlos Gomes, mais ao lado da rua General Osório, esquema Boaventura do Amaral, construído com a transformação da antiga escola em prédio para o uso de uma escola de ensino primário...

Além de substituir definitivamente o velho Mercado, cujo edifício veio a ser usado por algum tempo a Desinfetório da Comissão Sanitária, o novo Mercado Municipal tornou desnecessário o funcionamento do Mercado de Hortaliças, na praça da Liberdade, entre as ruas Bernardino de Campos (atual Thomas Alves) e Benjamin Constant, cujo prédio abandonado passou a ser ocupado pelas andarrunas que ali faziam moradia durante duas décadas e foram cantadas em prosa e em verso.

A CAMPINAS DA EPOCA

A Campinas de quando se inaugurou o novo e majestoso Mercado Municipal era uma cidade provinciana de pouco mais de 35 mil habitantes, residindo em 5.400 e tantos prédios

Carlos Gomes. <Tão grande se ofereceu para a cidade de época o edifício do novo Mercado, que o estado de sua fachada exterior esquerda foi cedida para o uso da Estação de Ferro Funiense, que ali instalou sua Estação inicial, denominada "Carlos Botelho". Essa pequena estação, cujo fim da linha era Artur Nogueira, servia aos moradores dos vilarejos e povoados como Barão Geraldo, Canaã Fresco, José Paulino e Cosmópolis, além de outros, que vindo à cidade nos domingos e feriados, movimentavam e davam um colorido pitoresco ao Mercado Municipal.

FATOS DA MEMORIA

Lembrar alguns aspectos interessantes ligados ao Mercado Municipal não foi difícil para Júlio Mariano, que relata: "Nos domingos, o local era ponto de reunião para gente importante a gente simples, ocasião em que se misturavam todos os tipos de pessoas, inclusive mendicantes e mulheres da vida e também o Exército da Salvação, que aproveitava para ali fazer suas orações. Era o local ainda onde se encontravam os moradores dos povoados e sítios servidos pela Funiense, que vinham à cidade para fazer suas compras e tinham oportunidade de rever amigos e conversar a respeito dos mais diversos assuntos".

Recorda ainda o jornalista que, no largo entre a Escola Correia de Melo, construída graças às doações feitas pelo povo, que muito estimava o jornalista e a ele queria erguer um monumento; e o Mercado, era o lugar dos alunos buscarem antes e depois das aulas, entrando o local com suas figuras lepidas e impregnando o ar com seus risos inocentes. Esse divertimento, porém, teve seu fim quando surgiram os desordeiros na zona do Mercado, assustando as crianças e fazendo desaparecer dali sua alegria".

A Bica do Serafim é outro dos aspectos lembrados por Júlio Mariano: "Detrás do Mercado, do lado esquerdo, existia a Bica do Serafim. Essa bica já existia muito antes do mercado, na esquina das ruas Alves Machado e Barreto Leme. Nela as lavadeiras lavavam suas roupas e

onde o povo ia banhar a água necessária para sua higiene e seus utensílios. Somente no último quartel do século passado e que surgiu a água encanada. A bica somente desapareceu quando a Prefeitura construiu ali um fogãozinho, também já destruído, desaparecendo junto com ela o aspecto pitoresco das lavadeiras com suas roupas".

Este último pormenor relatado pelo jornalista Júlio Mariano tem um toque de tristeza e de decepção, diante do esquecimento a que, algumas vezes, são relegadas algumas figuras importantes da história local:

— "Nos fundos do Mercado Municipal existia uma Serraria, de Avellino de Souza, uma das figuras mais tradicionais da Campinas da época. Uma pessoa que, pela sua importância e destaque, merecia ter seu nome perpetuado através de alguma obra, mas que não foi lembrado nem para denominar uma das muitas ruas que compoem a Campinas de hoje".

NO TEMPO DO CARRO DE BOI

Os comerciantes do Mercado, alguns deles criados dentro do local, falam também a respeito dos fatos que a lembrança traz e que a memória ainda não apaga de suas páginas. Apesar de bastante preocupados com as reformas que deverão ser feitas na parte externa, pela falta de informações sobre seus detalhes, eles contam que o mercado já foi estação de trem, lembrança da época em que o prefeito Rui Novaes introduziu ali algumas modificações no que se refere aos aluguéis dos boxes e defendem, com unhas e dentes, a sobrevivência do mercado, mesmo diante da concorrência dos supermercados.

Hermínio Garcia, conhecido por todos como Pachola, apelido adquirido nos tempos do futebol, tem 70 anos de idade, dos quais 50 foram passados dentro do Mercado. Ele começa relatando o fato do mercado ter sido também uma estação de trem:

— "Aqui era uma estação de trem chamada "Carlos Botelho", ponto inicial de uma linha que terminava em Padua Sales, praça lá de Artur Nogueira

ra. Em 1925, mais ou menos, a estação deixou de funcionar e passou ao mercado. Esta era uma empresa do Luiz Nogueira, que a ocupou durante 20 anos e depois deixou para a Prefeitura de Campinas".

Lembra, com saudades, que no começo os veículos que transitavam por ali eram carro e carro de boi, com as mercadorias elevadas de corcova ou de lençol. Depois, com os automóveis e caminhões, o panorama mudou muito por aqui. O sossego de antigamente não tem nem comparação com toda esta movimentação de hoje em dia".

Quando o revisor mencionou a existência de ratos no Mercado, Pachola, dono de um pequeno bar e restaurante, onde ainda se pode "pagar no dia seguinte", sem a necessidade de abrir um crediário, reagiu prontamente:

— "Dizem que hoje tem muito rato, mas antigamente a coisa era muito pior. Hoje não temos remédios contra esses bichos. Olla, e eu digo sinceramente, já faz bastante tempo que eu não vejo um "rato" daquele tamanho. Antes, há alguns anos, a gente pegava diversos deles todos os dias. Hoje a Prefeitura tem um remédio que mata mesmo os ratos, e eles não tem sequer, aqui, na frente da gente".

Sobre a frequência de marginais no Mercado ele comenta: "Os ladrões frequentam muito o mercado por causa da gente mais pobre, pessoal ingênuo e sem malícia. Quando eles recebem o pagamento, os marginais aproveitam, mas aqui não é diferente dos outros locais nesse aspecto".

Afirmando que o movimento no Mercado sempre foi bom, "é muita gente que vem aqui, pobre, médio, rico, todo mundo". Pachola defende: "O Mercado Municipal nunca vai desaparecer. Isto aqui é do povo e ele precisa do mercado. Quando os Supermercados estão fechados, eles não têm mais onde ir".

UMA VIDA DE LUTA

Comerciante no Mercado há 13 anos, Ramiro Martins lembra a lenda de um episódio triste, que deu muito o que falar na época: "Foi no primeiro governo do prefeito Rui Novaes. Nós pagávamos um aluguel baixo, bem excessivo. Nesta época, o prefeito Rui Novaes resolveu subir o preço dos aluguéis e obrigou todo mundo a fazer um contrato de 12 anos. Nove anos a gente pagava por mas e 3 tinhamos que pagar adiantado, o que apelava bastante o nosso organismo. Foi um bafafá tremendo. O prefeito dizia ali que ia destruir o mercado, só para assustar a gente. Tinha que acatar, né, não tinha outro jeito".

Sem lamentações, Ramiro comenta que luta com o povo e vem sempre para demonstrar a luta que é o Mercado e a vida dentro dele.

— "Aqui se trabalha 12 horas por dia, inclusive nos sábados, domingos e feriados. Não temos folga nenhuma. Mas temos que lutar. O surgimento dos supermercados atrapalhou um pouco a nossa vida, o tempo movimentado, mas eu não acredito que o mercado vai desaparecer, pois ele está fazendo muito bem. Se não fosse por causa dos problemas de este momento, o mercado seria ainda melhor. Mas o nosso estabelecimento é utilizado pelo pessoal que trabalha na cidade e muitos clientes não têm como comprar seus alimentos, preferindo os grandes países dos supermercados".

MODERNISMOS

Fotógrafo de profissão, trabalhando no Mercado Municipal de Campinas desde 1933, Quirino de Faria não estranha a presença de marginais na zona do mercado, principalmente à noite: "Antigamente era a mesma coisa, isto aqui já foi lugar de encontro de muito bandido". Mas se recorda com pesar de um crime ocorrido ali no carnaval passado, um

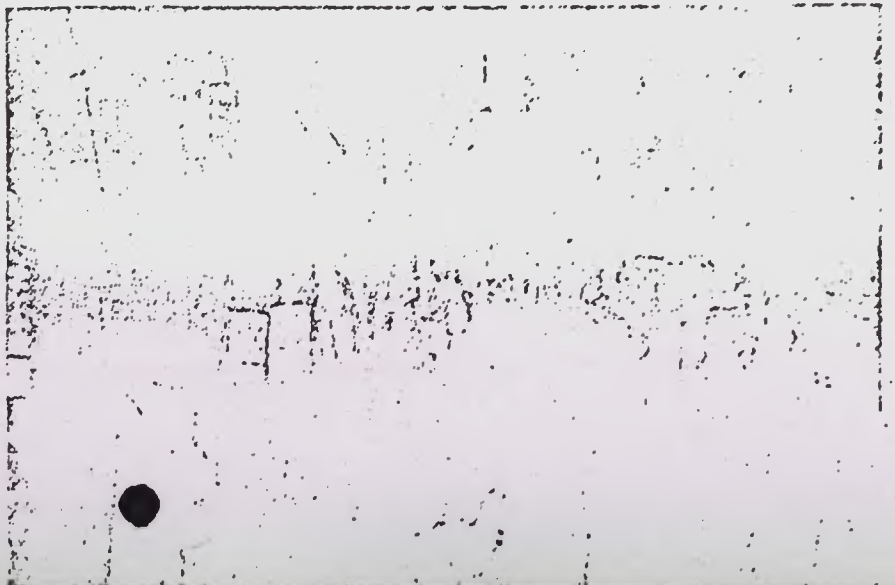
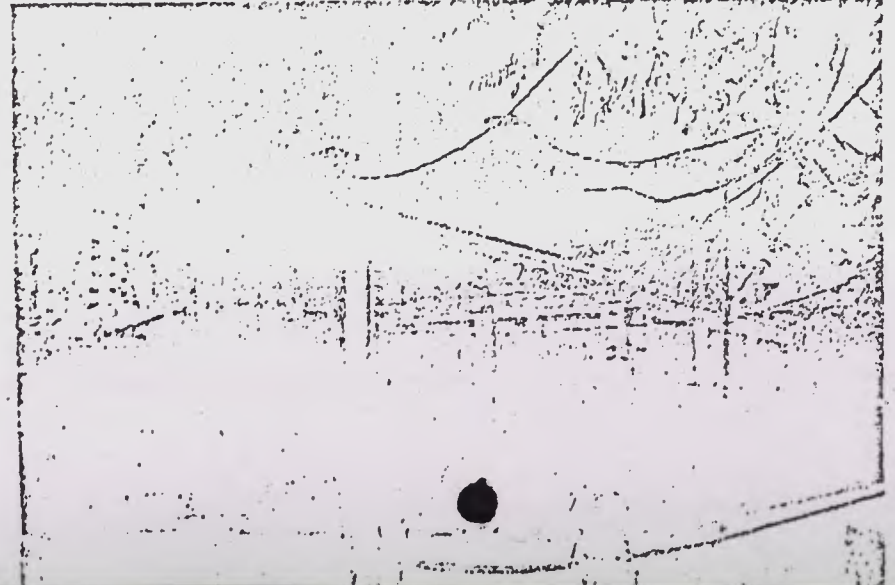
ca morto que o Mercado nos anos. No carnaval do ano passado, um bandido matou um comerciante e levou o dinheiro para a Bahia. Ele deu uma festa de 20 dias. Aí no primeiro governo do prefeito Rui Novaes. Nós pagávamos um aluguel baixo, bem excessivo. Nesta época, o prefeito Rui Novaes resolveu subir o preço dos aluguéis e obrigou todo mundo a fazer um contrato de 12 anos. Nove anos a gente pagava por mas e 3 tinhamos que pagar adiantado, o que apelava bastante o nosso organismo. Foi um bafafá tremendo. O prefeito dizia ali que ia destruir o mercado, só para assustar a gente. Tinha que acatar, né, não tinha outro jeito".

Quirino de Faria lembra também a perda do antigo sobrado "Artur Novaes" que foi destruído para a construção de um prédio muito grande de muitas salas e lojas. Era muito mais "sobejado". E lembra que, ante hoje e o terminal de ônibus, ficava a Escola Correia de Melo, cujo alvará vendiam sempre para o comércio.

Com 64 anos, Hermínio Garcia lembra muito bem o tempo que viveu no Mercado Municipal. Ele diz que não tem medo de falar a verdade e de demonstrar a luta que é o Mercado e a vida dentro dele.

Ele não gosta de falar sobre o passado, mas recorda que o mercado foi construído com a contribuição do povo. Ele diz que não tem medo de falar a verdade e de demonstrar a luta que é o Mercado e a vida dentro dele.

Vendo, e ouvindo, está pensando: "Se a gente tivesse um pouco de dinheiro, a gente poderia fazer um mercado melhor, com mais lojas e mais serviços. Mas a gente não tem dinheiro, então a gente tem que lutar para melhorar o mercado e a vida dentro dele".



98
1

MERCADO MUNICIPAL DE CAMPINAS

O Mercado está localizado no quarteirão entre as ruas Benjamin Constant, Barreto Leme, Álvares Machado e Ernesto Kuhlmann, onde antigamente se chamava Praça Correia de Melo.

Esta localização deu-se não só pela necessidade da transferência do antigo mercado (onde hoje é o Largo das Andorinhas) que se encontrava superado, como também paralelamente a este fato, já existia neste local a Estrada de Ferro Cia. Carril Agrícola Funilense, havendo portanto, a possibilidade de se construir num único prédio a Estação da Funilense, e o Mercado Municipal.

Esta Companhia foi fundada em 24 de agosto de 1890, sendo os seus incorporadores os senhores: João Manuel de Almeida Barbosa, José de Salles Leme e Francisco de Paula Camargo. A 2 de setembro deste mesmo ano, ficou o engenheiro Dr. Christiano Röhe encarregado da exploração do terreno, bem como de fazer a planta por onde passaria a estrada de ferro. Porém, a dificuldades financeiras as obras foram paralizadas, e somente alguns anos mais tarde, com o apoio dos senhores: José Paulino Nogueira, Barão Geraldo de Rezende, Dr. Moraes Salles, João Aranha e outros, é que as obras foram recomeçadas, com o assentamento dos trilhos e construções das pontes sobre os rios Atibaia e Jaguari. Finalmente, a Estrada de Ferro Funilense foi inaugurada a 18 de setembro de 1899.

A Funilese passou a funcionar normalmente ligando a cidade de Campinas com a região do Funil (Barão Geraldo, José Paulino- hoje Paulínia, e Artur Nogueira).

Possuía uma extensão de 45 km, e atravessava uma região que se destacava como sendo uma importante região cafeeira e açucareira, e ainda era favorecida por uma topografia pouco acidentada,

A fim de facilitar o funcionamento da Estrada de Ferro Funilense, em 11 de abril de 1906, a Prefeitura cede a esta Cia. os terrenos

94
[Signature]

existentes entre as ruas Barreto Leme e Marechal Deodoro, para que ali fosse instalado o pátio de manobras da referida estrada.

Com o mesmo intuito, no ano seguinte, a 9 de fevereiro de 1907, é concedida a licença para retirar e canalizar o manancial (nascente d'água) existente a rua Barreto Leme, bem como o uso gratuito dessa água, a fim de alimentar as máquinas da estrada de ferro. (ver págs. 6, 7, 8).

A partir daí, reforçou-se então, essa localização do Mercado em função do já existente fluxo de pessoas e mercadorias entre a região do Funil e a população local.

Foi encomendado pela Prefeitura, um plano ao Engenheiro-Arquiteto Dr. Ramos de Azevedo. O projeto consistia em uma edificação em estilo mourisco, com uma área total de 7308,80 m², sendo que 7077,90 m² para a parte central, 138,90 m² para os corpos salientes e 92 m² para a plataforma da linha férrea. Ao corpo principal seguem-se 2 naves e ao longo delas ficarão 28 compartimentos para armazéns e 2 dependências para a Funilense. Os armazéns dão acesso para a grande nave com a qual se comunicam.

(ver planta baixa anexo)

A fiscalização das obras seriam feitas pelo Engenheiro-Arquiteto Dr. Augusto Fried, e se encarregariam da construção os engenheiros-construtores "Irmãos Mazzini". O material estrutural usado seria o tijolo de barro (antigo), e para as vedações seria utilizado o ferro.

(ver pág. 9, 10)

Finalmente o Mercado foi inaugurado em 12 de abril de 1908, sendo o seu concessionário o Sr. Luiz Nogueira. Juntamente com a inauguração do mercado começou a funcionar a Estação da Funilense denominada "Carlos Botelho". E assim permaneceu até 1925, quando deixou de funcionar a Funilense.

Em 1933, sob a administração do Sr. Orozimbo Maia, o Mercado passou por reformas parciais, visando melhorar a iluminação através

de clarabóias, e serviços de água e esgoto, e ladrilhamento do piso.

(ver pág. 11.)

Desde então foram programadas outras reformas, mas que na realidade ficaram só em projetos. (ver pág. 12)

Com o passar dos anos, por estar localizado numa área central, e já de certa forma superado, devido ao sistema de comércio que se efetivou em suas adjacências, com um elevado número de caminhões de todas as cidades vizinhas, que realizam ali vendas e trocas de mercadorias, próprio de uma modaidade do CEASA, prejudicando seriamente o trânsito a sua volta, pensou-se na sua demolição e transferência para outro local mais adequado.

Tais propostas foram enfatizadas quando da construção do CEASA na Rodovia D. Pedro I. (ver págs. 13 e 14)

Mas apesar de toda pressão sofrida e no tocante a demolição por parte das autoridades locais, o velho "mercado" resistiu ao tempo; e em 1972 foi finalmente pintado de azul e branco, tendo também seus pisos trocados (internos e externos), assim como suas paredes tendo nova aparência devido a colocação dos azulejos.

Já nessa época, o mercado tem uma capacidade de 130 permissionários. Após essa reforma, outros melhoramentos são prometidos tais como: reforma dos sanitários, dos boxes intermediários e dos balcões externos. (ver pág. 15)

Em 1973, o Mercado sofre grandes reformas, mas não só quanto ao prédio, como também no seu entorno, com a construção de um estacionamento em frente, e que torna toda área útil, onde antes se erguia o Grupo Escolar Correia de Melo. Pensa-se também na ajardinagem, arborização e iluminação em toda área externa. O prédio passa por uma remodelação total, com 3200 m de área construída; Disto resulta do acréscimo de dezenas de boxes, tanto interno quanto externamente. São derrubadas as barraquinhas

que circundam o prédio externamente e construídos boxes padronizados com portas de aço. Os boxes internos são estruturados em concreto, possuem ao invés dos tradicionais azulejos, um sistema de forração dos mais modernos devido a impermeabilidade do material usado, que substitui com vantagem o convencional. Por outro lado cada box, foi dotado de um sistema próprio de luz, água, cabos para instalação de telefones que até antes não havia. Foi instalado também um sistema geral de iluminação elétrica, fluorescentes.

As paredes internas foram pintadas de branco, proporcionando um aspecto mais higiênico.

Essas novas instalações do Mercado foram entregues a população no dia 20 de julho de 1973. (ver págs. 16,17)

Depois disso o Mercado não sofreu mais nenhuma reforma, a não ser limpezas gerais para sua conservação, como aconteceu em março de 1976, a fim de acabar com os ratos que ali se encontravam. (ver pág. 18)

32
A

DADOS CRONOLÓGICOS

- +24 de agosto de 1890 - foi fundada a Cia. Carril Agrícola Funilense
- +18 de setembro de 1899 - inaugurada a Estrada de Ferro Cia. Carril Agrícola Funilense.
- +11 de abril de 1906 - cedidos os terrenos situados entre as ruas Barreto Leme e Marechal Deodoro, para a Estrada de Ferro, para serem utilizados como pátio de manobras.
- +31 de janeiro de 1907 - lançamento da pedra fundamental do Mercado
- + 9 de fevereiro de 1907 - concedida licença pela Prefeitura para retirar e canalizar o manancial existente a Rua Barreto Leme, bem como utilizar gratuitamente essa água
- +12 de abril de 1908 - inauguração do mercado
- + 1925 - A Estrada de Ferro deixou de funcionar
- +30 de dezembro de 1933 - O mercado passou por reformas parciais, sob a administração do Sr. Orozimbo Maia
- + 7 de março de 1934 - promessas de futuras e amplas reformas
- + abril de 1970 - O mercado é ameaçado de demolição
- + novembro de 1972 - Sofre algumas reformas como: pintura, colocação de azulejos, troca de pisos.
- + março de 1973 - construção do estacionamento
- + julho de 1973 - remodelação total, com reformas das barracas e dos boxes internos, reformas da parte elétrica.
- + março de 1976 - limpeza geral para exterminar ratos

COMPANHIA CARRIL AGRICOLA FUNILENSE

Esta empresa é incontestavelmente um bello attestado da muita força de vontade daquelles que se abalaçaram a levar avante a construcção de uma linha ferrea até o bairro do Funil, na distancia de 43 kilometros, a partir do Guanabara.

Foi fundada em 24 de Agosto de 1890, com o capital de 300:000:000 em acções do valor nominal de 200:000 cada uma, sendo mais tarde esse capital elevado a 600:000:000.

Foram seus incorporadores os srs. João Manoel de Almeida Barbosa, José de Salles Leme e Francisco de Paula Camargo.

Sua bitola é de 0,90 entre trilhos.

No dia 2 de Setembro do referido anno ficou resolvido a exploração do terreno, bem como que fosse levantada a planta, sendo encarregado desse serviço preliminar o habil engenheiro sr. dr. Christiano Röhe.

Os trabalhos foram encetados, sendo porém pouco depois suspensos e assim ficaram durante algum tempo, devido á falta de recursos proveniente da não entrada de capitães por muitos accionistas e da baixa successiva do cambio.

Depois de muitos esforços empregados pelos srs. José Paulino Nogueira, Barão Geraldo de Rezende, dr. Moraes Salles, João Aranha e outros que viam na empresa um elemento de progresso para a nossa terra e para o Estado, recommearam os trabalhos de construcção da linha, assentamento de trilhos, pontes sobre os rios Atibaia e Jaguary, sendo esta de ferro suspensa.

A municipalidade, no intuito de facilitar a marcha da companhia, cedeu-lhe alguns terrenos á margem da linha, necessários para estação, armazens, etc., conforme pedido da empresa.

O Congresso do Estado concedeu-lhe uma subvenção de 250:000:000.

Para garantia desta subvenção, a companhia cedeu a sua linha, materiaes e dependencias, assim não sendo solver seus compromissos, como tambem para estender a via ferrea até o *Nucleo Colonial Campos Salles*.

Esta via ferrea é uma das mais interessantés já pelo terreno pouco accidentado que percorre, o já pelos sertões que começa a atravessar a 2 leguas da cidade, até quasi o seu ponto terminal.

Durante o trajecto observam-se bellos quadros de natureza: além das matias virgens, grandes campos de inverno, as escherbas cascadeas do Atibaia e a do volumoso Jaguary.

A companhia contractou com a firma Arthur Nogueira & Comp., o serviço de conservação e trafego da linha, pelo tempo de tres annos e a mesma firma (tambem por contracto de 18 de julho de 1890) cedeu á Companhia Ramal Ferreo Campineiro a exploração da linha.

A inauguração desta via ferrea deu-se no meio do demonstração de alegria no dia 18 de Setembro de 1890, com assistencia dos srs. dr. Secretario de Agricultura, consul da Allemanha e muitos outros cavalheiros.

O sr. dr. Alfredo Guedes, secretario da Agricultura, transmittio nessa occasião ao sr. dr. Campos Salles, presidente da Republica, o seguinte telegramma:

« Acabo de chegar ao nucleo «Campos Salles» no trem inaugural da Companhia Funilense.

Apresento a v. exca. os meus cumprimentos por esse auspicioso acontecimento. Cordaes saudações. — Alfredo Guedes. »

Estações e chaves: *Campinas, Santa Genebra, Deserto, José Paulino, Engenho, João Aranha, Funil e Barão Geraldo de Rezende.*

DIRECTORIA

Presidente — Barão Geraldo de Rezende.

Directores — João Baptista de Barros Aranha
Joaquim Teixeira Nogueira de Almeida.

XL

CASAL

Ella—E' arvore da india
Não ha pois que duvidar
Ella—E medida já se vê
Vejam se podem deslindar

J. W. Polydoro.

O THESENTE CORONEL ARTHUR LEITE DE BARROS, Vice Presidente da Câmara e Intendente Municipal em exercício, nesta cidade de Campinas, na forma da lei.

Faço saber que a Câmara decretou e eu promulgo a seguinte.

LEI n. 113.

(CONCEDER USO E GOSO DE TERRENOS À ESTRADA DE FERRO FUNILENSE)

Art. 1º Ao governo do Estado de S. Paulo concede a Câmara Municipal de Campinas, o uso e gozo gratuito da área de terreno da praça Corrêa de Mello entre as ruas Marechal Deodoro e Barreto Leme, necessaria para o estabelecimento de desvios armazens e mais dependencias da Estrada de Ferro Funilense, com espaço preciso para deposito de generos chamados de pateo reservando, aliás, para ruas dez metros entre os muros actuaes e as construcções ou outras referidas.

Art. 2º A estação de passageiros será estabelecida no ponto designado na planta do mercado que a Câmara decretou, planta visada pela commissão especial da Câmara.

Art. 3º Ao Governo ou empresa cessionaria cabe a obrigação de prover a segurança publica, quer em relação ás ruas ou caminhos actuaes, quer ás vias de communicação que a Câmara vier a estabelecer por si ou por concessão.

Art. 4º Não havendo trafego diario da estrada Funilense, ou mudando ella sua diretriz quando á praça Corrêa de Mello, suas obras ou construcções reverterão assim como o uso e gozo, á Câmara Municipal, sem indemnisação.

Art. 6º O poder executivo no contracto a levar a assegurar os interesses e cautelas, sempre respeitadas os direitos de terceiros.

Art. 5º Revogam-se as disposições em contrario.

Mando, portanto, a todas as autoridades a quem o conhecimento e execucao desta Lei, pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nella se contém.

Campinas, 11 de abril de 1905.

ARTHUR LEITE DE BARROS

Publicada na Secretaria, aos 11 de abril de 1905

O Secretario,

Leopoldo Amaral.

Uma rua chamada

Funilense

Odilon Nogueira de MATOS

Existe na Vila Nova pequena rua que até há pouco não tinha denominação própria. Era conhecida por Travessa Buarque de Macedo, pois partia da rua desse nome, no ponto em que ela cruza os trilhos da extinta ferrovia, e estendendo-se por pouco mais de duzentos metros, juntava-se à rua Carolina Florence, que constitui a saída para Barão Geraldo, Paulínia, Cosmópolis, enfim toda a região outrora conhecida por Funilense.

Não é recomendável a substituição de nomes de ruas, existindo, mesmo, disposições oficiais no sentido de proibi-la, tais como os transtornos que acarreta. Uma das poucas exceções que se reconhece a justificar alteração é quando existem duplicatas, isto é mais de uma via pública com o mesmo nome. Já existindo, por exemplo, uma Praça Carlos Gomes, não se justificaria uma rua ou avenida com esse mesmo nome. No caso da antiga Travessa Buarque de Macedo, foi o que me levou, como integrante da Comissão de Nomenclatura de Vias e Logradouros Públicos, a propor a alteração de seu nome. Ou melhor, a dar-lhe um nome, pois a denominação "Travessa" significava tão só que ele era uma travessa da importante rua Buarque de Macedo, como tantas outras o são. Achei que a simpática rua merecia um nome próprio, que não dependesse simplesmente de uma outra artéria. Mas, que nome? Dado o fato dela acompanhar em toda a sua extensão o leito da antiga Estrada de Ferro Funilense — e nada havendo em Campinas que recordasse essa ferrovia, de tanta importância em nosso passado — não tive dúvidas: propuz o nome "Funilense", que os meus dignos companheiros de Comissão aprovaram e o Senhor Prefeito oficializou pelo ato n.º 4288, de 25 de julho do ano passado.

Embora denominada há mais de um ano, só há pouco a rua recebeu as placas indicativas de seu nome. E tal como deve ser feito: sem os postinhos amarelos que enfeiam a cidade, facilmente se deterioram ou são arrancados pelos que se comprazem em brincar destruindo. E mais ainda, com um número adequado de placas, pelo menos três, para uma rua de pouco mais de duzentos metros. Otimo!

Justificada a rua de que fui padrinho, creio necessário justificar o nome que escolhi para a minha afilhada.

A idéia de ligar Campinas ao antigo bairro do Funil (a atual cidade de Cosmópolis) remonta a 1890. No Funil realizara-se um excelente ensaio de colonização européia, com a fundação de alguns núcleos importantes. A 24 de agosto daquele ano, organizou-se a empresa, que teve como incorporadores João Manuel de Almeida Barbosa, José da Silva Leme e Francisco de Paula Camargo mas cuja realização efetiva se deve a esforços de abastados fazendeiros da região, como os Nogueiras (José Paulino, Artur e José Guatemozini), João Aranha e o Barão Geraldo Rezende, os quais, vendo na iniciativa um "elemento de progresso para a nossa terra e para o Estado", fizeram recomençar os trabalhos de construção da estrada, que haviam sido paralizados durante alguns anos devido às condições econômicas geradas pelas conturbações políticas e militares do início da República. Afinal, a 16 de setembro de 1899 foi a "Funilense" inaugurada, "servindo uma das zonas cafezeiras mais importantes do nosso município", segundo proclamava um guia de Campinas, do começo deste século, e acrescentando que "esta via férrea é uma das mais interessantes já pelo terreno pouco acidentado que percorre, já pelos setores que começa a atravessar a duas léguas da cidade, até quase o ponto terminal".

CORREIO POPULAR

Campinas, 15 de Novembro de 1974

A municipalidade de Campinas concedeu à "Funilense" grandes facilidades para que ela pudesse ser realizada, inclusive permitindo que sua estação inicial se localizasse junto ao mercado da cidade, então em construção e onde permaneceu até que a estrada fosse incorporada à Sorocabana.

Os que hoje visitam o Mercado Municipal acham estranho que, num de seus lados, haja um casnelão tão grande. E' que essa face era exatamente a plataforma da antiga Funilense. Ali encostavam suas composições e dali partiam, seguindo pela atual rua Antônio Lobo (cujo traçado sinuoso trai até hoje a sua antiga função de leito ferroviário), atravessam a Borão de Itapura e juntavam-se aos trilhos da Mogiana. Acompanham-nos até pouco depois do Instituto Agronômico donde infletiam à esquerda, seguindo por entre as atuais ruas José do Patrocínio e Clovis Beviláqua, cortando a atual avenida Imperatriz Leopoldina e dali rumando para o Funil.

Estrada cafeeira e açucareira, pois boa parte da área por ele servida dedicava-se à cultura da cana, foi a Funilense, com o tempo, incorporada à Sorocabana, quando a estação inicial foi transferida para o Bonfim e ali existiu até há pouco. So com as obras urbanísticas ali empreendidas é que foi demolida. Quando integrante da rede da Sorocabana, foi sempre denominada — como se podia ver nos quadros de horários da grande ferrovia — "Ramal Funilense". Quer dizer, o nome original não desapareceu mesmo com o desaparecimento da estrada. E a exemplo do que ocorreu com todas as ferrovias paulistas, seu nome serviu para designar a região. O bairro do Funil transformou-se em Cosmópolis, algumas de suas modestas estações passaram a ser verdadeiras cidades, como Barão Geraldo, José Paulino (Paulínia) e Artur Nogueira, mas o nome Funilense permaneceu por muito tempo (e perdura, ainda, entre os moradores mais antigos) para individualizar a importante área, que, após lamentável fase de decadência, volta a ser valorizada, especialmente depois da implantação da refinaria da Petrobrás. Na época de decadência das ferrovias, a antiga Funilense foi das primeiras a ser sacrificada. Como testemunho, seus trilhos ainda podem ser vistos em alguns trechos da cidade, bem como os edifícios de algumas de suas estações ainda permanecem a testemunhar um passado que, afinal, não é tão remoto. A Funilense faz parte, não só da história de Campinas, mas da história ferroviária de São Paulo. Eis porque julguei oportuno evocar numa rua que acompanhava o seu leito, o nome da "antiga ferrovia" (tal como está escrito nas placas) de tanta significação para o passado da região.

Não sei se os dignos moradores da antiga Travessa Buarque de Macedo ficaram contentes com o nome que cel à sua rua. Espero que, conhecendo alguma coisa de sua história, aceitem o nome com o respeito e a simpatia que merecem nossas antigas ferrovias, especialmente agora, quando, ao que parece, vamos entrar numa nova era ferroviária, a evocação de um nome tão singular me pareceu de alta significação.

8

"Mercado Novo" - A Pedra Fundamental

Às 14:30 de 31/01/1907 foi colocada a pedra fundamental do Novo Mercado, do qual é concessionário o Sr. Luiz Nogueira.

Augusto Fried- arquiteto, encarregado pelo Dr. Ramos de Azevedo da construção do edifício.

(...) "o solo onde vai ser edificado o mercado é de natureza pantanosa e a terra de consistência turfosas, de maneira que foi necessário cavar em alguns lugares fossas de tres metros de profundidade para se atingir o terreno firme, argila, onde assentam os alicerces dos pilares.

O Dr. engenheiro municipal está drenando o solo, tendo já construído tres drenos - um outro vai ser atacado brevemente.

A construção dos alicerces tem, pois, a vencer a dificuldade de da água que ali brota em grande quantidade, e a do terreno movediço e sem consistência alguma.

Na base dos alicerces é empregado forte concreto de cimento areia, cal, cinzas de carvão de pedra e pedra britada.

Vimos ser lançada essa camada que atinge a altura de 40 centímetros no fosso onde vai ter origem um pilar" (...)

(...) "O mercado é em estilo mourisco, destacando-se da massa em um retângulo de 70,20 metros de comprimento por 20,60 de largura.

A uma das faces, a que fica voltada para a rua Álvares Machado, será anexa a projetada Estação da Municipalense em estilo mourisco também. Há ainda no plano do corpo principal uma plataforma abrigada com 20 metros de extensão e 4 de largo, com rampas de acesso para cada extremidade

O mercado ocupa a área de 7077,90 metros quadrados para a parte central, 138,90 para os corpos salientes e 92 m para a plataforma da linha férrea.

37
A

Ao corpo principal seguen-se duas naves elegantes e ao longo delas ficarão 28 compartimentos para armazéns e duas dependências para o serviço do tráfego da Funilense.

Os armazéns e as camaras de serviço dão acesso para a grande nave com a qual comunicam.

Em correspondência com os fundos dos armazéns, fora do recinto fechado, ficarão instalados 28 compartimentos para exposições de frutas e verduras.

As naves são fartamente iluminadas e ventiladas por meio de clarabóias, frestões protegidas por caixilhos de persianas, havendo ainda 16 janelas portões para os mesmos efeitos.

Cada uma das faces do edifício será praticável por grandes aberturas. Essas obras obedecem a plano do Dr. Ramos de Azevedo, são fiscalizadas pelo engenheiro-arquiteto Dr. Augusto Fried e são seus empreiteiros os conhecidos construtores Irmãos Mazzini.

A parte do longo que dá para a Escola Corrêa de Melo é destinada a feiras e o edifício da escola servia de palácio da Agricultura em tais ocasiões.

Ruas e avenidas ligarão facilmente a cidade com o mercado.

Calcula-se que as obras fiquem concluídas em agosto e com elas devê ser dispendida quantia superior a 130 contos."

5

98
[Handwritten signature]

6

CORREIO POPULAR

Uma visita ao Frigorífico

30/desembro/1933

e ao Mercado Municipal

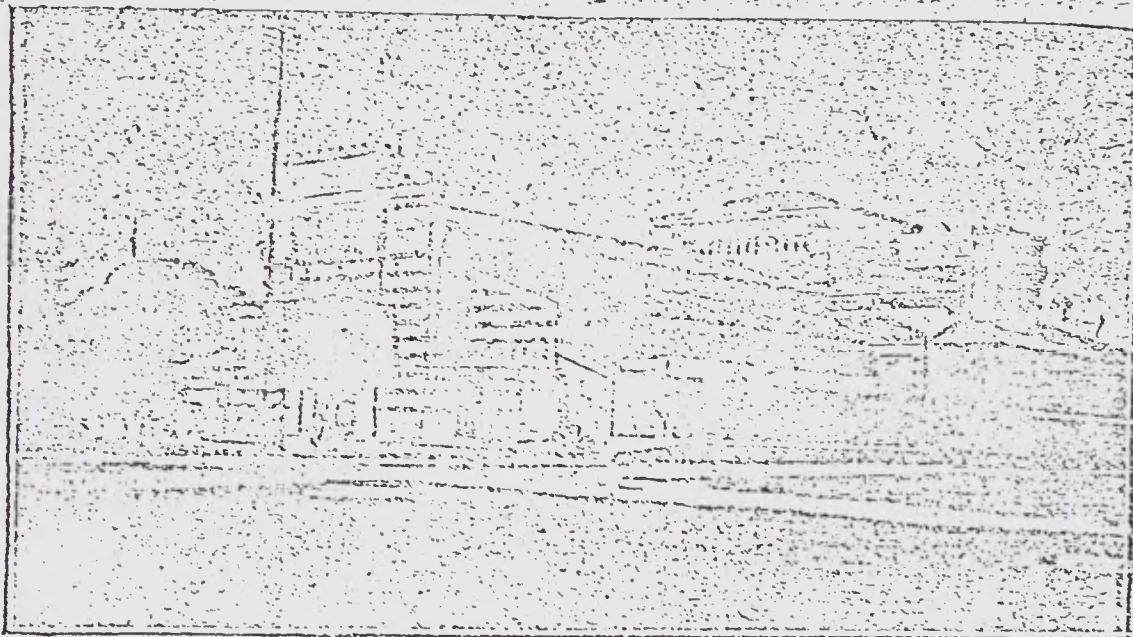
Após a abertura das propostas para a publicação dos actos officiaes, hontem realizada na Prefeitura, o dr. Perseu Leite de Barros, fez um convite aos representantes da imprensa, que lá foram assistir no acto, para visitarem as installações do Frigorífico Municipal e o Mercado, que actualmente se acha em reformas.

dencias do Frigorífico, onde puderam verificar todo o funcionamento de todas as suas camaras refrigeradoras.

E' uma visita que se deve recomendar a todos aquelles que se interessam pelo progresso de Campinas, pois que, da maneira por que está installado, o Frigorífico Municipal pode ser considerado um dos

Mercado Municipal, onde tiveram occasião de verificar o adiantamento das obras.

O Conselho Consultivo que autorizou uma reforma parcial naquelle proprio municipal, deverá dentro em breve receber, para estudos, uma indicação do Prefeito, no sentido dessas reformas abrangêrem todo o Mercado. Mesmo com as refor-



Ó Mercado Municipal que vai passar por grandes reformas

Em automovel da Prefeitura, foram os srs. Washington Cardoso, do "Diario do Povo"; Tasso Magalhães, do "Jornal de Hoje", e Adhemar Ribeiro e Barbosa Pupo, do "Correio Popular", acompanhados do dr. Cyro Lustosa, engenheiro chefe da Prefeitura, para o Frigorífico, onde fizeram uma demorada visita as suas installações.

A impressão que essa visita causou nos visitantes foi optima, tendo estes percorrido, todas as depen-

das mais perfectas no genero, offerecendo todas as vantagens da refrigeração electrica, cuja principal qualidade é produzir frio secco.

Nessa visita, tivemos occasião de observar as camaras onde se acham guardadas as carnes destinadas ao consumo publico. Alli pudemos ver quartos de carne, que se acham depositados desde 13 do corrente, no mais perfeito estado de conservação.

Depois dessa visita, foram os representantes da imprensa para o

Mercado Municipal, onde tiveram occasião de verificar o adiantamento das obras. Estão sendo feitos, actualmente, os serviços de aguas e esgotos e o drillhamento do piso.

A illuminação natural, feita por claraboias, deu ao interior do Mercado um aspecto mais alegre.

Com esses serviços e com os que a Prefeitura espera fazer, depois de autorizada pelo Conselho, Campinas ficará dotada com um Mercado á altura de suas necessidades.

30
H

ULAR

1934
QUARTA-FEIRA, 7 DE MARÇO DE 1934

No Cadastro da Policia e nas ruas
Correio Popular

O Mercado Municipal va e ser completamente remodelado



Uma vista do Mercado Municipal, vendo-se os ranchos exteriores que serão demolidos. — Ao lado uma vista do interior daquelle proprio municipal.

Mais de uma vez que um projecto pedindo reformas radicaes no nosso Mercado Municipal, não mereceu do nosso Conselho Consultivo a necessaria approvação, dada a falta de verba nos nossos colros municipaes.

Na sessão que a Assembleia dos Cinco realizou segunda feira ultima, voltou á baila novamente esse projecto obtendo a approvação de todos

os srs. membros do Conselho e mais uma informação do dr. Prefeito Municipal, que insistia na approvação do projecto, por já contarem os colros municipaes com verba necessaria para ser dispendida com uma reforma radical no Mercado.

Os papeis referentes á reforma,

acham-se agora nas mãos do conselheiro sr. Pires Netto, do qual tambem se espera uma approvação.

Uma vez verificada aquella approvação, terão inicio as reformas.

Constam ellas, principalmente, da demolição dos velhos pardiros existentes aos lados do Mercado e que tanto o enfeiam, alem de uma remodelação completa nas cazenias de bancas existentes em seu interior.

7

40

ORREIO POPULAR

Sexta-feira, 3 de abril de 1970

Mercado Municipal ainda é principal centro de abastecimento

O VELHO MERCADO MUNICIPAL de Campinas foi construído precisamente no ano de 1908. Apesar de antigo, presta ele, sem dúvida, relevantes serviços à cidade, sendo considerado justamente o seu principal centro de abastecimento. Portanto, funcionando há sessenta anos, impôs um hábito a todos aqueles que moraram e têm domicílio em Campinas e nas redondezas.

É incrível que apesar de todo esse tempo passado, tem a construção características de utilidade ao público. Se nos últimos tempos tivesse ele recebido os reparos necessários e melhor se adaptasse às condições de higiene, estaria realmente à altura da cidade. Lamentável, portanto, o descaso das administrações da cidade para com esse principal centro de abastecimento.

RETIRADA DOS CAMINHÕES

O que não é condizente com a projeção da cidade é o sistema de comércio que se efetivou nas adjacências do Mercado, com um elevado número de caminhões de todas as cidades vizinhas, que realizam ali vendas e trocas de mercadorias, próprio de uma modalidade do CEASA. Há necessidade, isto sim, de se escolher uma área, fora do centro da cidade, para a realização desse comércio, que sem dúvida alguma também dá vida à cidade.

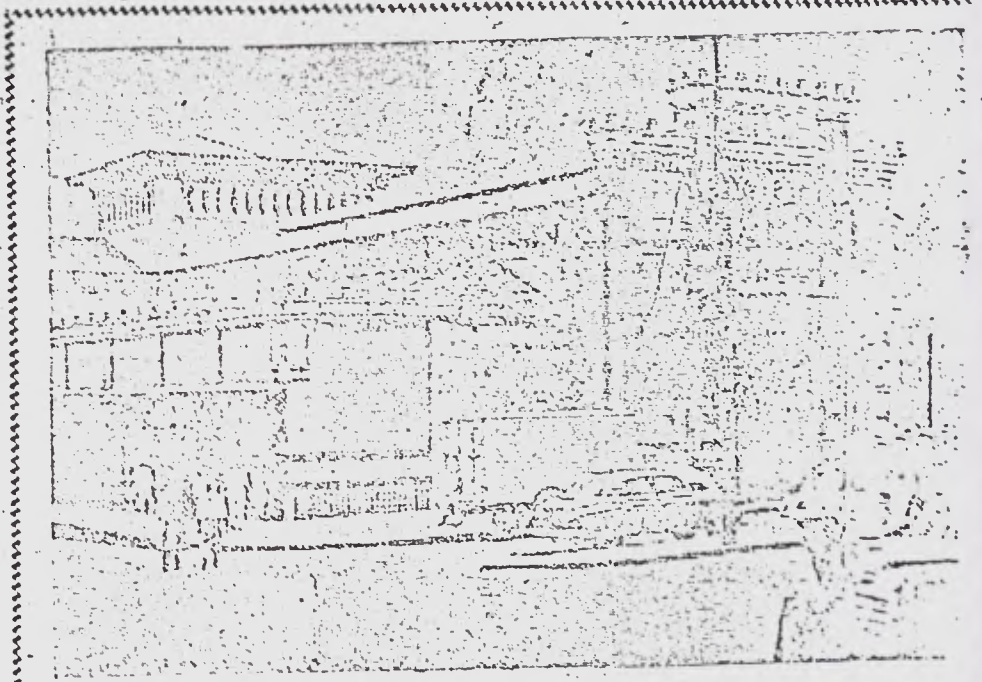
DEMOLIÇÃO SERIA MEDIDA IMPOPULAR

Na tarde de ontem, correram rumores junto aos comerciantes do Mercado Municipal, para mais de 100 devidamente estabelecidos, de que a Municipalidade, de acordo com o Plano Diretor da cidade, pretendia demolir o velho Mercado Municipal, que tão bons e prestáveis serviços já prestou e vem dando à cidade.

De sã consciência, ninguém acredita que o prefeito Orestes Quercia tome essa iniciativa.

A demolição do nosso Mercado Municipal representaria um sério golpe no setor de abastecimento da cidade, talvez até irreparável, com prejuízos inevitáveis à toda população campineira.

O que é preciso e isso todos aprovam é que o Mercado Municipal passe por reformas indispensáveis, pois, desde 1933, época em que era prefeito o saudoso Orosimbo Maia, nunca sofreu novos melhoramentos. A sua arquitetura ainda é apreciada e a localização privilegiada. O que é preciso é uma remodelação geral nas praças de suas adjacências, principalmente



O nosso Mercado, apesar de antigo, se passasse por uma série de reformas con-
nuaria à altura da cidade

com estacionamento de veículos. O que se está realizando hoje na praça fronteiriça ao Estádio do Guarani, deveria ser feito ao seu lado, isto depois da necessária retirada dos caminhões de vendas.

Por tudo isso e, se o povo não aceitar a demolição do Mercado Municipal, pura e simplesmente, ao porque o Plano Diretor da cidade assim dispõe, sem levar em conta que é ali um grande centro de comércio da cidade. Veja-se o que aconteceu em São Paulo. Construiu-se o CEASA, grande obra, mas o Mercado Municipal de São Paulo lá está no mesmo local, servindo bem a população e com a prefer-

tura da capital realizando ali importantes melhoramentos.

Se o Plano Diretor prevê a demolição do Mercado Municipal, então que se modifique o plano, pois o Mercado é indispensável. Procedeu-se ali os melhoramentos, precisa e as respectivas adaptações. Isto sim. derrubá-lo é repetição do que sucedeu com o antigo Teatro Municipal.

O bom-senso do prefeito Orestes Quercia prevalecerá mais uma vez em benefício da população campineira e, por esse motivo, acredita que os rumores não têm fundamento e nem podem efetivar-se.

Sexta-feira, 10 de abril de 1970

Demolição do Mercado descontenta comerciantes: Já foram notificados

PELA presente ficam os senhores permissionários a título precário, dos compartimentos do Mercado Municipal, bem assim das chamadas pedras externas, cobertas e descobertas, com permissão até 31 de dezembro de 1970, notificados de que, por Resolução do Exmo. Sr. Prefeito Municipal, baseada nas condições constantes dos Termos de Comprometimento, arquivados nesta Procuradoria, deverão proceder à desocupação dos referidos compartimentos que se encontram nesse regime até 31 de outubro do corrente ano, data essa improrrogável e na qual será dado início às obras de demolição daquele próprio municipal".

Essa a íntegra da notificação publicada no Diário Oficial do Município de ontem e que obteve a mais ampla repercussão entre todos aqueles que possuem seu estabelecimento comercial no Mercado Municipal. O ambiente entre os comerciantes do Mercado era de profundo descontentamento com o prefeito, muitos dos quais externando sentida revolta contra a anunciada demoli-

ção do tradicional centro comercial de nossa cidade.

POR QUE DEMOLIR?

Em contato com a reportagem do Correio Popular, muitos comerciantes queriam saber o porque da demolição. Não se conformam com a medida anunciada pelo prefeito e que, segundo o edital ontem publicado no Diário Oficial Municipal é fato consumado.

Um deles disse: «O prefeito informou que vai construir um outro mercado. Por que então não esperar a sua conclusão para depois nos desalojar. Afinal, o mercado é muito procurado pela população, sendo um excelente centro comercial e prova disso é a renda em impostos, que mensalmente carrega para os cofres municipais». Outro foi mais além: «Não vemos razões para demolir o mercado. A urbanização poderia ser feita, mantendo-se o edifício que seria reformado e acompanharia assim o conjunto arquitetônico projetado».

Em volta ao repórter formou-se um compacto grupo de comerciantes, alguns falando ao mesmo tempo e outros pedindo calma a fim de que o assunto fosse exposto sem dificuldades. «O senhor coloque na reportagem que os comerciantes estão preocupados com a medida do prefeito, pois até agora não conseguimos saber em termos claros o que ele pretende fazer. Já tentamos uma entrevista com ele e nada conseguimos. Queremos, antes de tudo, ser ouvido e, ao mesmo tempo receber esclarecimentos. Na verdade estamos no escuro» — aduziu um comerciante, que se dizia ocupando o Mercado há mais de 20 anos.

O MERCADO

O Mercado Municipal que o prefeito Orestes Quêrcia pretende demolir para dar lugar a uma praça urbanizada, foi inaugurado em 12 de junho de 1908. Em 1975 ele passou por amplas reformas, à época em que era prefeito o sr. José Pires Netto.

Segundo os comerciantes, a Prefeitura arrecada mensalmente em aluguel a soma de mais ou menos 20 mil cruzeiros novos. Cada ocupante de box paga por mês cerca de 500 cruzeiros novos. Os ocupantes de bancas pagam até 200 cruzeiros novos.

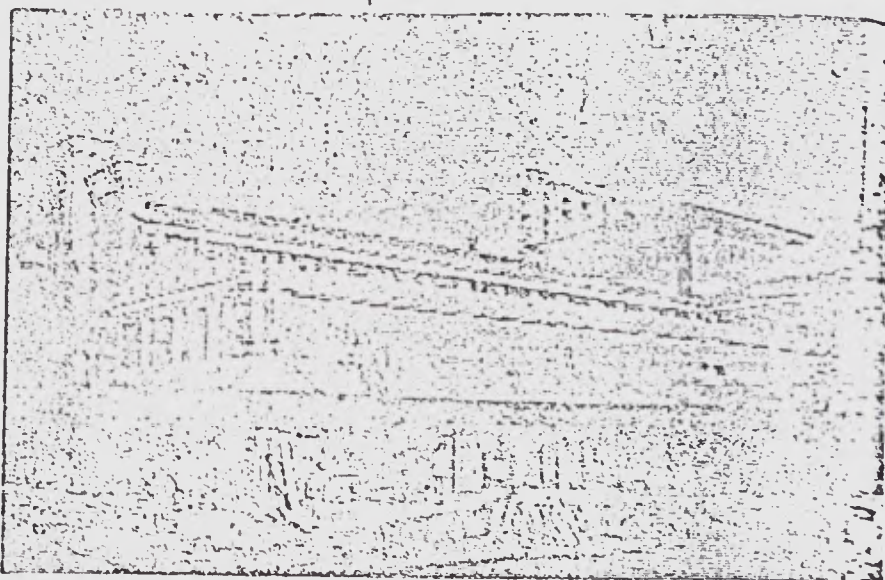
Um sério problema que aflige os comerciantes ante a anunciada demolição e consequente desocupação, diz respeito aos empregados. O Mercado proporciona emprego a umas 500 pessoas sendo que 154 comerciantes estão instalados. O movimento diário de consumidores registrado pelo Mercado é de ordem de 10 mil pessoas.



A notificação para que desocupem o mercado até o dia 31 de outubro provocou sentido descontentamento entre os comerciantes

do Municipal está ficando azul

Correio Topiari - novembro de 1972



As cores municipais para o Mercado

As paredes do Mercado Municipal começaram a ser pintadas de azul. Segundo o sr. Aulus Trefiglio, diretor administrativo da Central de Abastecimento, as reformas atuais do Mercado completam apenas um terço do montante dos trabalhos previstos pelo projeto aprovado na Câmara.

O custo da obra é de 230 mil cruzeiros e prevê um mercado totalmente novo, em azul e branco, com os pisos trocados e as paredes internas com nova aparência. A reforma é um sonho antigo dos permissionários e a possibilidade de sua realização surgiu com a ocupação da presidência da CEAB pelo sr. Décio Rôvere.

Para o diretor administrativo, dentro de algum tempo o mercado será um dos estabelecimentos varejistas mais convida-

tivos de Campinas que, além de vender a preços mais baratos, oferece área de estacionamento aos seus clientes.

Os trabalhos prosseguem em ritmo normal. Estão sendo colocados os pisos externos e brevemente será feita a complementação dos pisos internos, bem como a colocação dos azulejos.

Os cento e trinta permissionários manifestaram recentemente sua gratidão à diretoria da CEAB, por ter atendido a sua reivindicação, através de ofício dirigido ao sr. Décio Rôvere. Por outro lado a CEAB anuncia que é seu pensamento introduzir outros melhoramentos no edifício, de modo a vir beneficiar os permissionários, como a reforma dos sanitários dos boxes intermediários e dos boxes externos.

CORREIO POPULAR

Quinta-feira, 8 de março de 1973

Novas perspectivas para o estacionamento do "Mercadão"

A reforma e melhoramento simples, mas total, do estacionamento instalado em frente ao Mercado Municipal e que toma toda a praça onde antes se erguia o Grupo Escolar "Correia de Meio" deverá constituir um dos próximos projetos da Central de Abastecimento de Campinas cuja execução está dependendo, hoje, diretamente, do custo que a nova idéia acarretará quando transposta à prática. A decisão envolve-se em varios estudos, mas emerge oportunamente num momento em que quase todos indagam sobre o funcionamento propriedade e direção do serviço prestado no local aos carros de passeio e de carga e aqui, portanto, um caminho para o esclarecimento de todas as dúvidas existentes em volta da questão, além de prometer uma nova perspectiva, em varios aspectos, a toda aquela área.

APROVEITAMENTO PROVISÓRIO DA ÁREA

O funcionamento de um estacionamento na área compreendida em toda aquela quadra é, a princípio, provisório. Segundo informações prestadas pela administração daquela autarquia, presidida pelo sr. Alduino Zini, o terreno espera por um aproveitamento definitivo por parte da Prefeitura Municipal estando, nesse interim, entregue ao controle e direção da CEAB, que tem, assim, sua receita reforçada pela renda que proporciona.

O caráter provisório explica, em parte, uma certa má organização e, talvez mesmo, precariedade do serviço naquela área. A própria renda do estacionamento fornece-nos outro fator determinante da imagem que a população criou em relação ao local: ela, simplesmente, não possibilita uma reforma total e mais sofisticada da praça e só poderá manter os melhoramentos idealizados pela CEAB enquanto estes não representarem um custo muito alto.

NOVAS MEDIDAS. NOVA IMAGEM

As novas providencias, entretanto, não prevêem ape-

nas a criação de uma imagem mais fiel do trabalho que se realiza no local, mas, mais ainda, a abertura de novas veredas para a solução de problemas lá existentes. Proibir, por exemplo, o transito de pessoas dentro do estacionamento, através da instalação de um "alambrado" (o meio menos dispendioso encontrado), evitando-se, assim, possíveis acidentes nivelar o terreno, a fim de facilitar o movimento de carros interiormente e colocar postes de iluminação, propiciando o funcionamento noturno, são as principais medidas que, na proporção em que a renda permitir, serão efetuadas em toda a praça, até que a alta Administração Municipal proponha um objetivo concreto para a utilização da área.

São medidas ainda que não procurarão ir além de uma reforma funcional, mas que poderão resolver, de certa forma, o problema social que envolve o "Mercadão" e que, proibindo o uso gratuito que às vezes se faz do estacionamento, aumentaria as possibilidades financeiras da Central de Abastecimento em relação, por exemplo, ao "Ceasinha" e ao proprio Mercado Municipal.

REFORMA DO "MERCADÃO"

A parte a reformulação do estacionamento, nossa reportagem colheu também dos diretores da CEAB (srs. Ronald de Sousa e Helio Sampaio, superintendentes administrativo e financeiro, respectivamente) informações acerca da renovação das instalações do Mercado Municipal, que poderá ter pronta, em breve, a cobertura das bancas internas e a construção das bancas externas. Segundo a orientação da atual Administração Municipal, a diretoria da Central de Abastecimento tem entrado em entendimentos quanto à aprovação das plantas-modelos, com os empreiteiros que as executarão e os permissonários, todos beneficiados com a reforma do "Mercadão".

44
Lu



A fachada do prédio apresenta melhor imagem

Um aspecto dos boxes padronizados que abrigam firmas comerciais

MERCADÃO TODO REMODELADO SERÁ ENTREGUE AO PÚBLICO NO DIA 20

Desde sua fundação, o velho Mercado, projeto do engenheiro Carlos William Stevenson, vem indubitavelmente prestando grande atendimento às gerações campineiras.

Com o passar dos anos suas instalações começaram, naturalmente, a ficar superadas. O prédio esgastado, sujo, cuja imagem não era das mais agradáveis, principalmente em se tratando de um comércio de gêneros alimentícios.

Houve época em que ficou na pendência do cair ou não cair, produto de uma série de planos laborados nas diversas gestões.

Em fevereiro deste ano, resolveu-se melhorar, em pouco, o aspecto do velusto imóvel, dando-lhe uma nova pintura externa.

Entretanto, suas necessidades não se limitaram somente a esse aspecto, e isso foi percebido pela direção da CEAB — Central de Abastecimento — que conta com a presidência do sr. Alduino Zini, assistido pelos srs. Romão de Souza e Helio Sampaio.

Assim sendo, através de entendimentos com o prefeito municipal, Lauro Fêrcles Gonçalves, decidiu-se pela remodelação total.

Quatro meses de grandes trabalhos o que veio a resultar em dezenas de novos boxes, todos construídos dentro da mais moderna técnica de higiene, correspondendo às exigências da Secretaria da Saúde. Ambiente racional de trabalho. Estruturados em concreto, possuem, ao invés dos tradicionais azulejos, um sistema de forração dos mais modernos devido a impermeabilidade do material usado, que substitui com vantagem o convencional. Por outro lado, cada boxe foi dotado de um sistema próprio de luz e força, água, cabos para a instalação de telefones, que até antes não havia.

Esta divisão de melhoramentos, principalmente a colocação de relés de luz em cada box, foi muito oportuna para cada comerciante, pois, anteriormente havia uma espécie de rateio para o pagamento desta taxa e muitos pagavam aquilo que não consumiam. Um exemplo: o consumo de energia elétrica de um armazém é bem menor do que um açougue, que possui sistema de frigoríficos — registrou o sr. Alduino Zini, acrescentando ainda, a reforma total que foi feita em todo o sistema de cabos e transformadores do Mercado.

Não obstante isso, o sistema geral de iluminação férrea, através de fluorescentes, dando ao local uma imagem das melhores.

O serviço de pintura interna, paredes brancas, proporcionando um aspecto higiénico. O maior critério técnico possível foi adotado para corresponder às exigências do público.

Tres mil e duzentos metros quadrados de área construída. Firmas de ramos diversos, ocupam cada box a título precário.

Em número de remanescentes estabelecimentos se estendem interna e externamente, dando grande atendimento.

Área urbana, de afilidade, citada pela Barros

Entretanto os trabalhos da remodelação não se restringem somente ao prédio. «A CEAB está cuidando, de uma reforma total em todo o setor, para tirar esta imagem pejorativa do Mercado, reduto de marginais e desocupados» — salientou o sr. Alduino Zini. Este é um dos pontos fundamentais do empreendimento, para que ele tenha condições de receber as senhoras donas de casa, sem maiores problemas de origem vexatória, ou seja a todo o momento se esbarrarem em tipos como estes.

Assim sendo, planos estão sendo traçados para a derrubada das banquinhas que circundam o prédio, onde tomarão lugar dezenas de boxes padronizados, com portas de aço. Esta área de construção aproxima-se a tres mil metros. Um atendimento triplicado.

Por outro lado já se encontra pronto um projeto de ajardinagem, arborização (a derrubada de árvores «condenadas»), iluminação técnica em toda a área externa, enfim uma remodelação geral que, automaticamente fará com que o local se torne transitável até mesmo à noite, como qualquer outro setor central, sem maiores temores por parte do público. Isto consequentemente causará a expulsão de certos tipos e grupos que permanecem no local até a alta madrugada promovendo toda a sorte de arruaças.

Este projeto foi doado, gentilmente a CEAB pelo dr. Orivaldo Passadore, diretor de Parques e Jardins da Prefeitura Municipal de Campinas.

A CEAB não está deixando passar despercebidamente nenhum detalhe, nesse grande empreendimento. Tudo é visto, revisado e analisado dentro do maior critério e contando com todo o apoio da Prefeitura da municipalidade. Sua atuação se integra desde os aspectos da reforma do prédio, o sistema de remodelação do local, até a fiscalização de tudo aquilo que é comercializado pelas centenas de firmas que lá se instalam.

«Queremos dar ao público um serviço a altura de Campinas, um atendimento completo e racional» — afirmou seu presidente, — «tanto assim que já se encontra em pleno andamento a construção de um grande estacionamento na Praça Correia de Mello (frente ao Mercado), com a capacidade de abrigar cento e cinquenta veículos. Já se encontra em fase final de construção, somente faltando a colocação do alambrado em sua volta».

Este estacionamento tem uma área bastante grande e seu custo já avança a cara dos vinte milhões. Sua construção é de responsabilidade da firma Inocella, uma das mais tradicionais do ramo.

Tudo foi minuciosamente estudado, planejado, pluriplificado dentro da mais moderna técnica para o melhor conforto do público.

INAUGURAÇÃO DAS NOVAS INSTALAÇÕES

As reformas do prédio do Mercado já estão em fase final, os últimos retoques de pintura já se procedem, para que no dia vinte do corrente se dê a inauguração destas novas instalações. Não se trata de uma simples mudança, mas de uma verdadeira remodelação.

Completa limpeza no

Mercado Municipal

17/mayo/1976

Conceição Popular

Pela primeira vez, desde que começou a funcionar, o Mercado Municipal será submetido a uma completa desratização, segundo anunciou ontem a SETEC — autarquia de Serviços Técnicos Gerais —, que administra e fiscaliza o comércio naquele local.

O combate aos ratos deverá ser iniciado dentro de algumas semanas e será executado em "caráter de urgência". O diretor jurídico da SETEC, advogado Mauro Zuppi da Conceição, informou que o órgão já está ultimando os preparativos para a contratação de uma empresa especializada nesse trabalho.

Os ratos, de acordo com o diretor da autarquia, têm se convertido num dos mais graves problemas do velho "Mercadão" porque multiplicam "assustadoramente" o seu número a cada ano que passa e provocam proporcionais estragos nos alimentos estocados pelos comerciantes.

Por essas razões, a desratização deverá abranger não só a área interna do Mercado Municipal, mas também 500 metros quadrados da região externa, que apresenta "con-

dições ideais" para a proliferação desses roedores, que além disso trazem consigo o risco da peste bubônica.

Segundo os esclarecimentos da SETEC, os ratos serão exterminados através de uma rede de ratoeiras mortadas em todos os pontos "estratégicos", contendo uma substância química especial, importada da Holanda. O veneno não líquida instantaneamente o animal, a fim de não abugentá-los seus companheiros.

Os ratos mortos dessa forma também não provocam cheiro nem deixam outros sinais visíveis. O esquema leva em conta o fato de que, se isso ocorresse, os demais animais que não tivessem sido exterminados na primeira etapa desenvolveram mecanismos ou atitudes de defesa contra as ratoeiras.

A autarquia explicou que esse sistema de desratização não é definitivo. É apenas o melhor até agora apresentado por uma firma especializada no ramo. Ele poderá ser substituído desde que outras empresas apresentem novas opções, mais eficientes e mais baratas.

BIBLIOGRAFIA DE RAMOS DE AZEVEDO:

Nasce em 1851, na opulenta cidade de Campinas e de legítimo consórcio de venerando cidadão Major João Martins de Azevedo, falecido, e de sua virtuosa consorte nasce o Dr. Francisco de Paula Ramos de Azevedo.

Bem moço ainda, tendo concluído os preparativos exigidos por lei, matriculou-se, em 1869, na Escola Militar da Corte, hoje Capital Federal (Rio de Janeiro).

Concluindo o 1º ano do curso superior da Escola, pediu dispensa do serviço militar em 1872, seguindo em 1875, em companhia de outros campineiros para a Bélgica, onde inscrevendo-se no curso de Engenharia da Universidade de Gand, por sua aplicação e inteligência, foi graduado com o título de Engenheiro-Arquiteto, com a honrosa nota de - com grande distinção-, obtendo no anos seguinte, da Real Academia de Belas Artes, o título de Arquiteto.

Restituído a sua terra natal, cheio de patriotismo, disposto de uma atividade admirável, inúmeras, são as obras encetadas e executada por ele, obras que, incontestavelmente dão magníficos documentos de sua capacidade e educação profissional, e, entre as quais mencionamos:

-em Campinas:

+A decoração interna da grande nave, capela mor, pavimentos, forros, escadas, fachadas posterior e revestimento da magestosa igreja

- Matriz Nova. +A Escola Ferreira Penteado

+A frente da Capela São Benedito

+o edifício da Sociedade-Círculo Italiani- Casa de Saúde

+ o Matadouro Público

+Mercado Municipal

+diversos palacetes e chalés

-em Jundiaí:

+A Igreja Matriz

-em Lorena:

+Suntuosa Igreja de São Benedito, incontestavelmente a mais rica do Estado

47
AD

-em Itú:

+A fachada da Igreja Matriz.

-na Capital

+A tesouraria da Fazenda

+O quartel da Policia

+a Escola Normal (Cursos de lauro)

+a Secretaria da Agricultura

+a Secretaria da Justiça e Policia.

+a Escola Politécnica

+o grande edificio para o hospício de alienados de Juqueri e outros.

-Tirado do livro -"CHRONOLOGIA PAULISTA - VOL. II

à formação educacional das primeiras "sinhas" canoas, no "Colégio Florence", fundado por D. Carolina Florence, (Krug de nascimento) que, para a figura gigantesca de Hércules Florence, como sua segunda esposa (após a morte da primeira, filha do outro gigante, Francisco Alvares Machado de Vasconcelos) — foi o amparo, o incentivo e o poderoso estímulo na sua vida trabalhosa e fecunda. Desse ramo de D. Carolina provieram figuras verdadeiramente notáveis, médicos, engenheiros e artistas — todos campineiros — Ataliba, Henrique, Guilherme e Paulo Florence, primos irmãos de Alexandre Krug. E, completando esse grupo já desfeito pela morte, Manuel de Assis Vieira Bueno, o médico da pobreza, émulo em bondade de Ângelo Simões, mas de um feitio intelectual mais vivo, com uma tendência a expansões de ironia, certas vezes de sarcasmo, que tornavam a sua palestra sedutora e chispante; Gustavo Enge, grande professor de Geografia e Cosmografia do Ginásio, cujas lições sábias recebi durante três anos; Alvaro Muller, Camilo Vanzolini e Francisco de Paula Magalhães Gomes e o grupo do "Instituto Agronômico" chamado pelos simples sobrenomes: Potel, Hempel, Bölliger e Sixt, dos quais apenas vive o último, em bem merecida aposentadoria. Do grupo dos primeiros anos é justo ainda recordar o trabalho intenso e eficacíssimo de Alvaro Muller e de Ponciano Cabral que em biênios de exaustivo esforço conseguiram manter a instituição no austero roteiro traçado pelos fundadores a cujo bloco inicial se haviam juntado. E folgo em lembrar que um dos associados que durante biênios assumiu posto de relevo, Rafael de Andrade Duarte, está vivo e são de corpo e espírito, e na oficina intelectual de que foi sempre operário metuculoso, continua na faina de restauração de tipos, episódios e aspectos da vida campineira e no merecido louvor às nobres figuras do seu passado. Vai aí resumida a vida dessa nobre instituição que tem cumprido com isenção e dignidade: o belo programa da sua fundação.

Nesse meio século de realização os fundadores e servidores impuseram-se ao respeito e à estima de todos os paulistas.

São Paulo, 20 e 27-I e 10-II-1932

«Correio Paulistano»

FRANCISCO DE PAULA RAMOS DE AZEVEDO

A 8 de dezembro de 1851 nascia em São Paulo, numa casa da Rua da Imperatriz, em prédio modesto fronteiro à atual Rua 3 de dezembro, onde está hoje localizada parte do opulento edifício do Banco do Comércio e Indústria, o menino Francisco de Paula, filho de um casal de gente campineira, o Major João Martins de Azevedo e D. Ana Carolina de Azevedo.

O dia era de auspícios insignes, o da Imaculada Conceição que, certamente, foi invocada para proteção daquele moreninho, gerado sob céu campineiro e nascido, ocasionalmente, na capital da antiga província. Quando, há dez anos atrás, o paciente e bem inspirado historiador de instituições e fatos ligados à história eclesiástica de Campinas, Professor João Lourenço Rodrigues, autorizou a publicação de sua preciosa Monografia sobre "A Catedral de Nossa Senhora da Conceição" e nela esclareceu, com base em dados exatos originais e em antigas monografias e estudos de Quirino dos Santos e Benedito Otávio, que o arquiteto que concluiu, de 1879 a 1883 aquele monumento de arte religiosa, nascera em S. Paulo e não em Campinas, muita gente opôs dúvidas: afirmação. É que se sabia que Ramos de Azevedo sempre fizera timbre em declarar-se campineiro de nascimento e de coração. As dúvidas não levantaram, todavia, incômodos debates, limitando-se alguns, provavelmente, a lembrar o que o sargento Flambeau — "Jean Pierre-Seraphin Flambeau, dit le Flambardeur" — no 2.º ato de "L'Aiglon", de Ed. Rostand, lembra ao filho de Napoleão numa das cenas de maior beleza do drama:

— "Vous, aussi, Monseigneur, on vous a fait en France..."
O nascimento é fato ocasional; a geração é que vale.

O Major João Azevedo era, em Campinas, pessoa de alta consideração e figurava entre os "homens bons" de que a municipalidade reclamava trabalhos e ajuda para os encargos públicos. Foi vereador nos períodos de 1853 a 56, de 65 a 68 e de 69 a 72, ao lado

de companheiros devotados e austeros, dos dois países monárquicos, aliás sempre de acordo quanto a serviços e obras do interesse geral, como Luis Nogueira Ferraz, Diogo Benedito de Santos Prado, Amador Machado Florence, José de Sousa Campos, João Bierrenbach, José de Campos Sales, Francisco Egídio (II), Rodrigo Otávio de Oliveira Meneses, Dr. Cândido Ferreira da Silva Camargo, dr. Teodoro Langaard e outros que já eram troncos respeitáveis de numerosa geração. Naqueles tempos, ser vereador significava — como até uns trinta anos atrás — possuir títulos de idoneidade pessoal, probidade e compostura que asseguravam um desempenho devotado aos negócios do município. A vereança era "munus" público, isento de remuneração, e nunca fonte de renda "pro labore". A família do Major João Azevedo, ligada pela consideração geral a outros do seu mesmo padrão, ligou-se mais tarde por casamentos de suas filhas à grande árvore de Antônio Benedito de Cerqueira Leite. Eram dois patriarcas — João Azevedo com 9 filhos, Antônio Benedito com 11: três filhos deste último casaram com três filhas do Major Azevedo: o Dr. Jorge Miranda com D. Elisa, Antônio Benedito (Totó Passarinho), com D. Maria, e Elói Cerqueira, com D. Olímpia.

O nascimento do primogênito do Major Azevedo ocorreu em São Paulo porque, tendo vindo sua esposa acudir a uma irmã doente que aqui residia, na Rua da Imperatriz, e fazendo essa viagem pesadíssima já em adiantada gravidez, ao chegar a São Paulo teve a sua "délivrance". Não era para menos: o transporte, de Campinas para cá, era feito em dois longos estirões, a cavalo, em tróli ou em bangué, pois não havia ainda estradas de ferro: a linha para Jundiá só seria inaugurada em 1867 e a Paulista só faria o início arrojado, de Jundiá a Campinas, em 1872.

Em se compreende, por isso tudo, como o menino moreninho aqui nascido, crescendo em Campinas com a meninada da sua geração, e com essas impressões indeléveis, cheias de suavidade, da infância e primeira juventude, havia de conservar à terra de seus pais aquele apego que sentem todos pelo chão natal.

Ali cresceu, ali frequentou os bancos da mesma escola por onde passaram outros irmãos e tantos conterrâneos — a escola de Quirino do Amaral Campos. Aos 15 anos, ampliados os estudos, foi mandado pelo pai a cursar a Escola Militar da Corte, então di-

rigida pelo General Pombal. Seu curso era proveitoso e o talento do estudante já lhe assegurara posto de destaque nas classes. Mas, finda a guerra do Paraguai e devendo os bancos da Escola Militar, por uma explicável preferência, ser ocupados por jovens que tinham a seu crédito serviços de guerra, foi Ramos de Azevedo aconselhado a enveredar para o ramo da engenharia civil.

Regressou a Campinas e ali foi trabalhar nas primeiras turmas da construção da Paulista e, mais tarde, da Mojiana. Nesta encontrou dois homens que sentiram, pelo seu trabalho, talento e perícia, o que poderia vir a ser, mais tarde, aquele egresso da farda de cadete: foram o presidente da companhia, Antônio de Queirós Teles, barão e, mais tarde, Visconde de Parnaíba, e o engenheiro-chefe da construção, Joaquim Miguel Ribeiro Lisboa, que pertence àquela plêiade dos maiores engenheiros ferroviários brasileiros. Em 1873, no quadro do pessoal técnico das construções de Campinas a Jaguari e Jaguari a Moji-Mirim, figuram os nomes de quatro rapazes que auxiliavam os trabalhos de escritório e de campo "sem vencimento algum" e na categoria de "praticantes" — Francisco de Paula Ramos de Azevedo, Eduardo Vilares, Teófilo de Oliveira e Armando Soares. O grupo de engenheiros de seção que Ribeiro Lisboa dirigia era de profissionais já de comprovada habilitação — Manuel da Silva Mendes (mais tarde sucessor de Lisboa), Paulo Freitas de Sá e Francisco Carlos da Silva. Em 74, com os meios que pudera obter e com o apoio do pai, atirou-se Ramos de Azevedo ao curso que era a sua maior ambição — o de engenharia civil, embarcando para a Bélgica, a fim de ali matricular-se na Escola Politécnica da Universidade de Gand. Para já seguiram outros brasileiros que, na engenharia ferroviária nacional e em tantos outros trabalhos chegariam ao plano alto de notabilidade — e eram Alfredo Maia (mais tarde concunhado de Ramos de Azevedo), Francisco de Sales Oliveira Júnior e Antunes Maciel.

Naquele meio de apurada cultura e ao contato de rapazes de média e grande inteligência de várias nacionalidades, o grupo brasileiro conquistou logo uma situação de incontestável predomínio, captando a admiração de colegas e um firme conceito entre os mestres. Por um destes, diretor da universidade, foi Ramos de Azevedo aconselhado, paternalmente, a fazer o curso especializado de engenheiro-arquiteto, pois vira e examinara desenhos, esboços e planos traçados pelo estudante, os quais entremostravam ne-

Essas relações e negócios eram tratados, por aqueles tempos, com a muralha e sujeitas a debates e oscilações originadas de divergências pessoais ou partidárias. As comissões municipais eram constantemente modificadas, e disso resultava uma irregular arrecadação do empréstimo público destinado ao custeio das obras.

verbo e arguto, acostumado ao trato de alunos de tão altas precedências, não se enganara — e Ramos de Azevedo, com a base colhida naquela excelente escola, honrou pela vida afora esses presságios e o diploma alcançado com a nota de "grande distinção" — e veio ser em São Paulo o reformador do gosto artístico das construções, o mestre que as gerações do seu tempo e as seguintes acatariam como artífice maior da beleza de São Paulo, o seu aspecto arquitetônico, muitas delas de feição monumental e opulenta.

Chegado ao Brasil, de regresso, voltou a Campinas e ali se lhe ofereceu logo uma obra a que daria conclusão vitoriosa — a da Igreja Matriz de N. S. da Conceição, desde então chamada de Matriz Nova, cuja construção se arrastara entre tantas vicissitudes durante 70 anos.

Parece que a Virgem Imaculada, cuja imagem ocuparia o altar-mor, preciosa obra de entalhe feita pelas mãos inspiradas do marfeto baiano Vitoriano dos Anjos, tomara sob seus preciosos auspícios o arquiteto que então caminhava nos alvissareiros vinte e oito anos, atendendo aos rogos da família, formulados em 1851, propiciou-lhe aquele ensejo de concluir uma obra de que Ela seria a padroeira e ele o mestre e artista que, com a construção, alcançaria fama retumbante.

Aliás, como coincidência que muito o animou, sua nomeação para diretor das obras da Matriz Nova datava de 8 de setembro, que no calendário católico é o da natividade de Nossa Senhora. Do seu casamento com D. Eugênia Lacaze já lhe nascera a primeira filha que foi batizada na igreja que ele estava concluindo.

Corriam-lhe propícios esses anos: as obras da Matriz Nova tinham sido proveitavelmente dirigidas de 1876 a 1878 por um grande arquiteto italiano, o engenheiro Cristóvão Bonini, que refizera os alicerces da nova fachada do templo, completando serviços de uma firma construtora que se incumbira dessas obras após um desabamento ocorrido em 1866, que abalou a cidade e a província e sepultou sob os escombros de andaimes e paredes meia dúzia de pessoas, entre elas dois meninos e causou ferimentos em mais de dez.

Essas relações e negócios eram tratados, por aqueles tempos, com a muralha e sujeitas a debates e oscilações originadas de divergências pessoais ou partidárias. As comissões municipais eram constantemente modificadas, e disso resultava uma irregular arrecadação do empréstimo público destinado ao custeio das obras.

Ramos de Azevedo, porém, que foi sempre homem "de boa estrela", como dele dizia Francisco Glicério, ajustou com o velho engenheiro Bonini a transmissão das obras, plantas e livro de férias dos operários e relação de contas pagas e a pagar. Sua habilidade e o tato fizeram o resto e, na exposição que apresentou à Comissão Municipal, então composta pelo Visconde de Indaiatuba, Dr. Francisco A. Pereira Lima, José Rággio Nóbrega e Diogo de Moraes Salés, ofereceu dados exatos sobre o que recebera e um plano de acabamento, claro e conciso: era o arquiteto de talento que ali falava, como sempre falou, com dados exatos, opinião desassombrada e cálculos convincentes.

Nesse relatório, convém acentuar, pleiteou uma elevação de salários para vários dos seus trabalhadores que, por seus esforços e zelo (e o dia de trabalho, naquele ano distante, era, não de 8, mas de 12 horas puxadas...) faziam jus a esses benefícios: era essa, também, uma das normas que adotara na vida profissional — e espírito de justiça que ditava remuneração correspondente ao esforço, à capacidade e à perfeição de fatura dos seus operários que ele convertia em amigos de uma devoção filial.

A conclusão das obras da Matriz Nova, em 8 de dezembro de 1883, data em que ele completava 32 anos, estendeu o prestígio do seu nome dentro de São Paulo.

Na diretoria da Companhia Mojiana, em Campinas, em 1880 e 1883, continuava o Dr. Antônio de Queirós Teles que, dez anos antes, fora o primeiro amigo a estimulá-lo na carreira: político de prestígio, logo elevado a visconde, e substituindo o Barão de Jaguará na presidência da província, Queirós Teles atraiu Ramos de Azevedo para São Paulo, em 1886, e aqui lhe confiou a direção de obras públicas que aumentariam, em escala crescente, o renome do jovem engenheiro.

Começou, então, para Ramos de Azevedo, a trajetória ascendente da carreira: a base de conhecimentos colhidos em Ga... aumentada pelo que ele foi haurindo em estudos e observações... o seu talento artístico ainda mais acentuavam, e aquela vitoriosa conclusão do maior e mais belo templo católico que havia em São Paulo, impossibilitavam críticas às designações do Governo. Dessa data em diante, e durante quarenta e quatro anos trabalhosos e honrados, Ramos de Azevedo não fez senão crescer no conceito da sua terra e impor-se como a figura principal da sua classe que, aliás, para fortuna nossa, pôde sempre ostentar um rol de valores que honrariam qualquer país de mais antiga e consolidada cultura.

Não tinha esse mestre preocupações de pessoas, raças ou procedências de família: estimulava a sua gente, os profissionais e colegas do seu conhecimento e da sua amizade, mas acolhia com benevolência os principiantes desconhecidos, se sentia neles o "fogo sagrado" da arte e a probidade nos passos da profissão. E desde então os colocava no grêmio dos seus amigos. Tinha essa qualidade dominadora de fazer amigos dentro do trabalho, porque dava a todos o exemplo salutar de um autêntico operário, que consagra à sua profissão todas as horas do dia e muitas de noites fatigantes. Sobre outros aspectos da vida desse egrégio paulista direi alguma coisa em próximo artigo.

— ★ —

Um dos traços de maior nobreza no caráter e na vida profissional de Ramos de Azevedo, que deixei delineado no rodapé anterior, era o de admirar e proclamar, sem rodeios, os méritos de obras e trabalhos alheios e chamar para o grêmio dos seus colaboradores todos quantos houvessem revelado talento, devoção profissional e probidade.

Tendo vencido, no princípio da vida, dificuldades não pequenas, e mudado o seu curso de estudos, que da carreira militar se deslocou para o de auxiliar de turmas de engenheiros ferroviários, até poder encaminhar-se para a Escola de Engenharia, Arquitetura e Belas-Artes de Gand, na Bélgica, e tendo recebido nesses primeiros passos o precioso estímulo do futuro Visconde de Parnaíba — paulista que se aponta entre os maiores beneméritos desta terra — Ramos de Azevedo guardou, bem no fundo da alma, essa

flor humana — ao raro do reconhecimento a favores recebidos e adotou como norma na sua longa vida profissional os mesmos preceitos que tais decisivos lhe haviam sido nos anos trabalhosos da mocidade. Sabia acolher os homens, velhos ou moços, que o procurassem para um conselho ou apoio; sabia estimular os méritos dos recomendados, fazendo deles — como foi o exemplo de toda a sua carreira — companheiros, sócios, confidentes: e sabia proclamar o talento e os méritos de qualquer obra ou autor, sem restrições mesquinhas ou pequeninas preocupações de grupos, escolas ou facções.

Dessa faculdade de admirar o mérito alheio, ainda mais acentuada pela virtude do reconhecimento a favores recebidos, senti toda a força certa vez em que subi ao seu escritório para com ele tratar de assuntos do interesse da Companhia Mojiana de Estradas de Ferro de que ele era o vice-presidente e eu advogado.

Foi isso em 1926, aproximadamente.

A companhia tinha sua sede no mesmo prédio "Ramos de Azevedo" em que ainda hoje se encontra, desde 1925, quando para São Paulo transferira sua sede que era em Campinas; Ramos de Azevedo tinha seu escritório principal num dos andares superiores e era fácil encontrá-lo, porque ali estava sempre durante o dia, a estudar papéis, rever orçamentos de obras e lançar desenhos ou esboços sobre folhas avulsas de papel.

Tinha, nos fundos do 5.º andar, uma sala ampla, fartamente iluminada por janelas que abriam para o nascente, com uma vista panorâmica que abraçava desde a Luz e Bom Retiro até os confins do Brás, Penha, Ipiranga e Vila Prudente — cenário digno de um homem da sua visão.

Enquanto ele lia os papéis que eu lhe apresentara, apoiado a uma mesa de jacarandá que, depois me informou ter pertencido ao Barão de Iguape, ia eu fixando a vista na sua bela cabeça de artista na qual as "entradas" do cabelo grisalho faziam a testa mais ampla, completando a natural imponência da figura. E dele estendi o olhar para um retrato a óleo, pintura antiga, colocado no alto da parede. Terminada a leitura, perguntou-me: — "Sabes de quem é este retrato?". E como eu lhe respondesse que sim, acrescentou numa referência carinhosa:

— “É o Parnaíba, o “anjo bom” desta casa...”

O retrato do Visconde de Parnaíba, com os traços típicos dos Queirós Teles, era familiar a todos quantos freqüentavam a sede da Companhia Mojiana. Mas a referência de Ramos de Azevedo como que fazia crescer o prestígio do retratado: sentia-se, no tom da voz e no calor das referências, o carinho com que o arquiteto insigne cultuava a memória do visconde, “anjo bom” da casa, o carinho, misto de admiração pelo que ele bem conhecia da vida, dos trabalhos, da visão de estadista e da benemérita atividade do grande jundiaiano.

— “Foi esse homem quem me deu a mão no princípio da minha vida; quem me pôs na primeira turma de construção da estrada...” E ampliou as referências com outros fatos que despertaram em mim enorme curiosidade pela vida e trabalhos do Visconde de Parnaíba e, ao mesmo tempo, de admiração imensa pelo seu protegido que falava com tanto carinho daquele primeiro protetor.

Foi, certamente, esse mesmo culto aos que lhe deram a mão e o prestigiaram no início da carreira, o inspirador da veneração que Ramos de Azevedo mantinha e proclamava pelo Visconde de Indaiatuba, Joaquim Bonifácio do Amaral, o grande chefe político do partido liberal que, na presidência da comissão de obras da Matriz Nova de Campinas, convidou Ramos de Azevedo para a direção dos trabalhos finais daquele templo a que o arquiteto ilustre, por outros muitos títulos, ligou para sempre o seu nome.

Essa qualidade de saber escolher os companheiros e auxiliares com os quais lidava, além de outras virtudes de penetração psicológica, deu-lhe esse singular predomínio na sua classe: os companheiros e amigos passavam a ser os mais veementes pregoeiros das suas virtudes e os mais devotados dos seus colaboradores. Não é necessário apontar o que ele deixou em nossa capital, em obras e edifícios que deram, desde que aqui se ofereceram ao olhar dos paulistanos, essa feição de centro de civilização e bom gosto. O arquiteto desenhava e levantava construções que até hoje aí estão para atestar a finura do seu engenho, o seu talento criador e o escrúpulo que empregava em todos os seus trabalhos. Mas ao lado de edifícios, palácios ou habitações particulares, legou a S. Paulo essa obra ainda maior e mais frutuosa de preparo das gerações

de artífices, operários e grandes artistas de que o Liceu de Artes e Ofícios é o melhor atestado.

Os primeiros alunos desses cursos, hoje mestres que estão triunfando ou já triunfaram na vida, recordam como título maior nas suas carreiras terem saído do “Liceu do Dr. Ramos” e terem ali recebido o seu ensino ou o ensino dos homens cuja habilidade ele modelara e incentivara na direção do estabelecimento.

Em 1909 fui, em companhia de meu pai, encontrá-lo num barracão levantado nas proximidades do Teatro Municipal cuja construção ele estava dirigindo, barracão no qual trabalhavam outros auxiliares devotados, entre eles Domiciano Rossi. Dali passamos para o interior do edifício, em que a atividade era incessante: batidas de martelos, vozes, arrastar de ferro, canto e assobio de pintores, berros de pedreiros empoleirados no alto dos andaimes.

De vez em quando o mestre parava e ia direito a um pedaço da obra ou a um desvão de parede; acudiam os operários e com ele se entendiam, ouvindo as determinações daquele homem que tinha olhar agudo para descobrir os menores defeitos e incentivar com boas palavras o que os seus homens estavam fazendo.

Nessa excursão, expandia-se em referências e encômios ora a um, ora a outro: “Este rapaz que falou comigo é um “bravo artista” italiano; tem talento e “mão” para as obras que está fazendo. Quero aproveitá-lo, logo que termine aqui umas tarefas, para ir ensinar à “minha rapaziada” do Liceu”.

Com homens do trabalho ou colegas de superior administração nas empresas e companhias, de que era diretor, mantinha o mesmo feitio — acolhedor, delicado, cortês. Aos primeiros dava ordens e sugeria inspirações; para os companheiros tinha sempre uma opinião esclarecida e — melhor do que isso — a coragem das decisões. Em 1914 entrou para a diretoria da Companhia Mojiana, quando a presidência era exercida por um seu velho amigo e conterrâneo, o Sr. José Paulino Nogueira, e na diretoria se conservou até 1927, com outros companheiros, dos quais vivem e poderão, certamente, lembrar episódios dessa preciosa convivência — o Dr. Amadeu Gomes de Sousa, que é o presidente da empresa há vinte e seis anos, e o Dr. Luís Tavares Alves Pereira, que é hoje diretor

da Companhia Paulista. Os outros, Coronel Manuel de Moraes, José Egidio de Queirós Aranha (o Cacuta) e Guilhem de Andrade Vilares, já há muito são mortos.

Na mesa dos trabalhos da diretoria da companhia tinha cada diretor uma pasta de couro para guarda de papéis e notas. Nos momentos de folga, ou durante a leitura de atas longas, a qual era feita pausadamente pelo secretário, Dr. Alfredo Monteiro de Carvalho e Silva, costumava o Dr. Ramos, sem perder o fio de um debate ou da matéria em discussão, ir traçando, sobre folhas do seu bloco, desenhos, projetos, ornamentos de arquitetura: era um desenhista admirável, pela firmeza dos traços, pelo encanto das imagens, pela delicadeza daquelas "fiorituras".

Quando ele faleceu, demos um balanço na pasta e dali o Dr. Amadeu recolheu, com uma unção que só se dispensa a papéis veneráveis e sagrados, um maço daqueles autógrafos preciosos. Havia ali de tudo: um ou dois projetos ou desenhos de escadaria; uma fachada, que parecia ser a inspiração da fachada do Palácio da Justiça; uma casa assombrada, de residência particular; um túmulo, uma estação de estrada de ferro e alguns desenhos de ruas e praças, com arvoredos, postes de iluminação e longa perspectiva.

Não foi, entretanto, essa série de trabalhos feitos despreocupadamente, e como que para encher pequenos intervalos de sessões, o que mais nos encantou: foram os desenhos, quadros ou ornamentos, com inscrições em que ele punha o nome da esposa, com letras dos mais variados tipos: — "Eugênia" — "Eugênia" — "Eugênia".

O homem absorvido por tantos encargos da profissão, por tantos problemas administrativos da empresa de que era a maior figura (e certamente fazia o mesmo em trabalhos de outras organizações) dali se apartava, pela memória, e voava para o centro da família, a procurar o aconchego da companheira que era o seu grande apoio, a grande força moral em cuja convivência ele ia buscar estímulos para a sua incessante atividade e conforto para as suas horas de tristeza e preocupação. Era, enfim, e simplesmente o homem da família, o marido, o chefe de um lar feliz que, com os desvelos daquela devotada esposa, educara filhas que já então lhe haviam propagado a descendência em novos troncos, e

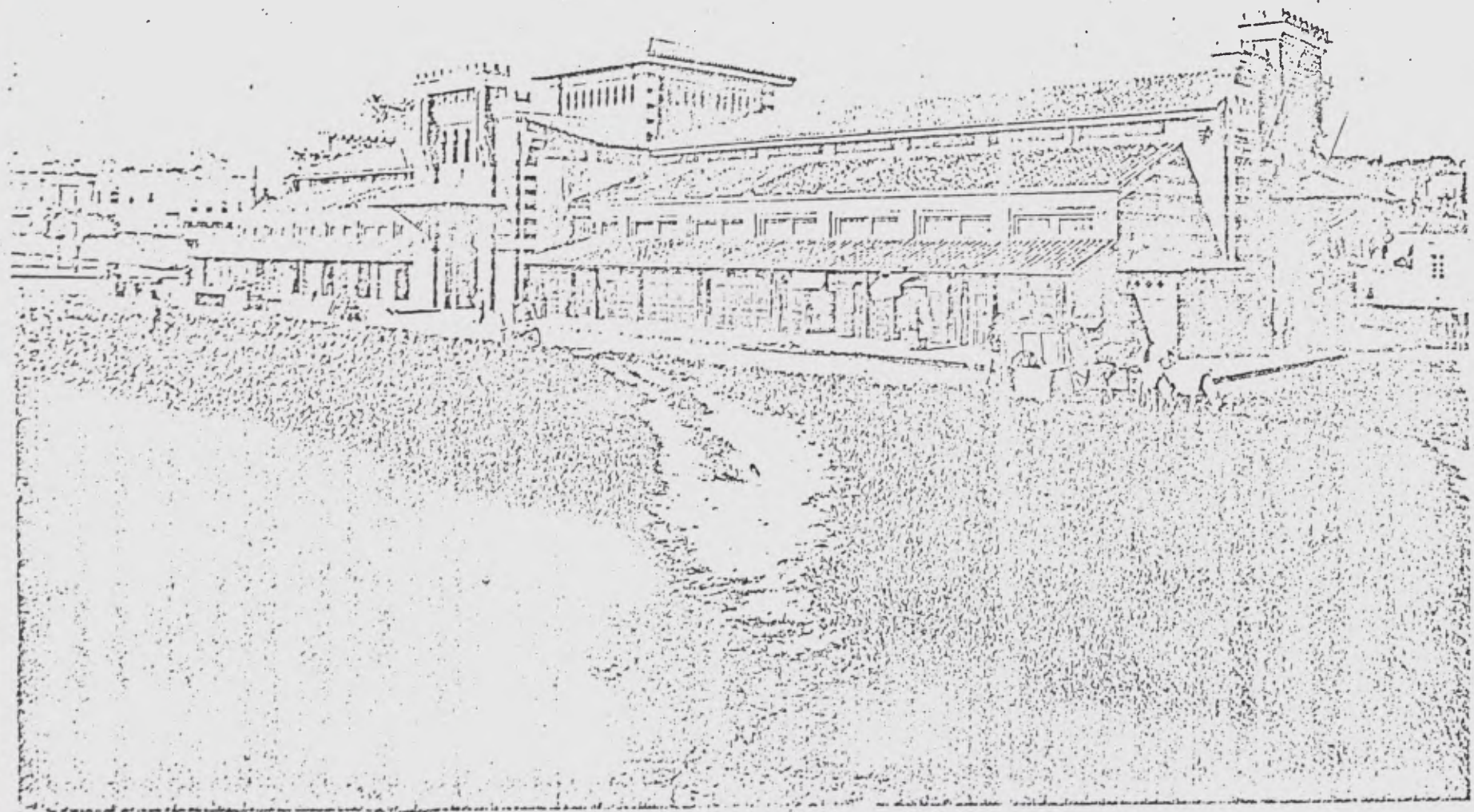
o filho, que herdara o seu nome e já havia demonstrado um talento de desenhist e engenheiro digno daquela linhagem.

Infenso a exibições de estardalhaço, embora cumprisse com rigor os deveres que lhe impunha a sua larga projeção social, o Dr. Ramos de Azevedo em verdade só se sentia bem nos três centros familiares a que consagrou a vida inteira: o dos seus operários, auxiliares e companheiros de trabalho; o dos alunos da Politécnica e o da casa tranqüila e casta da Rua Pirapitingui na qual, como artista de fibra que era, cuidava das suas flores e dos seus canteiros e, como homem de coração, expandia suas reservas de ternura entre a mulher e os filhos.

Nessas três esferas de atividade empregou, por igual, alma e coração, e em todas elas foi igualmente exemplar.

Correio Paulistano, 9 e 16 - XII - 1951

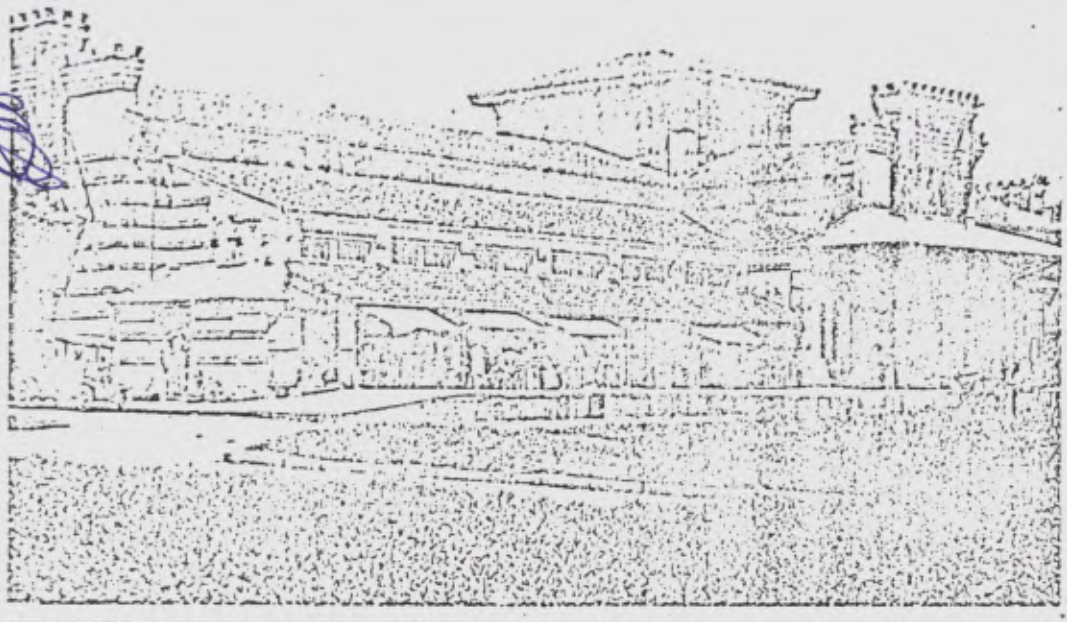
Autôn?



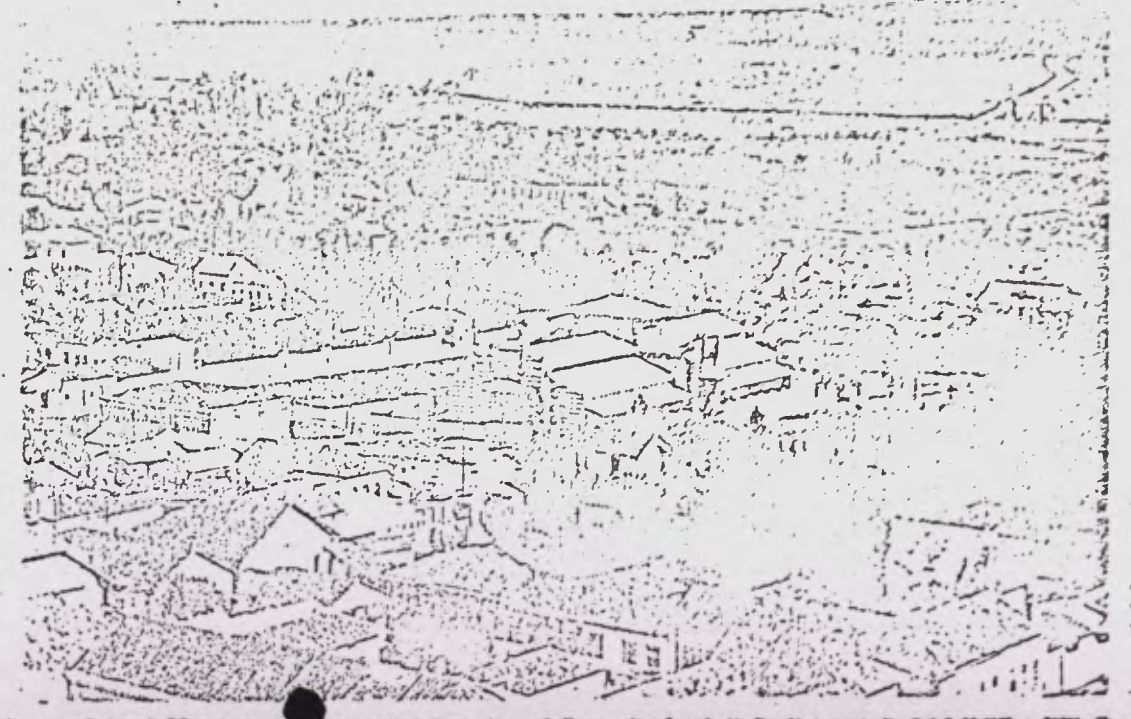
54
27

27
21/01/1907 Ala dos Correios de Lisboa, Lisboa - pro.
1908

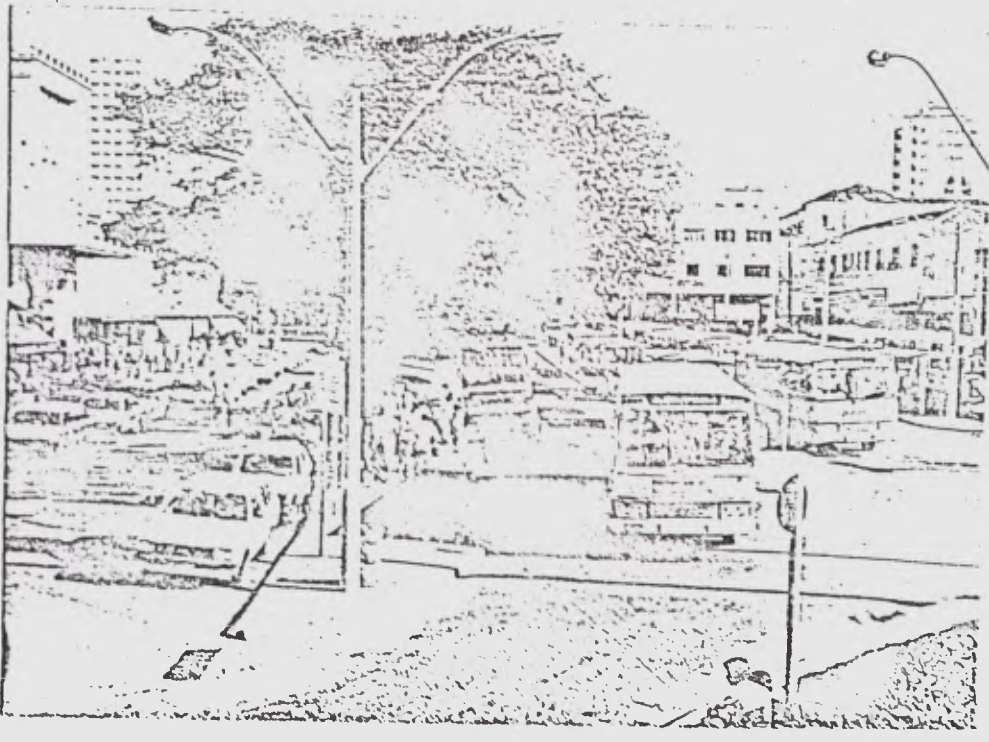
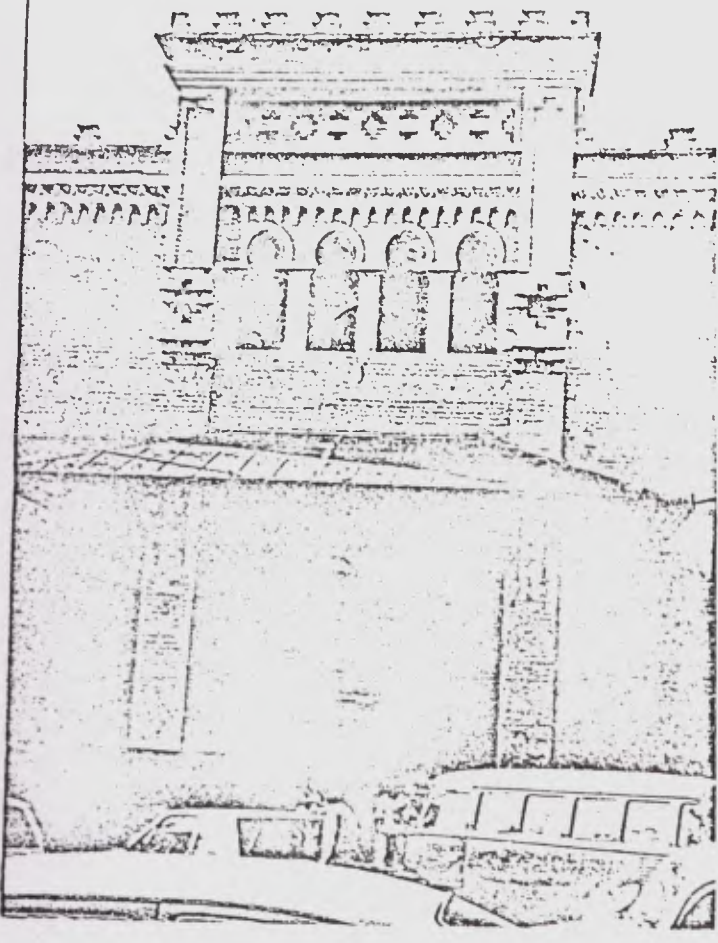
2/04/1908 - Inauguração do Estádio do Sport Lisboa e Benfica



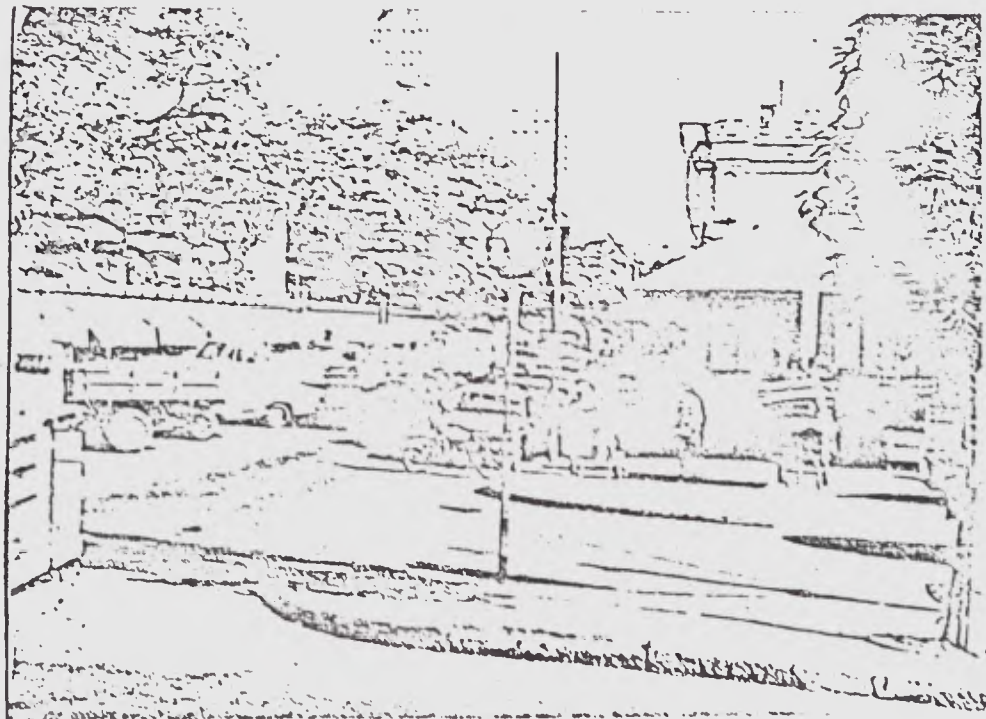
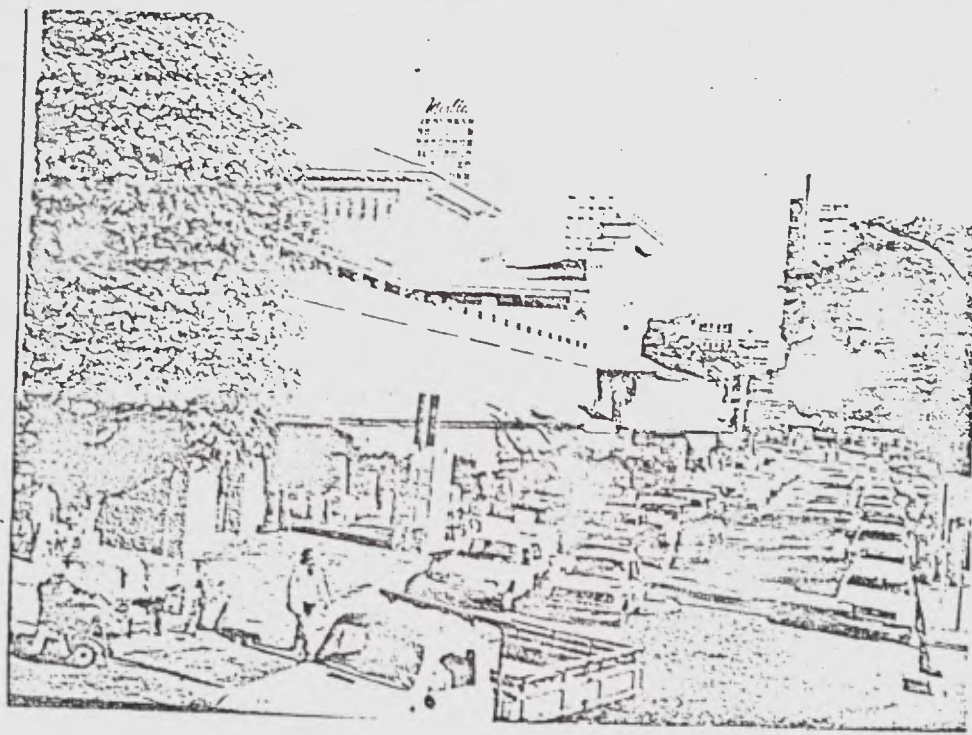
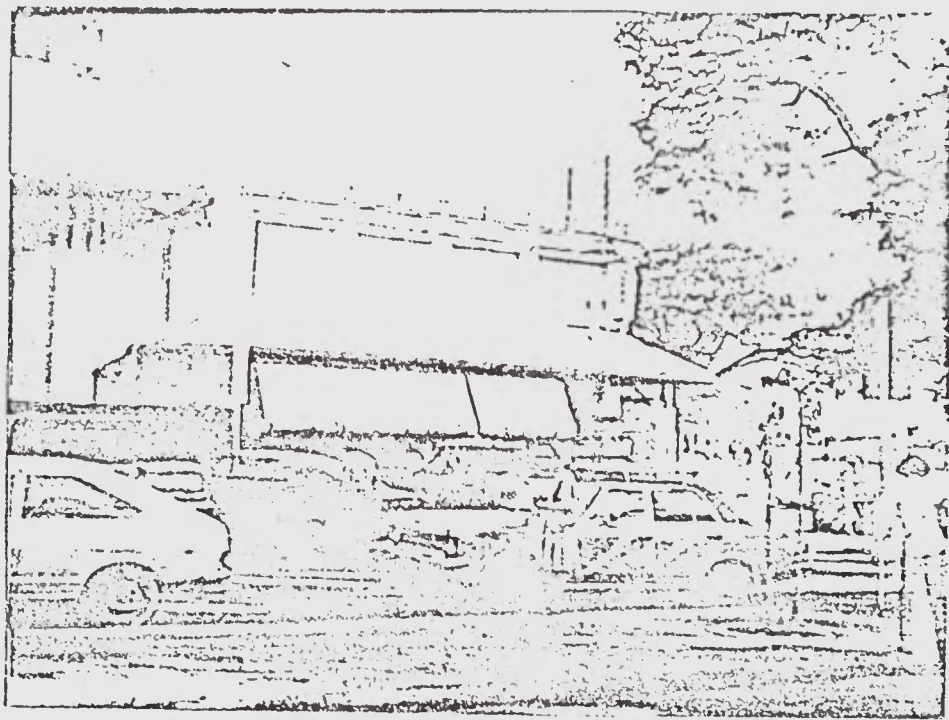
Condições de um plano (André de Sá) para a
a "Ala dos Correios de Lisboa" de Simão Pereira

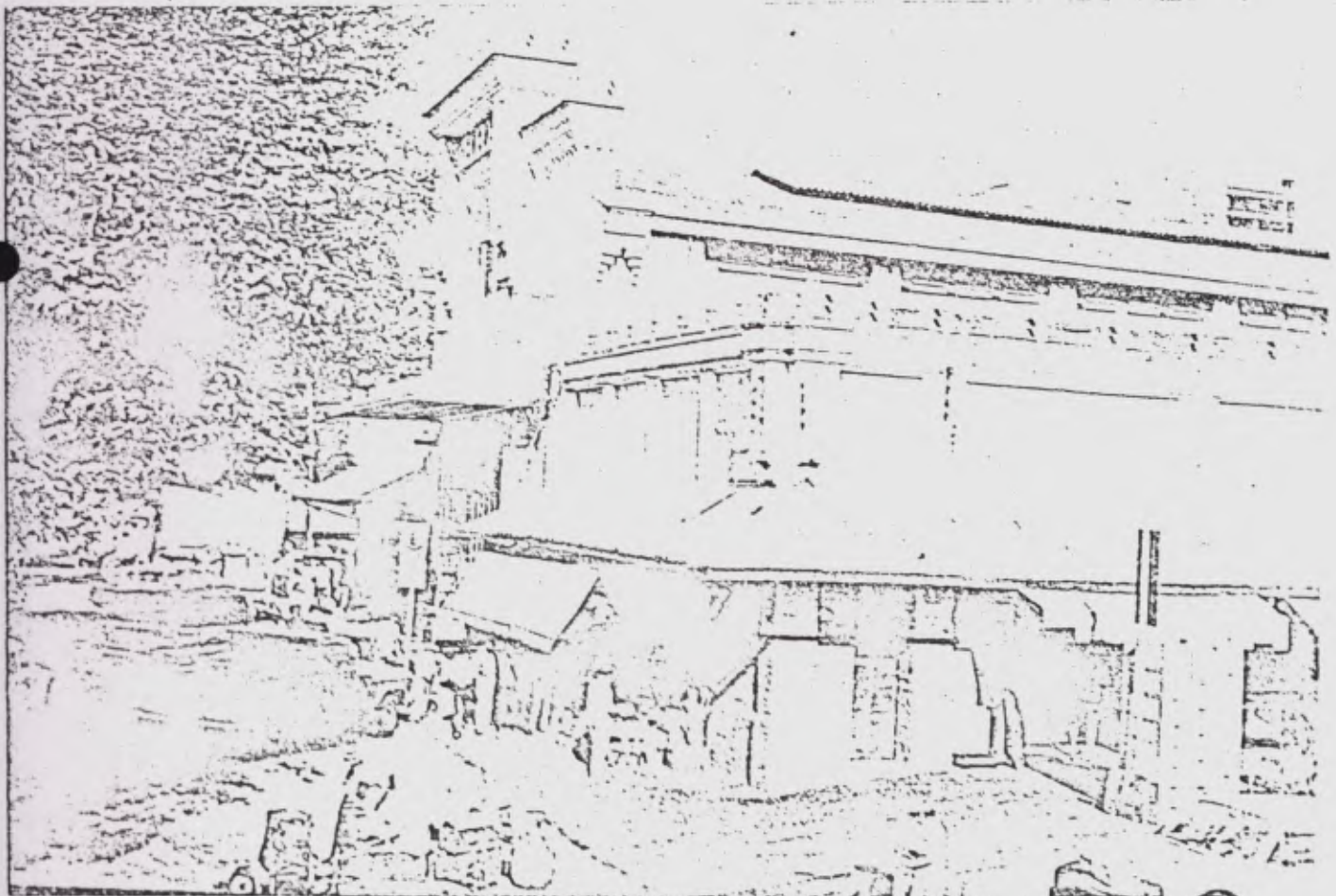
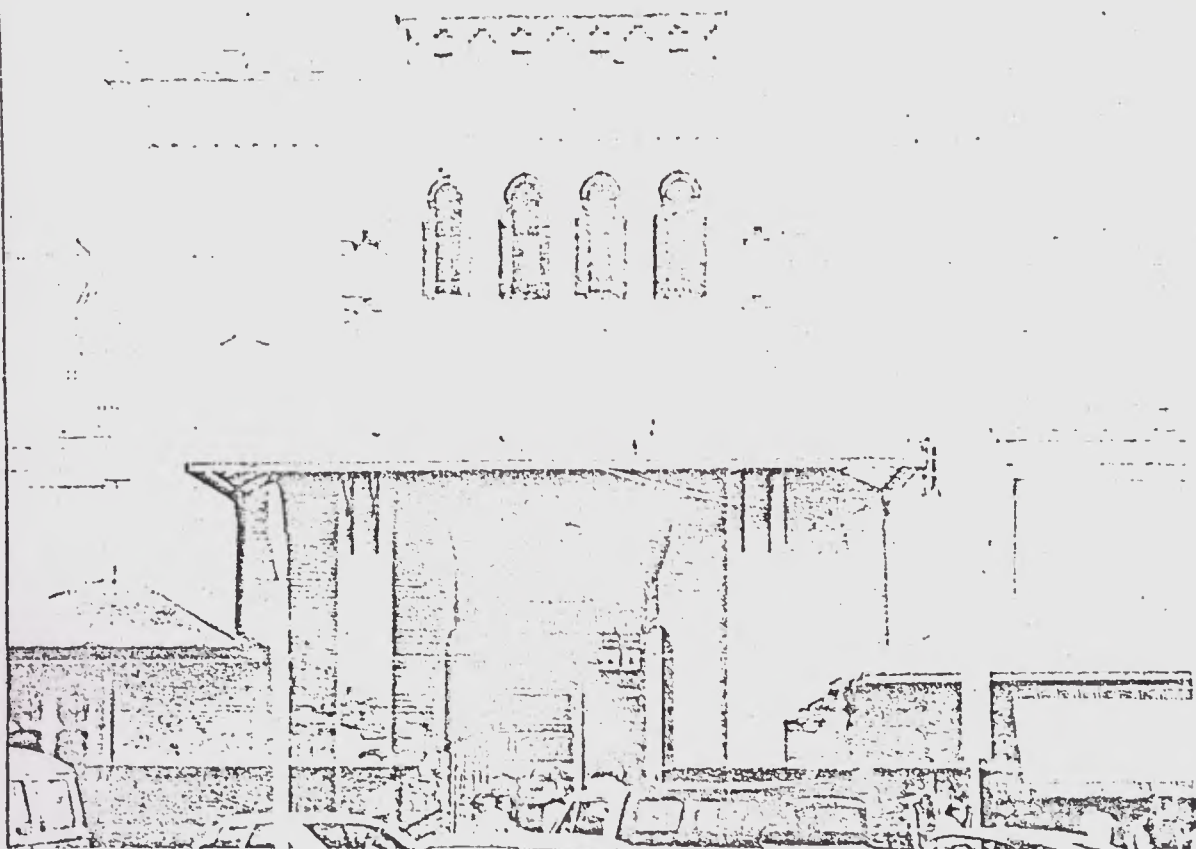


56
H



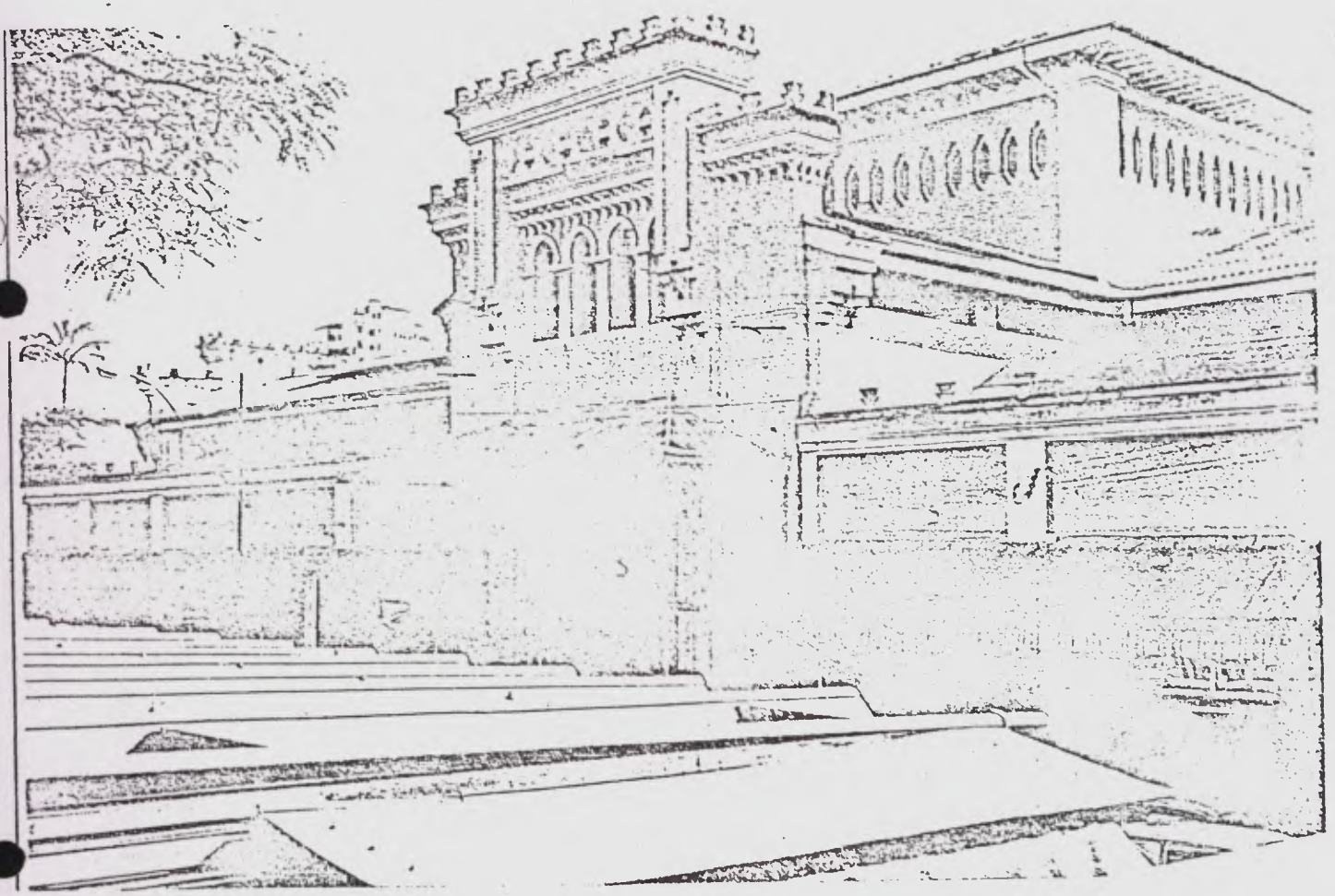
57
[Signature]





59

22



[Handwritten signature]

BIBLIOCRAFIA CONSULTADA:

- 1-Pesquisa a livros e documentos no Centro de Ciências e Artes de Campinas
- 2-Jornal "O Correio Popular"
- 3-Jornal "Cidade de Campinas"
- 4-Biblioteca Municipal de Campinas
- 5-Enciclopédia e Dicionário Internacional
- 6- Chronologia Paulista- VOL. II

*Platô foram abordados nos questionários
 ambientais, arquitetônicos e tecnológicos. Por favor!*

(10)

DADOS COMPLEMENTARES

DADOS TIPOLOGICOS:

O PROJETO É UMA EDIFICAÇÃO EM ESTILO MOURISCO, COM UMA ÁREA TOTAL DE 7308,80M², SENDO QUE 7077,90M² PARA A PARTE CENTRAL, 138,90M² PARA OS CORPOS SALIENTES E 92M² PARA A ANTIGA PLATAFORMA DA LINHA FÉRREA. AO CORPO PRINCIPAL SEGUEM-SE DUAS NAVES, E AO LONGO DELAS FICAM 28 COMPARTIMENTOS PARA ARMAZÉNS E DUAS DEPENDÊNCIAS PARA ANTIGA FUNILENSE. OS ARMAZÉNS DÃO ACESSO PARA A GRANDE NAVE, COM A QUAL SE COMUNICAM

CARACTERÍSTICAS ESPECIAIS:

DADOS CRONOLÓGICOS

HISTÓRICO ARQUITETÓNICO:

18/09/1896 - INAUGURADA A ESTRADA DE FERRO CIA. CARRIL AGRÍCOLA FUNILENSE.
 31/01/1907 - LANÇAMENTO DA PEDRA FUNDAMENTAL DO MERCADO.
 12/04/1908 - INAUGURAÇÃO DO MERCADO.
 1926 - A ESTRADA DE FERRO DEIXOU DE FUNCIONAR
 30/12/1933 - O MERCADO PASSOU POR REFORMAS PARCIAIS, SOB A ADMINISTRAÇÃO DO SR. OPOZIMBO MAIA
 01/1970 - O MERCADO É AMEAÇADO DE DEMOLIÇÃO
 07/1973 - REMODELAÇÃO TOTAL, COM REFORMAS DAS BARRACAS E DOS BOXES INTERNOS DEFEITOSAS ELÉTRICAS

UTILIZAÇÃO PROPOSTA:

POSSÍVEL UTILIZAÇÃO:

DADOS TÉCNICOS

MATERIAIS SISTEMA CONSTRUTIVO: TIPOLO NA PARTE ESTRUTURAL E FERRO PARA AS VELAS (CAIXILHOS)

RESTAURAÇÕES REALIZADAS:

FORAM FEITAS VÁRIAS RETOUMAS COMO: PINTURA, COLOCAÇÃO DE ARBUT, VESOL, NA PARTE ELÉTRICA, CLARABOIAS PARA ILUMINAÇÃO.
 FORAM AUMENTADOS OS BRUXES INTERNOS, OS EXTERNOS FORAM REFORÇADOS UTILIZANDO CONCRETO E PORTA DE ALUMÍNIO.

RESTAURAÇÃO PROPOSTA:

DOCUMENTAÇÃO COMPLEMENTAR (GRÁFICA, FOTOGRAFICA, ETC.)

BIBLIOGRAFIA BÁSICA:

PERIGOS POTENCIAIS:

DADOS JURIDICOS (TIPO DE PROPRIEDADE/ENDEREÇO):

CONSELHADO POR:
 CONFERIDO POR:
 REVISADO POR:

MERCADO MUNICIPAL DE CAMPINAS

PLANTA GERAL

ESCALA ~ 1:100

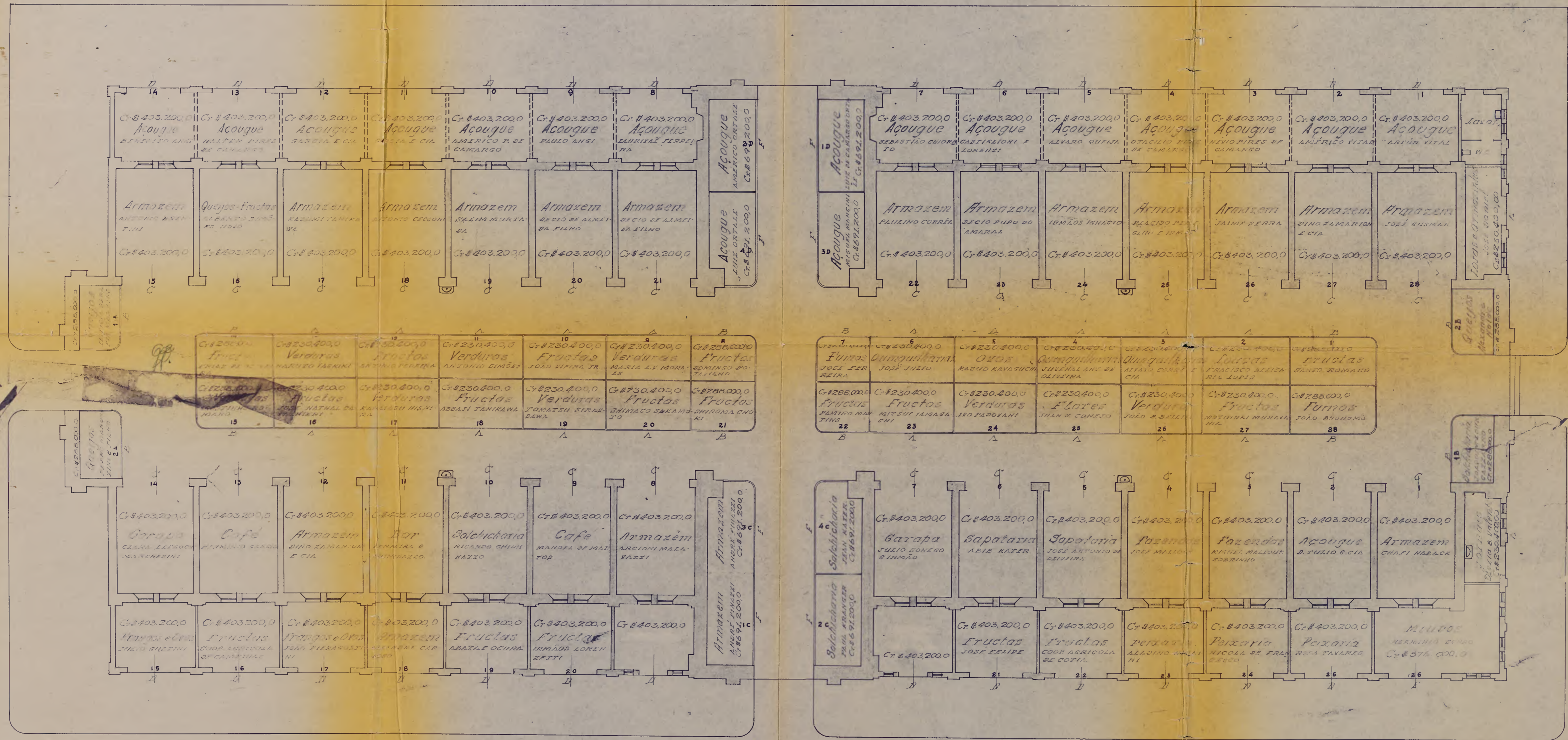
D.º 12 Seção
 Projeto
 Desenho
 Aprovado
 Visto

Rua Alvarés Machado

Rua Benjamin Constant

Rua Leme

Rua Dr. Ernesto Kuhlmann



BANCA	TIPO	PREÇO LOCAÇÃO	8 PRESTAÇÕES TRIMESTRAIS	108 PRESTAÇÕES MENSÁIS	
"	"	A	230.400,00	5.760,00	1.708,60
"	"	B	288.000,00	7.200,00	2.133,30
"	"	C-D	403.200,00	10.080,00	2.786,60
"	"	E	576.000,00	14.400,00	4.266,60
"	"	F	691.200,00	17.280,00	5.120,00



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 63 / 1

do.....n.º...../..... (a).....

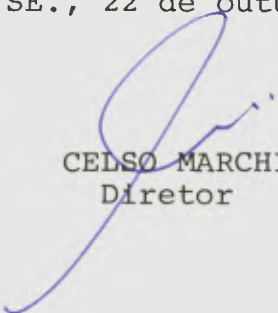
Interessado :

Assunto :

Sr. Presidente do Condephaat

Submetemos à consideração de Vossa Excelência a presente documentação relativa ao pedido de tombamento do edifício do Mercado Municipal de Campinas, formulado pelo Prefeitura Municipal.

CONDEPHAAT/SE., 22 de outubro de 1982.


CELSO MARCHI
Diretor

JM/mi

Segue juntad. em nesta data, documento rubricad. em sob n.º 64

folha... de informação

5 Paulo em 09 de 11 de 1982

(a)..... Sulphure



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º *64/1982*

do.....n.º...../..... (a).....

Interessado :

Assunto :

A' S. E.

solicito a gentileza de abertura do presente processo, que já foi analisado previamente nas reuniões preparatórias do Conselho (do CONSEP/HAAT).

Em face da documentação que instrui o processo, solicito o retorno do mesmo, com a urgência necessária, para distribuição ao Conselho.

São Paulo, 9 de novembro de 1982

Aziz Nacib Ab'Sáber

AZIZ NACIB AB'SÁBER
PRESIDENTE

Segue , juntad...a nesta data, ~~documento~~ rubricad...a sob n.º 65

folha... de informação
S. Paulo em 16 de 11 de 1982

(a).....
Albino



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º *65*
do P. CONDEPHAAT n.º 22362/82 (a) *[assinatura]*

Interessado: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Assunto: Estudo de tombamento do edifício do Mercado Municipal de CAMPINAS.

ASSESSOR
Ao Snr. ~~Conselheiro~~

ANTONIO AUGUSTO ARANTES NETO
para relatar

S. Paulo 16/11/82

[assinatura]
AZIZ NACIB AB'SÁBER
PRESIDENTE

Segue, juntada nesta data, documento rubricada sob n.º 66
folha... de informação

S. Paulo em 23 de 11 de 1982

(a).....Adyari



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 66/82

do P. CONDEPHAAT n.º 22362/82 (a)

Interessado: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Assunto: Estudo de tombamento do edifício do Mercado Municipal de Campinas

P A R E C E R

A Prefeitura de Campinas, em ofício de 19 de julho p.p., solicita o tombamento do edifício do Mercado Municipal daquela cidade. Encaminho favoravelmente esse pedido, baseado nas seguintes considerações.

O primeiro grande mercado de Campinas foi o chamado Mercado dos Caipiras, construído em 1860/61, local onde hoje se encontra o prédio da Escola Normal. Em 1886, ele foi substituído pelo chamado Mercadinho que, ao ser abandonado, transformou-se na conhecida "Casa das Andorinhas", também demolida no processo de transformação da cidade. Em 1907/8, construiu-se o atual mercado, já diversas vezes ameaçado de ser demolido, sobretudo após a construção de moderna central de abastecimento fora do perímetro urbano de Campinas.

O interesse no tombamento desse edifício certamente decorre de sua história que faz dele o último remanescente, nessa cidade, dos tradicionais mercados regionais de venda a varejo, ao redor dos quais se desenvolvia complexa rede de atacadistas. Além disso, essa construção é relevante para uma história da arquitetura em São Paulo. Trata-se de interessante edifício de inspiração mourisca que abrigou originalmente (e a um só tempo) o terminal da Companhia Carril Agrícola Funilense e o mercado da cidade em sua fase áurea. Além do mais, esse prédio foi projetado por Ramos de Azevedo, natural daquela cidade e responsável por inúmeras obras para uso público no Estado de São Paulo.

Segue, juntad. em nesta data, documento rubricad. a sob n.º 67
folha... de informação

S Paulo em 23 de 11 de 1982

(a) Alf. Garcia



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º *67/82*

do P. CONDEPHAAT n.º 22362/82 (a)

Interessado: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Assunto: Estudo de tombamento do edifício do Mercado Municipal de Campinas

Entretanto, uma outra razão também deve ser evocada neste caso. Trata-se da significação do edifício para a vida cultural da cidade, entendida no sentido mais amplo.

Diz o jornal Correio Popular de 5.IX.78, a partir de entrevista com Julio Mariano, pesquisador de Campinas: "Nos domingos, o local era ponto de reunião para gente importante e gente simples (...) inclusive malandros e mulheres da vida e, também, o exército da salvação, que aproveitava para ali fazer as suas orações. Era o local, ainda, onde se encontravam os moradores dos povoados e sítios servidos pela Funilense que vinham à cidade para fazer suas compras e tinham oportunidade de rever amigos e conversar a respeito dos mais diversos assuntos." (fls. 27 do presente processo).

Apesar das várias reformas por que já passou, principalmente entre 1972 e 73, após ameaça de demolição para ampliação e modernização de parte da rede viária da cidade e apesar da construção de uma Central de Abastecimento e da presença de grande número de supermercados, essa função continua presente hoje,

"Se aqui ainda existe movimento" - diz um velho comerciante ao repórter do Diário do Povo, em 13.II.72 - "isso se deve à tradição, ao sentimentalismo e ao fato de que aqui se vende de tudo." Acrescenta Pachola, outro comerciante do Mercado, afirmando que lá o movimento sempre foi bom: "É muita gente que vem aqui; pobre, médio, rico, todo mundo" (...) "O Mercado nunca vai desaparecer. Isso aqui é do povo e ele precisa do Mercado." (Correio Popular, 5.IX.78, fls. 27 do presente processo).

Confirma essa visão, documento elaborado pela Secretaria de Planejamento da Prefeitura em junho 1981: "o ve-

Segue, juntado nesta data, documento rubricado sob n.º 68
folha... de informação

S. Paulo em 23 de 11 de 1982

(a) Relyancin



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º

do P. CONDEPHAAT n.º 22362/82 (a)

Interessado: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Assunto: Estudo de tombamento do edifício do Mercado Municipal de Campinas

lho Mercadão ainda resiste como local de compras da população campineira de mais baixa renda, uso esse reforçado pela instalação do terminal de Ônibus na Praça Correia de Mello." (fls. 15 do presente processo).

Acredito ser o prédio do Mercado de Campinas digno de tombamento também por essa razão. Trata-se de uma questão análoga à apontada por Mário de Andrade à margem de seu Primeiro Relatório a Rodrigo Melo Franco de Andrade: "Em Ubatuba, haveria que tombar o ... sentimento da cidade. Não sendo mais só passado, nem tendo sequer de longe a importância artística e o caráter duma Ouro Preto, por exemplo, o tal qual isolamento em que viveu até recentemente lhe permitiu conservar um quê deliciosamente imperial e sossegado." (Cartas de Trabalho, SPHAN, p. 91).

Ou seja, curiosamente construído ao Largo do Chafariz do Poente, para substituir o velho Mercado dos Caipiras que existiu de 1860 a 1886 no Largo do Chafariz do Nascente, o Mercadão tem hoje fisicamente à sua frente o grande edifício de moderno e poderoso supermercado. Entretanto, é à sombra do telhado do Mercado Velho e à sua volta que se reproduzem, hoje, práticas comerciais e formas de sociabilidade que constituem a diversidade cultural dessa cidade: a relação de freguesia entre comprador e vendedor, o comércio dos camelôs, a venda de objetos rituais do candomblé e da umbanda, os engraxates, as rodas de conversa, a venda da sorte grande, dos jornais, etc. etc.

Acredito que a preservação desse quê de cidade pequena, que se renova num reduto onde o comércio não é apenas relação econômica, seja também motivo para se tombar o

Segue juntada nesta data, documento rubricada sob n.º 69

folha... de informação
S. Paulo em 23 de 11 de 1982

(a) Alf. J. ...



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º *69/pt*

do.....n.º...../..... (a).....

Interessado: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Assunto: Estudo de tombamento do edifício do Mercado Municipal de Campinas

espaço físico que o abriga.

São Paulo, 23 de novembro de 1982

Antonio A. Arantes Neto

ANTONIO AUGUSTO ARANTES NETO
Assessor Cultural

Prof. Aziz Nacib Ab'Sáber
Prof. Aziz Nacib Ab'Sáber
Representante da Divisão de Museus

Arq. Murillo Marx
Arq. Murillo Marx
Representante da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP

Prof. Augusto Humberto V. Titarelli
Prof. Augusto Humberto V. Titarelli
Representante do Departamento de Geografia da USP

Pe. Jamil Nassif Abib
Pe. Jamil Nassif Abib
Representante da C.N.B.B.

Pe. Antonio de Oliveira Godinho
Pe. Antonio de Oliveira Godinho
Representante da Cúria Metropolitana

Prof. Ulpiano T. Bezerra de Meneses
Representante do Departamento de História da USP

Jorn. Randau A. Marques
Representante da Secretaria da Cultura

Prof. José Leandro B. Pimentel
Representante do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo

Eng. Mário Savelli
Representante do Instituto Histórico e Geográfico Guarujá-Bertioga

Dra. Dorath Pinto Uchôa
Representante do Instituto de Pré-História da USP

Arq. Antonio Luiz D. de Andrade
Representante da Secretaria do Patrimônio Histórico Artístico
Nacional - SPHAN

Segue, juntad^a nesta data, documento rubricad^a sob n.º 70
folha... de informação

S. Paulo em 23 de 11 de 1982

(a).....Ulpiano.....



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º

70/11

do P. CONDEPHAAT n.º 22362/82 (a)

Interessado : PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Assunto : Estudo de Tombamento do edifício do Mercado Municipal
de Campinas.

Ao Snr. Conselheiro

Prof. Augusto H. V. Tataralli

para relatar

S. Paulo 23/11/82

Aziz Nacib Abicáber

AZIZ NACIB ABICÁBER
PRESIDENTE

Segue, juntad^a nesta data, ~~documento~~ rubricad^a sob n.º 71
folha... de informação

S. Paulo em 23 de 11 de 1982

(a) *Scyfarci*



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º

do P. CONDEPHAAT n.º 22362/82 (a)

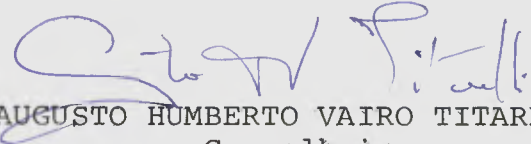
Interessado: PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Assunto: Estudo de Tombamento do edifício do Mercado Municipal de Campinas.

P A R E C E R

Endossando, em todos os seus termos, os argumentos apresentados pelo Assessor Cultural ANTONIO AUGUSTO ARANTES NETO (fls.) proponho aprove o Colegiado do CONDEPHAAT o tombamento do edifício do Mercado Municipal de Campinas.

São Paulo, 23 de novembro de 1982


AUGUSTO HUMBERTO VAIRO TITARELLI
Conselheiro

Representante do Depto. de Geografia da
USP.

Segue , juntad...a..... nesta data, documento rubricad...a... sob n.º 72
folha... de informação

S. Paulo em 23 de 11 de 1982

(a)..... W. Farci-



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º *72/101/82*

do P. CONDEPHAAT n.º 22362/82 (a)

Interessado : PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Assunto : Estudo de tombamento do edifício do Mercado Municipal de Campinas

SÍNTESE DE DECISÃO DO EGRÉGIO COLEGIADO

ATA Nº 528 - Sessão de 23/11/82

O Egrégio Colegiado aprovou por unanimidade parecer do Assessor relator Antonio Augusto Arantes Neto, confirmado pelo endosso do Conselheiro Augusto Humberto Vairo' Titarelli, propondo o tombamento do edifício do Mercado Municipal de Campinas.

À SE para:

- 1 - Oficiar aos interessados;
- 2 - Elaborar minuta de resolução de tombamento a ser submetida à apreciação do Senhor Secretário;
- 3 - Caso homologado, inscreva-se no Livro do Tombo

GP., 23 de Novembro de 1982

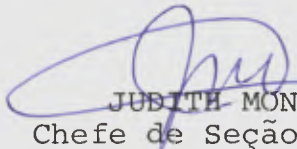

MURILLO MARX
Vice-Presidente

*R.H.
29/12/82*

Sra. Diretora da SE

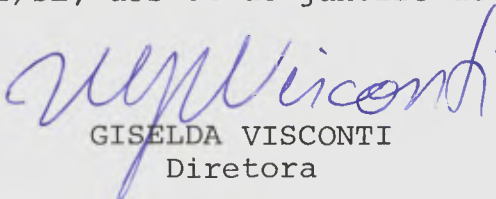
Em cumprimento aos termos do item 1 da Síntese de fls. 72, elaboramos os ofícios anexos à contracapa deste, o qual submetemos à apreciação de Vossa Senhoria.

SE, aos 04 de janeiro de 1983.


JUBITH MONARI
Chefe de Seção Técnica

- 1 - De acordo.
- 2 - Após a remessa dos ofícios encaminhe-se o processo ao STCR para elaborar a respectiva Resolução de Tombamento.

CONDEPHAAT/SE, aos 04 de janeiro de 1983.


GISELDA VISCONTI
Diretora

JM/mtr

Seguem, juntados nesta data, documentos rubricados sob nºs 73, 74 e 75

São Paulo, em 05 de janeiro de 1983

Maria Teresa Romeu



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
Rua Líbero Badaró, 39 - 11º andar - CEP 01009
- C O N D E P H A A T -

13
2/8

São Paulo, 04 de janeiro de 1983.

Ofício SE-03/83
P.CONDEPHAAT Nº 22.362/82

Senhor Prefeito

Temos a honra de comunicar a Vossa Excelência que o E.Colegiado deste Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT, em sua sessão plenária de 23 de novembro último, Ata nº 528 propôs o Tombamento do prédio que abriga o Mercado Municipal dessa Cidade.

Na conformidade da legislação aplicavel à espécie, mais precisamente as disposições contidas nos artigos 142, e seu parágrafo único e 146 do Decreto nº 13.426, de 16-3-1979, a deliberação do Conselho propondo o Tombamento ou a simples abertura do processo, assegura a preservação do Bem até decisão final da autoridade. Como consequência, qualquer intervenção em termos de modificação, reforma ou destruição deverá ser precedida de autorização do CONDEPHAAT a fim de evitar eventual descaracterização.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência protestos de estima e apreço.

Atenciosamente,


GISEIDA VISCONTI
Diretora

Senhor
DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL
DD. Prefeito Municipal de
CAMPINAS - SP
CEP - 13.100

JM/mtr



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
Rua Líbero Badaró, 39 - 11º andar - CEP 01009
- C O N D E P H A A T -

74
AK

São Paulo, 04 de janeiro de 1983.

Ofício SE-04/83
P.CONDEPHAAT Nº 22.362/82

Senhor Delegado

Temos a honra de comunicar a Vossa Senhoria que o E.Colegiado deste Conselho de Defesa do Patri^omônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Esta^odo - CONDEPHAAT, em sua sessão plenária de 23 de novembro últi^omo, Ata nº 528 propôs o Tombamento do prédio que abriga o Merca^odo Municipal dessa Cidade.

Na conformidade da legislação apli^ocável à espécie, mais precisamente as disposições contidas nos artigos 142, e seu parágrafo único, e 146 do Decreto nº 13.426, de 16-3-1979, a deliberação do Conselho propondo o Tombamento ou a simples abertura do processo, assegura a preservação do Bem até decisão final da autoridade. Como consequência, qualquer intervenção em termos de modificação, reforma ou destruição de^overá ser precedida de autorização do CONDEPHAAT a fim de evitar eventual descaracterização.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a Vossa Senhoria protestos de estima e apreço.

Atenciosamente,

GISELDA VISCONTI
Diretora

Senhor
DR. RUBENS FIGUEIREDO
DD. Delegado Titular da
Delegacia Regional de Campinas
Av. Andrade Neves, 471 - Centro
CAMPINAS - SP
CEP - 13.100

JM/mtr



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
Rua Líbero Badaró, 39 - 11º andar - CEP 01009
- C O N D E P H A A T -

15
2/26

São Paulo, 04 de janeiro de 1983.

Ofício SE-05/83
P.CONDEPHAAT Nº 22.362/82


Senhor Diretor

Temos a honra de comunicar a Vossa Senhoria que o E.Colegiado deste Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado - CONDEPHAAT, em sua sessão plenária de 23 de novembro último, Ata nº 528 propôs o Tombamento do prédio que abriga o Mercado Municipal dessa Cidade.

Na conformidade da legislação aplicável à espécie, mais precisamente as disposições contidas nos artigos 142, e seu parágrafo único e 146 do Decreto nº 13.426, de 16-3-1979, a deliberação do Conselho propondo o Tombamento ou a simples abertura do processo, assegura a preservação do Bem até decisão final da autoridade. Como consequência, qualquer intervenção em termos de modificação, reforma ou destruição deverá ser precedida de autorização do CONDEPHAAT a fim de evitar eventual descaracterização.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a Vossa Senhoria protestos de estima e apreço.

Atenciosamente,


GISELDA VISCONTI
Diretora

Senhor
DR. HÉLIO SAMPAIO
DD. Diretor de Serviços Técnicos da
Prefeitura Municipal de Campinas
Praça Voluntários de 32 s/nº
CAMPINAS - SP
CEP - 13100

JM/mtr

Ao Sr. Presidente do Conselho, por
solicitação.

CONDEPHAAT/SE, aos 05 de janeiro de 1983.

G. Visconti
GISELDA VISCONTI
Diretora

GV/mtr

SE

Paula Diretora

Em devolução,

6183

Murillo Marx
MURILLO MARX
Vice-Presidente



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º 46

do P. CONDEPHAAT n.º 22362/1982 (a) 5
PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS

Interessado :

Assunto :

Estudo de tombamento do edifício do Mercado Municipal de Campinas.

AO ARQUITETO RESPONSÁVEL
SOLICITANDO APROVAÇÃO DESEMPENHO
A fls. 72 VERSO, ITEM 2, DO S.E.

[Handwritten Signature]
12/01/83

Sr. Diretor Técnico

Em cumprimento à
determinação supra
segue em anexo a
Minuta de Resolução
de tombamento do
Mercado Municipal
de Campinas.

SICR, 13/01/83
[Handwritten Signature]
Agente Serviço Civil

SRS. DIRETOR DO S.G.
EXAMINAMOS MINUTA DO RESOLUÇÃO
DE TERMO DE BOM TOMO DO EDIFÍCIO DO
MERCADO MUNICIPAL DE CAMPINAJ
CONFORME SOLICITAÇÃO, ANEXO A
CARTÃO 00 P0

J. J. de C. J.
19/01/83



Segue , juntada nesta data, documento rubricada sob n.º 77
folha... de informação

São Paulo em 19 de Janeiro de 1983

(a) Janeira Teresa Romão



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

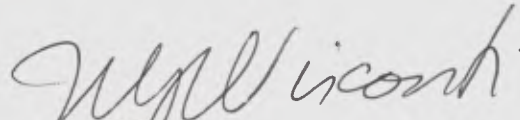
Folha de informação rubricada sob n.º _____
do P. CONDEPHAAT n.º 22362 / 82 (a) _____

Interessado PREFEITURA MUNICIPAL DE CAMPINAS
Assunto Estudo de tombamento do edifício do Mercado Municipal
de Campinas.

Senhor Secretário

Tendo o E.Colegiado em sessão plenária de 23/11/82 decidido pelo tombamento do edifício do Mercado Municipal de Campinas, localizado na quadra delimitada pelas ruas Barreto Leme, Dr. Ernesto Kuhlman, Benjamim Constant e ^{União} ~~Álvares~~ Penteado, objeto deste processo, tenho a honra de encaminhar à elevada consideração de Vossa Excelência a respectiva Resolução para assinatura, se assim o desejar.

CONDEPHAAT/SE, aos 19 de janeiro de 1983.


GISELDA VISCONTI
Diretora

JM/mtr

Segue juntad..... a nesta data, documento rubricad..... sob n.º.....

S.E. G.S., em 24 de Janeiro de 1983

(a)

P. CONDEPHAAT
Nº 22.362/82



ESTADO DE SÃO PAULO

RESOLUÇÃO Nº 1 DE 24 DE janeiro DE 1983.

JOÃO CARLOS GANDRA DA SILVA MARTINS, SECRETÁRIO EXTRAORDINÁRIO DA CULTURA, no uso de suas atribuições legais, e nos termos do artigo 1º do Decreto-Lei nº 149, de 15 de agosto de 1969, e do Decreto nº 13.426, de 16 de março de 1979,

R E S O L V E

Artigo 1º - Fica tombado como bem cultural de interesse histórico - arquitetônico o EDIFÍCIO DO MERCADO MUNICIPAL DE CAMPINAS situado na quadra delimitada pelas ruas Barreto Leme, Dr. Ernesto Kuhlman, Benjamim Constant e Álvares Machado, último remanescente, nessa Cidade, dos tradicionais mercados regionais de venda a varejo e cuja construção data de 1907/8.

Artigo 2º - Fica o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado autorizado a inscrever no Livro do Tombo competente, o imóvel em referência, para os devidos e legais efeitos.

Artigo 3º - Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.

SECRETARIA DA CULTURA, aos 24 de janeiro de 1983.

JOÃO CARLOS GANDRA DA SILVA MARTINS
SECRETÁRIO EXTRAORDINÁRIO DA CULTURA

*Publicada em
28/1/83-DOE*

*1178
em*

79
/

CULTURA

Secretário:

JOÃO CARLOS GANDRA DA SILVA MARTINS

Gabinete do Secretário

Resolução 1, de 24-1-83

O Secretário Extraordinário da Cultura, nos termos do artigo 1.º do Decreto-Lei 149, de 15 de agosto de 1969, e do Decreto 13.426, de 16 de março de 1979, resolve:

Artigo 1.º — Fica tombado como bem cultural de interesse histórico — arquitetônico o Edifício do Mercado Municipal de Campinas situado na quadra delimitada pelas ruas Barreto Leme, Dr. Ernesto Kuhlman, Benjamim Constant e Alvaros Machado, último remanescente, nessa Cidade, dos tradicionais mercados regionais de venda a varejo e cuja construção data de 1907/8.

Artigo 2.º — Fica o Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado autorizado a inscrever no Livro do Tombo competente, o imóvel em referência, para os devidos e legais efeitos.

Artigo 3.º — Esta Resolução entrará em vigor na data de sua publicação.



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
Rua Líbero Badaró, 39 - 11º andar - CEP 01009
- C O N D E P H A A T -

São Paulo, 28 de janeiro de 1983.

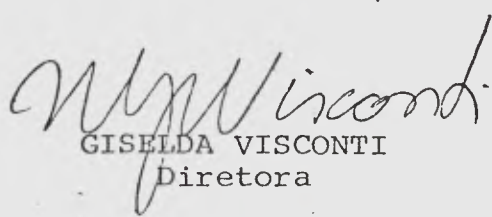
Ofício SE-88/83
P.CONDEPHAAT Nº 22.362/82

Senhor Diretor

Temos a honra de encaminhar a Vossa Senhoria junto a este, xerocópia da Resolução de Tombamento do prédio que abriga o Mercado Municipal dessa Cidade, publicada nesta data no Diário Oficial do Estado.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a Vossa Senhoria protestos de estima e apreço.

Atenciosamente,


GISELDA VISCONTI
Diretora

Senhor
DR. HÉLIO SAMPAIO
DD. Diretor de Serviços Técnicos da
Prefeitura Municipal de Campinas
Praça dos Voluntários de 32 s/nº
CAMPINAS - SP
CEP - 13.100

JM/mtr



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
Rua Líbero Badaró, 39 - 11º andar - CEP 01009
- C O N D E P H A A T -

São Paulo, 28 de janeiro de 1983.

Ofício SE-87/83
P.CONDEPHAAT Nº 22.362/82

Senhor Delegado

Temos a honra de encaminhar a Vossa Senhoria junto a este, xerocópia da Resolução de Tombamento do prédio que abriga o Mercado Municipal dessa Cidade, publicada nesta data no Diário Oficial do Estado.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a Vossa Senhoria protestos de estima e apreço.

Atenciosamente,


GISELDA VISCONTI
Diretora

Senhor
DR. RUBENS FIGUEIREDO
DD. Delegado Titular da
Delegacia Regional de Campinas
Av. Andrade Neves, 471 - Centro
CAMPINAS - SP
CEP - 13.100

JM/mtr



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
Rua Líbero Badaró, 39 - 11º andar - CEP 01009
- C O N D E P H A A T -

São Paulo, 28 de janeiro de 1983.

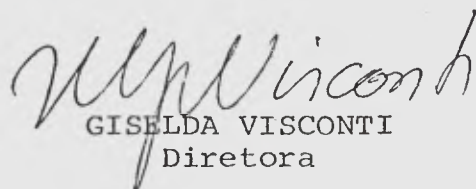
Ofício SE-86/83
P.CONDEPHAAT Nº 22.362/82

Senhor Prefeito

Temos a honra de encaminhar a Vossa Excelência junto a este, xerocópia da Resolução de Tombamento do prédio que abriga o Mercado Municipal dessa Cidade, publicada nesta data no Diário Oficial do Estado.

Aproveitamos a oportunidade para apresentar a Vossa Excelência protestos de estima e apreço.

Atenciosamente,


GISELDA VISCONTI
Diretora

Senhor
DR. JOSÉ NASSIF MOKARZEL
DD. Prefeito Municipal de
CAMPINAS - SP
CEP - 13.100

JM/mtr

À S.T.A (Da. Dilma Nassif)

Para inscrever o bem em questão no Livro
do Tombo competente.

CONDEPHAAT/SE., aos 28 de janeiro de 1983

Giselda Visconti
GISELDA VISCONTI
Diretora

JM/mi

se juve f 83 Du



SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

Folha de informação rubricada sob n.º *83*
do P.CONDEPHAAT n.º 22362 / 1982 (a) *Du*

Interessado Prefeitura Municipal de Campinas

Assunto Estudo de tombamento do edificio do Mercado Municipal de
Campinas.

Senhora Diretora

Em atenção ao despacho de fls 82-verso,
foi inscrito na data de 1/2/83, em questão no Livro
do Tombo Histórico nº 1, nº 208, página 57.

São Paulo, 1 de fevereiro de 1.983

Dilma Nassif
DILMA NASSIF
Enc. de Setor Técnico

- 1 - Ciente.
- 2 - À Seção Técnico Auxiliar para arquivamento.

CONDEPHAAT/SE, aos 02 de fevereiro de 1983.

Giselda Visconti
GISELDA VISCONTI
Diretora

JM/mtr

Segue, juntad..... nesta data, ^{documento} _____ rubricad..... sob n.º.....
folha... de informação

..... em de de 19.....

(a)

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT- Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico,
Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

À Diretoria Técnica,

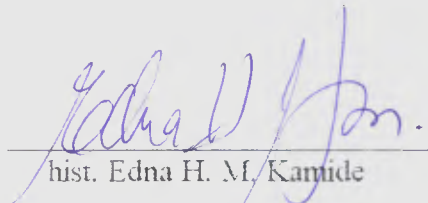
Estamos encaminhando fotografia(s) tirada(s) para a publicação
PATRIMÔNIO CULTURAL PAULISTA - Bens Tombados 1968 - 1998, para serem
anexada(s) aos respectivos processos de tombamento.

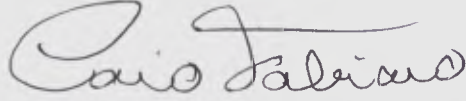
Bem tombado: MERCADO MUNICIPAL

Processo de Tombamento nº: 22362/83 - CAMPINAS

STCR, 22 de junho de 1999.


arq. Tereza C. R. E. Pereira


hist. Edna H. M. Kamide


Colaboração: arq. Caio Manoel de Oliveira Fabiano

85

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Bem Tombado: MERCADO MUNICIPAL Proc. de Tomb.: 22362/83 Res.: 1 24/01/83



Foto: IRACEMA DE O. G. FERNANDES Data: NOV. 97



Foto: IRACEMA DE O. G. FERNANDES Data: NOV. 97

Obs.: Fotos a serem anexadas ao processo de tombamento.

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA
CONDEPHAAT - Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Arqueológico, Artístico e Turístico do Estado de São Paulo.

Bem Tombado: MERCADO MUNICIPAL Proc. de Tomb.: 22362/83 Res.: 1 24/01/83



Foto: IRACEMA DE O. G. FERNANDES Data: NOV. 97

Foto: _____ Data: _____

Obs.: Fotos a serem anexadas ao processo de tombamento.

